



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE DESPORTOS (CDS)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA (PPGEF)

Samara Escobar Martins

**A linguagem do brincar nas rodas de rua tradicionais de capoeira em
Florianópolis**

Florianópolis

2022

Samara Escobar Martins

**A linguagem do brincar nas rodas de rua tradicionais de capoeira em
Florianópolis**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Educação Física, da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do título de mestre em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Alcyane Marinho.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Martins, Samara Escobar

A linguagem do brincar nas rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis / Samara Escobar Martins ; orientador, Alcyane Marinho, 2022.

148 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Capoeira. Lazer. Jogo. Lúdico. Cultura.. I. Marinho, Alcyane. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. III. Título.

Samara Escobar Martins

A linguagem do brincar nas rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis.

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Alcyane Marinho

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Profa. Dra. Jeane Vanessa Santos Silva

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Fábio José Cardias Gomes

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestra em Educação Física.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Dra. Alcyane Marinho

Orientadora

Florianópolis, 2022

ESCUTE AQUI



A música nos conecta com a alma, nos emociona e desperta para o sensível.

Indico para início da leitura desse trabalho uma música que me acompanhou em várias etapas dessa pesquisa.

Foto 1: Amor



Legenda: Minha mãe (grávida do meu irmão), eu e meu pai em algum aniversário.

Fonte: acervo pessoal.

Dedico esse trabalho a minha família, meus maiores fãs e incentivadores; especialmente meus pais, aqueles de quem recebi, além da vida, o maior presente que eu poderia receber: amor.

Foto 2: Iê viva Mestre Jimmy Vall



Dedico, também, ao querido Mestre Jimmy Vall, que foi jogar em outros cantos, nos deixando em julho de 2021, mas vivendo eternamente na memória da capoeiragem de Floripa. Foi meu companheiro de grupo, minha banca no TCC e um grande incentivador dos meus estudos.

Foto: Joaquim Corrêa.

AGRADECIMENTOS

Uma das muitas coisas que eu aprendi com a capoeira foi o poder do coletivo. Uma roda não se faz sozinho.

Muitas foram as pessoas e as circunstâncias que me trouxeram a este momento, no qual um ciclo da minha vida vai se encerrando para um novo se abrir.

São tantas as coisas maravilhosas que me acontecem, pelas quais eu tenho que agradecer. Começamos pelo princípio: tive o privilégio de ter nascido em uma família cuja maior riqueza é o amor. Tenho um irmão maravilhoso, meus avôs e minhas avós que me enchem de mimos, um montão de tios, tias, primos, primas, vários amigos e amigas que são igual família e um companheiro maravilhoso com quem divido a vida há muitos anos. Estamos sempre juntos. Cada uma dessas pessoas tem o meu afeto e a minha gratidão. Recebo tanto amor desde que eu nasci que é impossível não o manifestar em quem eu sou e no que eu faço. Aos meus pais, principalmente, nunca terei palavras suficientes para agradecer por tudo e por tanto. Eles sempre foram, e ainda são, meus maiores incentivadores (e “fãs de carteirinha”). Pai e mãe, por me guiarem nos caminhos para os meus sonhos, obrigada.

Estendo meus agradecimentos à turminha da capoeira (meus irmãos de grupo) e a capoeiragem de Floripa, por serem constante fonte de inspiração e aprendizado. Cada um de vocês tem um espaço muito especial no meu coração. Agradeço, especialmente, ao Polegar, meu mestre, alguém que eu admiro muito, aquele que me ensina a capoeira com atenção e dedicação, fazendo eu me encantar mais por ela a cada dia. Quanto orgulho eu tenho em dizer que sou sua aluna Mestre, obrigada!

Falando em mestres ... eu tenho uma grande mestre, também, na academia. Tive a sorte de conhecer a professora Alcyane logo no início da graduação e isso, sem dúvida, fez toda a diferença na minha vida profissional e pessoal. Quando nos conhecemos eu mal sabia escrever um resumo e, hoje, olhando para trás, consigo perceber o quanto eu aprendi e amadureci. Só que isso não é a melhor parte, o mais especial é aprender a cada dia que não importa quais são as dificuldades, um pouco de gentileza e afeto sempre serão uma boa resposta. Por ser esse exemplo de mulher incrível e uma fonte de amor e inspiração infinita, muito obrigada professora.

Para aguentar as demandas do mestrado, só mesmo dividindo a carga com alguém muito especial. A experiência do curso teria sido outra se não fosse pela Duda, quem esteve nessa estrada comigo desde a graduação. Estudamos juntos para o processo

seletivo do mestrado e, conseguindo as vagas, permanecemos juntas todo o percurso. Dividimos lágrimas e sorrisos, momentos de luta e momentos de glória. A Duda foi meu maior presente nesta jornada acadêmica. Obrigada, amiga! Sem você eu não sei se eu conseguiria.

Agradeço, também, as minhas colegas de laboratório, mulherada forte, empoderada e que me ensina muito todos os dias. Cada uma de vocês me tocou de alguma forma e tem um espacinho no meu coração, obrigada por tudo. Principalmente, agradeço a Ju, a Hanna e a Mira, três mulheres incríveis que eu admiro demais e que marcaram muito a minha trajetória, virando grandes amigas, as quais eu não vivo mais sem. Elas estão sempre no meu coração.

Por fim, agradeço aos participantes da pesquisa por acreditarem que valeria à pena, e por dedicarem tempo e energia para me ajudar. Para cada um de vocês o meu muito obrigada pela disponibilidade e pelo carinho.

A cada uma dessas pessoas a minha eterna gratidão. Não fossem cada um deles, que de uma forma ou outra contribuíram para eu estar aqui, talvez, esse momento não fosse possível. Agradeço, também, a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), pela bolsa que recebi durante todo o período do curso de mestrado, viabilizando a realização dessa pesquisa.

“Capoeira é força que dá vida e faz formiga unida vencer o leão”

Mestre Tucano-Preto (2018).

ESCUTE AQUI



“Escolhi a capoeira porque ela me escolheu.

Olhei para ela, ela sorriu, e naquele instante me acolheu.

Eu sou movido pela capoeira, eu sou movido pelo berimbau”.

Mestre Pequinês (2017)



O que você acha de pegar um café ou talvez um chá?

Talvez este seja um bom momento para segurar uma caneca de algo quentinho. Espero que você aprecie a leitura como apreciamos uma bebida quente no inverno e que a cada gole você se sinta aquecido.

A LINGUAGEM DO BRINCAR NAS RODAS DE RUA TRADICIONAIS DE CAPOEIRA EM FLORIANÓPOLIS

Resumo: A capoeira é uma manifestação cultural, singular e complexa, de origem afro-brasileira, que ao longo da sua história se desenvolveu em diferentes lugares e contextos, nas ruas ou fora delas. Nas rodas, a capoeira se manifesta livremente em suas diversas possibilidades expressivas, políticas, lúdicas e combativas, espaços onde os capoeiristas se reúnem para jogar, tocar e cantar. Acreditamos que questões humanas profundas e transformadoras perpassam pelo brincar e pelo corpo de crianças e de adultos, o que inspirou o objetivo deste estudo, qual seja: investigar a linguagem do brincar nas rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC), na percepção dos capoeiristas. Para tanto, trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva e exploratória com abordagem qualitativa dos dados. Participaram da pesquisa 20 capoeiristas adultos, homens e mulheres, que frequentam, ao menos, uma das rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC). Os voluntários deste estudo realizaram entrevistas semiestruturadas, as quais foram transcritas em sua totalidade e organizadas, com auxílio do *software* N-Vivo 12, para posterior análise, seguindo a técnica de análise de conteúdo. Além disso, foram levantados registros dessas rodas, fotos e vídeos, que os participantes tinham em seu acervo pessoal. Esses registros foram utilizados a partir da técnica de foto-elicitación para coleta de informações. Os resultados da investigação estão sendo apresentados no modelo alternativo (coletânea de artigos). Ademais, o estudo contou com uma ampla pesquisa bibliográfica com vistas à elaboração de um ensaio teórico sobre o tema (artigo 1). Com isso, procuramos nos aproximar de uma compreensão mais ampla do contexto de investigação, considerando os elementos que o rodeiam, social e culturalmente. Em um país como o Brasil, com uma acentuada desigualdade social, torna-se significativo que manifestações, cujo propósito seja a defesa dos direitos das minorias, sejam reconhecidas, contribuindo de forma a avançar nos conhecimentos sobre elas. As categorias encontradas, após a análise dos dados, foram: A) Concepções sobre o brincar, unidades de registro: vadiação, alegria, tensão; B) Ação político-social, unidades de registros: resistência e

educação; e C) Implicações da covid-19, cujas unidades de registro foram: dificuldades e reinvenções. As categorias A e B foram trabalhadas no artigo 2, enquanto a categoria C reverberou na escrita do artigo 3. Embora o estudo tenha encontrado limitações para sua realização, em função da pandemia da covid-19, que impossibilitou a observação das rodas *in loco*, conseguimos atender às expectativas iniciais, ampliando nosso olhar e nossa compreensão para a manifestação da linguagem do brincar nas rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC). Defendemos que o potencial lúdico e brincante, presente no jogo de capoeira, é fundamental à própria experiência do jogo em sua plenitude. Identificamos o brincar como um traço significativo das rodas tradicionais de capoeira, as quais se posicionam de forma contra-hegemônica, evidenciando relações que se estabelecem entre o brincar e o ativismo social. Além disso, a pesquisa destaca a importância de recorrer às manifestações e aos atores sociais invisibilizados ao longo da história ao refletir sobre os desdobramentos do distanciamento social para essas rodas e seus participantes, duplamente desfavorecidos durante a pandemia da covid-19. Assim, o estudo contribuiu, não apenas com o campo científico da Educação Física, mas também com a comunidade da capoeira e suas lutas, dando visibilidade ao fenômeno investigado.

Palavras-chave: Capoeira, Lazer, jogo, lúdico, cultura.

PLAYFUL LANGUAGE IN TRADITIONAL CAPOEIRA STREET CIRCLES IN FLORIANÓPOLIS (SC, BRAZIL)

Abstract: Capoeira is a cultural manifestation, unique and complex, of Afro-Brazilian origin, which throughout its history has been developed in different places and contexts, in the streets or outside them. Capoeira freely manifests itself in its various expressive, political, playful and combative possibilities, spaces where capoeiristas gather to game play, music play and sing. We believe that deep and transforming human issues permeate the playing and the bodies of children and adults, which inspired the objective of this study, which is: to investigate the language of playing in traditional capoeira street circles in Florianópolis (SC), in the perception of capoeiristas. For that, we opted for a field research, descriptive and exploratory with a qualitative approach of the data. Twenty adult capoeiristas, men and women, participated in the research, who attend at least one of the traditional capoeira street circles in Florianópolis (SC). The volunteers of this study carried out semi-structured interviews, which were transcribed in their entirety and organized, with the aid of the N-Vivo 12 software, for further analysis, following the content analysis technique. In addition, we carried out a survey of records of these circles, photos and videos, which the participants had in their personal collection. These records were used using the photo-elicitation technique to collect information. The research results are being presented in the alternative model (collection of articles). Furthermore, we carried out an extensive bibliographic research with a view to the elaboration of a theoretical essay on the subject (article 1). With this, it was intended to bring us closer to a broader understanding of this context, considering the elements that surround it, socially and culturally. In a country like Brazil, with a marked social inequality, it becomes significant that manifestations, whose purpose is the defense of the rights of minorities, are recognized, contributing in a way to advance in the knowledge about them. The categories found, after data analysis, were: A) Conceptions about playing, recording units: loitering, joy, tension; B) Political-social action, recording units: resistance and education; C) Implications of covid-19, whose registration units were: difficulties and reinventions. Categories A and B were worked on in article 2, while category C reverberated in the writing of article 3. Although the study found limitations in its execution, due to the covid-19 pandemic, which made it impossible to observe the wheels in loco, we managed to meet the initial expectations,

expanding our look and our understanding for the manifestation of the language of playing on the wheels of traditional capoeira street in Florianópolis (SC). We defend that the ludic and playful potential, present in the game of capoeira, is fundamental to the very experience of the game in its fullness. We identified playing as a significant trait of traditional capoeira circles, which are positioned in a counter-hegemonic way, evidencing relationships that are established between playing and social activism. In addition, the research highlights the importance of resorting to manifestations and social actors that have been invisible throughout history when reflecting on the consequences of social distancing for these groups and their participants, doubly disadvantaged during the covid-19 pandemic. Thus, the study contributed not only to the scientific field of Physical Education, but also to the capoeira community and its struggles, giving visibility to the investigated phenomenon.

Keywords: Capoeira, leisure, game, playful, culture.

ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Para a dissertação de mestrado, optamos pelo modelo alternativo (coletânea de artigos), estando de acordo com o estabelecido na norma 02 de 2008 do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a qual dispõe sobre as instruções e os procedimentos normativos para elaboração e defesa de dissertações e teses do referido programa.

Desta forma, organizamos o trabalho em quatro partes (listadas abaixo), assim atendendo as exigências institucionais, apresentando uma introdução, a metodologia, os artigos produzidos (com ao menos um publicado e outro submetido) e uma conclusão geral do estudo, seguido dos anexos. O texto dos artigos manterá o formato estabelecido pelas normas das revistas, as quais foram ou serão submetidos/publicados.

1. A RODA VAI COMEÇAR

Introdução do trabalho, apresentação dos conceitos utilizados, objetivos e justificativa.

2. MOVIMENTOS ESCOLHIDOS PARA O JOGO DA ACADEMIA

Percurso metodológico estabelecido para o desenvolvimento da pesquisa e apresentação do contexto investigado.

3. ACHADOS PRECIOSOS NO BALANÇO DESSE JOGO

Artigos elaborados durante o estudo.

4. TERMINA A RODA: O JOGO CONTINUA

Conclusões, comentários e apontamentos continuais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capoeira da ilha: primeiros capoeiras e alguns de seus alunos..... p. 29

Figura 2 - Rodas de rua tradicionais de Florianópolis em 2010 p. 30

Artigo 1

Figura 1 - Apontamentos históricos da capoeira e do Brasil (1500 – 1930) p. 45

Figura 2 - A capoeira e o Brasil no Período Republicano..... p. 53

LISTA DE FOTOS

Foto 1 -	Amor.....	p. 5
Foto 2 -	Iê Mestre Jimmy Vall.....	p. 5
Foto 3 -	Roda do mercado em outubro de 2010	p. 23
Foto 4 -	Roda do Básico, UFSC, 2015	p. 25
Artigo 2		
Foto 1 -	Roda da Figueira (2016)	p. 70
Foto 2 -	Roda do mercado (2018)	p. 71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Rodas da cidade de Florianópolis em 2018.....	p. 31
Quadro 2 - Informações dos participantes da pesquisa	p. 32
Quadro 3 - Organização dos artigos	p. 36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCAP	Associação Cultural de Capoeira Ajagunã de Palmares
CCE	Centro de Comunicação e Expressão
CDS	Centro de Desportos
CECA	Central Esportiva de Capoeira Angola
CM.	Contramestre
CND	Conselho Nacional de Desportos
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
EUA	Estados Unidos da América
FCGF	Fórum de Capoeira da Grande Florianópolis
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LAPLAF	Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física
M.	Mestre
OMS	Organização Mundial da Saúde
PPGEF	Programa de Pós-graduação em Educação Física
SC	Santa Catarina
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

NA VOLTA AO MUNDO ¹

A RODA VAI COMEÇAR	19
OBJETIVOS	22
Objetivo geral	22
Objetivos específicos	22
JUSTIFICATIVA	22
CAMINHOS ESCOLHIDOS PARA O JOGO DA ACADEMIA	26
CONTEXTO DA PESQUISA	27
Rodas da cidade e a capoeira de Florianópolis (SC).....	27
PARTICIPANTES	32
Critérios de inclusão	33
INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	33
PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	34
ANÁLISE DE DADOS	35
ACHADOS PRECIOSOS NO BALANÇO DESSE JOGO.....	36
A HISTÓRIA DA CAPOEIRA E SUAS POSSIBILIDADES LÚDICAS [...]	37
O LAZER E O BRINCAR DOS PARTICIPANTES DAS RODAS DE RUA [...]	61
RODAS DE RUA TRADICIONAIS DE CAPOEIRA EM FLORIANÓPOLIS [...]	87
UM OLHAR FEMININO SOBRE A MESTREIA E A PARTICIPAÇÃO [...]	113
TERMINA A RODA: O JOGO CONTINUA.....	136
REFERÊNCIAS	138
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada	141
APÊNDICE B – Matriz analítica	143
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	145
APÊNDICE D – Consentimento para fotografias, vídeos e gravações	147
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisas com seres Humanos	148

¹ A expressão “volta ao mundo” é utilizada na capoeira para nomear uma ação que os capoeiristas fazem em determinados momentos do jogo, a qual consiste em dar uma volta, caminhando, ao longo de todo o interior da roda, saindo do pé do berimbau e retornando para ele. Quando um jogador inicia uma volta ao mundo, o outro acompanha.

A RODA VAI COMEÇAR

“Na verdade, pouco importa o que digo ou escrevo. O que importa são as palavras que se dizem, vindas das funduras de quem lê”, Rubem Alves (2015, p. 180).

A capoeira é uma manifestação cultural singular e complexa, que envolve em uma única prática elementos de luta, jogo, música e dança. Igualmente complexa é a história da capoeira, não sendo possível determinar com exatidão sua origem, tanto do ponto de vista geográfico quanto temporal. Sabe-se que a história da capoeira se imbrica com a história do Brasil, vinculando-se especialmente ao povo africano que foi trazido ao país para ser escravizado (IPHAN, 2014; KOK, 2010).

Considerando a relação da capoeira com o período da escravização no Brasil, algumas são suas possíveis origens, as quais são conhecidas como mitos fundadores e que foram compiladas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no dossiê “Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres”, o qual foi construído com a participação de vários mestres de capoeira e pesquisadores do país (IPHAN, 2014). Dentre os mitos fundadores, um apresenta a capoeira como uma prática, cujo nascimento foi motivado pela demanda do povo negro por liberdade, buscando diferentes formas de enfrentar o sistema que lhes era imposto, entre elas, transformando seus corpos em arma de resistência física e cultural (PINTO, 2000).

A capoeira concebida como luta de resistências física e cultural é defendida enquanto filosofia de vida e forma de se estar na sociedade por muitos núcleos de capoeira pelo mundo, incluindo a cidade de Florianópolis, como podemos ver nas palavras de um dos mestres da cidade, Mestre Pinóquio, cantadas no CD “Não é luta do patrão”, de autoria dele: “Capoeira que nasceu para dizer não a todo tipo de opressão [...] a capoeira não é luta do patrão. Não temos escola, nem dentista e educação, a escravidão hoje é feita sem grilhão, nos dão a margem e muita televisão.” (PINÓQUIO, 2018). Nessa música, Mestre Pinóquio retrata a continuidade da luta da comunidade da capoeira pelo fim das desigualdades sociais.

Paralelamente ao caráter combativo da capoeira, existe uma essência lúdica e brincante, expressa em características como a busca por prazer e o improviso. Essa dimensão lúdica e brincante é retratada pelo mestre de capoeira Toni Vargas no vídeo “Retalhos de Toni Vargas – sobreviver brincando”. Para ele, o brincar e o lúdico são

elementos muito sérios que compõem um “fator histórico de sobrevivência da capoeira”, resistindo às opressões sofridas (ABEIRAMAR.TV, 2014).

Nas rodas em que a capoeira se manifesta livremente, suas diversas possibilidades de expressão aparecem, onde os capoeiristas se reúnem para jogar, tocar e cantar (DOMÍNGUEZ, 2010), valorizando a espontaneidade e as subjetividades dos envolvidos. Essas rodas, quando acontecem nas ruas, tornam-se um marco nas cidades em que se encontram e são oportunidades onde a comunidade da capoeira sabe que, em determinado dia e horário, uma roda vai se formar (PINTO *et al.*, 2014). A aderência a essas rodas é espontânea e ela acontece com as pessoas que se fazem presente no dia, com os instrumentos que essas pessoas levam, ganhando certa fama nas cidades e passando a ser chamadas de roda tradicional de rua (IPHAN, 2014).

Em Florianópolis, as rodas tradicionais de rua mais antigas possuem ao menos 30 anos de história, sendo algumas delas: a roda do mercado público, a roda da barra da lagoa e a roda da figueira da Praça XV (DOMÍNGUES, 2010). Para a Conrastretra Danuza, no curta “A capoeira na roda e na rua – Florianópolis”, a roda de rua se difere de uma roda de apresentação ou de uma roda que acontece dentro das academias, pois se forma na espontaneidade, sem regras de vestimenta ou comportamentos controlados, apresentando em si um ambiente de troca entre os diferentes e as diferenças (TUNAI AROZI, 2017). Além de uma vontade de preservar uma capoeira que ainda luta pela liberdade. Isso apresenta um olhar que difere a roda *de* rua (aberta, espontânea), da roda que acontece *na* rua (fechada, controlada). Por essas razões, nessa pesquisa, optamos por investigar as rodas de rua.

Nas rodas os capoeiristas estabelecem comunicações corporais guiadas por ritmos e sensações que emanam da própria roda e das pessoas que a estão vivenciando naquele momento. Essa conversa que se estabelece no jogo de capoeira tem significados que podem ser transpassados para outras situações do cotidiano. É o jogo constante da vida, como no lema “Capoeira na roda, capoeira na vida”, o qual foi difundido por Mestre Nô² no meio da capoeiragem e é apresentado no documentário “Nego bom de pulo: Mestre Nô e a capoeira da ilha” (KNABBEN; ENAE, 2016). O estado de jogo, inerente ao ser humano, materializa-se socialmente em elementos da manifestação

² Mestre Nô (Norival Moreira de Oliveira) é um reconhecido e antigo Mestre da Capoeira Angola. Fundador do grupo Capoeira Angola Palmares. Por sua trajetória como educador na capoeira, recebeu da Universidade do Estado de Santa Catarina e da Universidade Federal da Bahia o título de Doutor Notório Saber. Uma de suas contribuições para a capoeira é a reflexão sobre o ser capoeirista para além da capoeira, que resultou no lema pelo qual ele é conhecido “Capoeira na roda, capoeira na vida”.

lúdica, como o brincar e o jogo, de forma espontânea e desinteressada, com fim em si mesmo (HUIZINGA, 2008). Nessa perspectiva, a palavra jogo aparece com dois significados, primeira como a categoria ampla chamada jogo e proposta pelo referido autor, segundo como a ação do jogo tal qual a conhecemos.

É pensando nessa concepção mais ampla de jogo que situamos a ação do jogo de capoeira, compreendo-o como uma possibilidade lúdica que expressa o brincar, imersa em sentimentos de alegria e tensão, seguindo regras livremente estabelecidas, encontrando fim e significados em si (MARTINS *et al.*, 2021). O brincar é para Piorski (2016) uma expressão que se expressa em um inconsciente guiado pela natureza, onde se revelam linguagens, corporeidades, materialidades e sonoridades que permeiam o universo do imaginar. Crianças e adultos, enquanto brincam, estão dialogando com a própria cultura humana a partir de seus gestos livres que representam genuinamente as expressões do próprio ser (MEIRELLES; ECKSCHMIDT; SAURA, 2016; SAURA, 2014). Isto posto, estamos compreendendo nesse estudo como linguagem do brincar todas as expressões e gestões envolvidos no universo lúdico do jogo e da brincadeira.

Partindo dessas considerações, levantamos alguns questionamentos que atravessam esta pesquisa: quem são as pessoas que frequentam as rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis? Quais significados elas atribuem a sua experiência nessas rodas? O que motiva essas pessoas a frequentarem esses espaços? Como elas percebem a linguagem do brincar nesses espaços? Como a pandemia da covid-19 afetou esses encontros?

Na tentativa de responder a estes questionamentos, a luz das epistemologias do Sul (SANTOS, 1999; 2009; 2019; SANTOS *et al.*, 2016) e dos estudos do lazer (SILK, 2007; 2017), fizemos uma ampla pesquisa na literatura sobre o tema, com vistas à construção de um ensaio teórico, bem como uma pesquisa de campo, tendo sido oportunizado aos atores sociais envolvidos falarem sobre suas experiências sobre o assunto.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Investigar a linguagem do brincar nas rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC) na percepção dos capoeiristas.

Objetivos específicos

- Conhecer os(as) capoeiristas que frequentam as rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC).
- Identificar os significados atribuídos pelos capoeiristas às rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC).
- Compreender a concepção de capoeira, lúdico e brincar dos frequentadores das rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis.
- Investigar as repercussões da pandemia da covid-19 para as rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC) e seus frequentadores.

JUSTIFICATIVA

“Quem vem lá sou eu, quem vem lá sou eu, berimbau mais eu, capoeira sou eu”, Domínio Público.

Conheci a capoeira na infância, assistindo as rodas de rua tradicionais da cidade de Florianópolis, onde eu nasci, quando passeava pelo centro com meus pais. Na época eu não sabia direito o que era capoeira, mas a música e as pessoas cantando e se movendo na roda me encantaram no instante em que eu as vi, como se me enfeitiçasse. A criança que fui e sou - encantada pela capoeira - atravessa esse trabalho. Alguns anos depois conheci pessoas que faziam capoeira e tive a oportunidade de começar a praticar e frequentar essas rodas que antes eu só olhava. Nunca mais parei (**Foto 3**). Até hoje a magia das rodas me intriga e o poder formativo da capoeira me encanta. As experiências com a capoeira me ensinaram muito sobre o meu país, conhecimentos a partir dos quais pude entender melhor a mim mesma e me engajar social e politicamente.

Foto 3 – Roda do mercado em outubro de 2010.



Fonte: acervo pessoal da autora (2010).

Meu envolvimento com a capoeira me levou a experimentar a docência, a amar à docência e a desejar ser professora. Em decorrência disso, busquei o curso de Licenciatura em Educação Física e descobri, no início do curso, outra coisa que gosto muito de fazer: pesquisar. A capoeira e a pesquisa, hoje, são as minhas peraltices preferidas. Logo, não pude deixar de me inquietar quando, durante a graduação, algumas literaturas sobre a capoeira, apresentadas em disciplinas, afastavam-se muito da capoeira que eu conhecia na prática; ou eram insuficientes para explicá-la em algumas particularidades. Depois, entendi que a capoeira não é homogênea, portanto, existem diversas capoeiras nos diferentes lugares em que ela se manifesta. Porém, há poucos capoeiristas pesquisadores da capoeira em Florianópolis. Logo, existem poucos estudos que a retratam nessa realidade em particular.

Meus pensamentos se transformaram em inquietação acadêmica, em problema de pesquisa e em vontade de viver a capoeira, também, na vida acadêmica. Pois, afinal, a capoeirista e a pesquisadora não são pessoas diferentes. Na literatura, pude perceber que boa parte dos estudos sobre a capoeira está relacionado às áreas da História ou Sociologia, mas que as pesquisas envolvendo esse conteúdo com a Educação e, particularmente, a Educação Física, são relativamente recentes (FALCÃO, 2004; IÓRIO; DARIDO, 2005), existindo ainda espaços que precisam ser preenchidos.

Willms e Gomes (2014, p. 210), também, observam uma lacuna nas investigações que estudam o “universo sensível e simbólico da corporeidade na capoeira”.

Nas pesquisas nas áreas da Educação e Educação Física, aquelas que estudam a capoeira a partir de preceitos teóricos do Lazer em suas relações com o brincar e o lúdico, são ainda mais raras. Ao passo que são amplas as investigações que exploram a capoeira como ferramenta pedagógica ou meio para algum fim. Poucos são os autores que a retratam como possibilidade de experiência lúdica com fim e significados em si mesma. Porém, em meus estudos sobre o lúdico e o brincar, inspirada pelo documentário “Tarja Branca³” e pelo programa “Território do Brincar⁴”, não pude deixar de relacionar esses conceitos com minhas experiências na capoeira. Especialmente o Tarja Branca me provocou muito ao trazer reflexões sobre sustentar a criança que fomos – que ainda existe em nós – e que o *status quo* atual nos impele a abonar vendendo uma falsa ideia de que precisamos deixar a criança ir embora para o adulto surgir.

Assim, entre 2017 e 2019, desenvolvi com minha orientadora um estudo sobre o lúdico e a capoeira na escola, que contou com ampla participação das minhas parceiras do Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física (LAPLAF/CNPq), espaço em que – brincantes que somos – fazemos todo o tipo de traquinagem. Colhemos lindos frutos dessa pesquisa (MARTINS *et al.*, 2021). Neles, constatamos empiricamente que a manifestação lúdica não só é inerente à própria capoeira, quando ela é valorizada no seu princípio de jogo, como é determinante para a efetivação de processos educativos que sejam significativos para as crianças, valorizando-as enquanto sujeitos que corroboram para manutenção, criação e ressignificação da cultura.

Como continuação desse caminhar, no mestrado, continuo a explorar o elemento lúdico na capoeira, porém, em outro contexto e com outro público, fora da escola e com

³ Documentário que investiga as memórias infantis dos adultos e reflete sobre a importância do brincar em diferentes fases da vida. Produção: Maria Farinha filmes, direção Cacau Rhoden. Ano: 2014.

⁴ Programa que desenvolve um trabalho de escuta, intercâmbio de saberes, registro e difusão da cultura infantil. Nasce dos desejos e inquietações dos educadores e documentaristas Renata Meirelles e David Reeks, que juntamente a outros parceiros e instituições desenvolveram, dentro do programa, um filme longa metragem, diversos filmes curta metragem, além de produções bibliográficas. Todo esse material pode ser acessado no site do programa: <https://territoriodobrincar.com.br/>

adultos. Ampliamos, também, nosso olhar sobre os fenômenos lúdicos, chamando-os linguagem do brincar. Acredito que, ao compreender melhor esse contexto, podemos valorizar e promover a cultura popular como possibilidade lúdica, corroborando para o entendimento do brincar e da capoeira como elementos importantes para o desenvolvimento e a emancipação das pessoas, nos âmbitos pessoal e social. Assim, essa pesquisa poderá dar visibilidade a uma prática historicamente invisibilizada, apresentando elementos importantes para que o campo científico da Educação Física e a sociedade em geral compreendam melhor as relações que se estabelecem entre a linguagem do brincar e as rodas tradicionais de rua, bem como seus desdobramentos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Foto 4 – Roda do básico, UFSC, 2015.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2015).

CAMINHOS ESCOLHIDOS PARA O JOGO DA ACADEMIA

*“O amor marca o impreciso e forte círculo de prazer que liga o corpo aos objetos. Sem o amor, tudo nos seria indiferente – indigno de ser aprendido – inclusive a ciência. Não teríamos sentido de direção ou não teríamos prioridades”,
Rubem Alves (2015, p. 235).*

Caracteriza-se como uma pesquisa de campo, descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa dos dados, uma vez que estão sendo considerados os significados das ações, sentimentos, emoções e das relações humanas, preocupando-se com a realidade em um nível que não pode ser quantificado (GIL, 2008; MINAYO, 2013). Esse delineamento se justifica pela intencionalidade do estudo, que busca aproximar o pesquisador do contexto a ser investigado.

De acordo com Gil (2010), estudos exploratórios possibilitam maior familiaridade com o problema, facilitando a visualização de diferentes aspectos de um mesmo fenômeno. Enquanto a pesquisa descritiva pretende descrever detalhadamente o objeto da investigação, apresentando suas particularidades ou possíveis relações (GIL, 2010). No universo da pesquisa é comum combinar investigações exploratórias e descritivas em estudos que buscam descrever e se aproximar de um determinado contexto (MARCONI; LAKATOS, 2003). Isto posto, a abordagem qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, atitudes e outros fenômenos humanos, os quais compõe a realidade social e não são visíveis, precisando ser expostos e interpretados por aqueles que investigam essa realidade (MINAYO, 2009).

Cabe destacar que, devido à pandemia da covid-19, o estudo foi redesenhado de forma que a investigação fosse possível, mesmo com as restrições impostas pelo distanciamento social. As medidas de segurança sugeridas pelo estado e pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para o enfrentamento do vírus, entre outros desdobramentos, restringiu a realização das rodas de rua na cidade de Florianópolis (SC), as quais não estavam sendo realizadas, até o momento das definições metodológicas da pesquisa. Portanto, inviabilizando sua observação *in loco*.



Você pode, se quiser, começar essa parte do trabalho assistindo a um pequeno trecho do documentário “Nego bom de Pulo” (KNABBEN; ENAE, 2016), no qual os próprios atores sociais envolvidos no início da capoeiragem em Florianópolis narram a história de como tudo começou.

CONTEXTO DA PESQUISA

Rodas da cidade e a capoeira de Florianópolis (SC)

Para falar sobre as rodas de Florianópolis precisamos voltar à década de 1970, quando a história da própria capoeira começa nessa cidade. É possível que outros capoeiristas tenham passado por Floripa⁵ antes deste período, mas foi em 1977 que Lourival Fernando Alves Leite passou e ficou, sendo atualmente conhecido como Mestre Pop⁶ (PINTO *et al.*, 2014; DOMÍNGUES, 2010). Veio com o movimento Hippie, vendia artesanato na Praça XV de Novembro e trazia consigo um berimbau e a bagagem de dois anos de capoeira, tendo sido aluno de Mestre Gato de Sinhá e Mestre Fernandinho, da linhagem de Mestre Caiçara (DOMÍNGUES, 2010).

Mestre Pop foi o primeiro capoeirista a iniciar um trabalho com capoeira na cidade, forjando outros grandes mestres da história da capoeiragem da ilha, como Wilson Calunga (Mestre Calunga) e Valdemiro Pereira Filho (Mestre Pinóquio) (PINTO *et al.*, 2014; DOMÍNGUES, 2010). Foi ele, também, quem organizou a primeira roda de capoeira em Florianópolis, em 1978, na praça XV de novembro, dando o ponta pé inicial da hoje estabelecida roda, conhecida como Roda da Figueira (PINTO *et al.*, 2014).

De acordo com depoimentos dos alunos de Mestre Pop sobre esse primeiro momento da capoeira em Floripa (PINTO *et al.*, 2014; DOMÍNGUES, 2010), essa era inocente, sem muito conhecimento sobre os fundamentos, todo o movimento da capoeira era muito recente, assim a roda realizada na praça XV de novembro, bem como outras organizadas nesse período, eram destinadas a apresentação. Nessas rodas de apresentação não se estabelecia a conversa do jogo propriamente, pois as movimentações muitas vezes não tinham objetividade (PINTO *et al.*, 2014; DOMÍNGUES, 2010).

⁵ Abreviação de nome da cidade: Florianópolis.

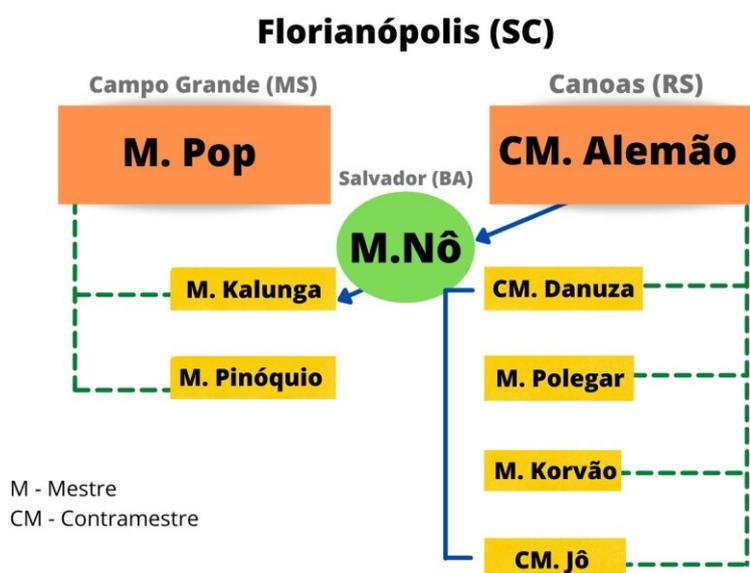
⁶ Quando chegou em Floripa ainda não era mestre, mas tinha autorização do seu antigo mestre para dar aulas (PINTO *et al.*, 2014).

Porém, muda-se para Floripa Carlos Alberto Dal Molin Silva, contramestre Alemão, vindo de um contexto social e de capoeira muito diverso daquele que existia na ilha. Alemão morava em Canoas, no Rio Grande do Sul, cidade industrial com uma constituição social diversa da de Floripa; e trazia uma bagagem forte de uma capoeira muito mais combativa em todos os seus sentidos, tendo vivido *in loco* a capoeira da Bahia e recebendo muitas influências dos mestres de lá, entre eles Norival Moreira de Oliveira, o Mestre Nô, fundador do grupo Capoeira Angola Palmares (PINTO *et al.*, 2014; DOMÍNGUES, 2010). Em Floripa, Mestre Pop e Mestre Calunga mantinha seus trabalhos, com o segundo iniciando nessa década a Roda da Barra da Lagoa, que se estabeleceu como roda tradicional de rua e ainda permanece sob sua organização (DOMÍNGUES, 2010).

A chegada do Alemão na cidade em 1984 é narrada pelas capoeiras como um choque de realidade para a, até então, inocente capoeira de Floripa. Desse encontro de diferentes que se inicia a constituição de um movimento conhecido como Capoeira da Ilha, que traz a ideia de uma capoeira forte, combativa, debatida, documentada e que, essencialmente, se dá na rua, compreendida aqui como o ambiente não institucionalizado, os espaços públicos da cidade, o lugar do povo (PINTO *et al.*, 2014). Nos anos seguintes, muitos acontecimentos importantes em torno da Capoeira da Ilha marcaram a história da capoeira em Florianópolis, acarretando na vinda de grandes mestres da Bahia para a cidade e no surgimento de várias rodas que hoje estão estabelecidas na cidade.

Quando falamos Capoeira da Ilha, não estamos apenas falando da “árvore genealógica” (**Figura 1**) dos primeiros capoeiristas que aqui estiveram e seus descendentes (alunos e alunos dos alunos), estamos falando de uma ideia que as pessoas envolvidas nesse movimento plantaram, de uma capoeira combativa e politicamente localizada, que se mantém como movimento de resistência física e cultural.

Figura 1 – Capoeira da ilha: primeiros capoeiras e alguns de seus alunos.



Fonte: Produção gráfica própria (2021).

Ao trazer aqui um pouco da história da Capoeira da Ilha, que não representa sua totalidade, nem todos os seus envolvidos, apresentamos a ideia de uma capoeira que valoriza suas raízes culturais, que está politicamente engajada com suas causas e que se movimenta, organiza e articula em torno das ideias que a constituem no campo das lutas sociais, tendo nas ruas e espaços públicos da cidade, um local importante de manifestação e pertencimento. Essa é a configuração, na qual nascem as primeiras rodas da cidade, que também representa os ideais, nos quais se constituíram os primeiros mestres forjados por aqui; sendo responsável pela valorização e continuidade desses na capoeiragem de Floripa, culminando nas rodas de rua mais antigas da cidade, que são conhecidas como rodas de rua tradicionais.

Cabe destacar que na década de 1990 começaram a chegar muitos capoeiristas em Floripa de diferentes lugares do Brasil, com diferentes concepções de capoeira, buscando espaços para trabalhar com ela e se estabelecer na cidade (PINTO *et al.*, 2014). Esses capoeiristas que compõe o quadro e a história da capoeira *na ilha*, não necessariamente possuem relação com a capoeira *da ilha*, cujo pertencimento se dá pela efetiva participação nos processos acima relatados (PINTO *et al.*, 2014).

Do mesmo modo, a vinda de diferentes capoeiras para a cidade faz com que surjam diversas rodas de capoeira *na rua* (DOMINGUES, 2010), as quais divergem fundamentalmente das rodas *de rua*, difundidas pela capoeira da ilha (PINTO *et al.*,

2014). Pois, a roda de capoeira na rua é uma roda fechada, de um grupo ou de uma linguagem, que poderia ser uma roda de academia, mas, por algum motivo, está sendo realizada na rua, enquanto a roda de rua, é pública, aberta para quem quiser participar.

Dominguez (2010), antropóloga e capoeirista, em levantamento realizado entre 2009 e 2010, listou dentre as rodas regulares de Florianópolis um total de 11 rodas, as quais podem ser visualizadas na **Figura 2**, junto com o nome do mestre ou grupo que era responsável por cada roda no período do levantamento dessas informações. Contudo, as informações apresentadas pela autora não nos permitem eleger quais destas são rodas *de rua* e são rodas *na rua*.

Figura 2 – Rodas de rua de Florianópolis em 2010.



Fonte: Mapa ilustrativo de Florianópolis desenvolvido por Apa Andrigueti, disponível em banco gratuito de imagens. Modificações para inclusão das informações das rodas foram feitas pela autora (2021).

Contudo, de acordo com Pinto et al. (2014), das rodas supramencionadas, as do Mercado, da Figueira e da Barra são consideradas algumas das mais antigas e, portanto, rodas de rua tradicionais da cidade. Cada uma dessas, hoje, é organizada por um dos pilares constituintes da capoeira da ilha, a roda do mercado pelos alunos do

Contramestre Alemão (Mestre Polegar e Contramestra Danuza); a roda da Figueira pelo Mestre Pinóquio, aluno do Mestre Pop; e a roda da Barra pelo próprio Mestre Calunga.

Em 2019, o Fórum da Capoeira da Grande Florianópolis (FCGF) publicou o Mapeamento Social da Capoeira em Florianópolis⁷, trazendo informações de 2018 sobre as rodas da cidade, espaços de mestres de capoeira e espaços onde se ensina a capoeira. Sobre as rodas, o mapeamento aponta um total de 15 rodas de capoeira sendo realizadas na cidade no ano de 2018 (**Quadro 1**). Dessas, 12 são rodas regulares e três são rodas intermitentes, que não acontecem o ano inteiro (FCGF, 2019).

Quadro 1 – Rodas da cidade de Florianópolis em 2018.

RODAS REGULARES	
1 – Roda do Mercado	7 – Roda da Lua Cheia (Igreja de Pedra)
2 – Roda da Figueira	8 – Roda do Campeche
3 – Roda da Catedral	9 – Roda dos Ingleses
4 – Roda do Calçadão	10 – Roda do Básico
5 – Roda da Lagoa	11 – Roda de Convivência
6 – Roda da Barra	12 – Roda da Associação Quilombola
RODAS INTERMITENTES	
13 – Roda do Trapiche	15 – Roda da Escaparia do Rosário
14 – Roda de Canavieiras	

Fonte: FCGF (2019).

Assim, percebemos que todas as rodas do ano de 2010 (DOMÍNGUES, 2010) ainda existem em 2018 (FCGF, 2019), sendo que, em 2018, foram somadas às rodas da cidade outras quatro: Roda do Campeche, Roda da Associação Quilombola, Roda do Trapiche e Roda de Canavieiras.

O contexto investigado foram as rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC), que se constituem em eventos abertos, organizados pela própria comunidade da capoeira, que acontecem com determinada periodicidade, em espaços públicos da cidade, onde as pessoas se encontram para jogar capoeira.

⁷ Esse levantamento foi realizado por um grupo de pesquisadores do próprio Fórum, assessorados pelo Departamento de Design do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 20 capoeiristas que frequentam as rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC), cujas informações podem ser visualizadas no **Quadro 2**.

Para definir o que estamos considerando como “frequentar” as rodas, estabelecemos uma periodicidade mínima como critério de inclusão. Essa delimitação é importante, pois nesse estudo nos interessa, em especial, as pessoas que sejam pertencentes ao universo das rodas de rua, pois, tais espaços, não raramente recebem pessoas, capoeiristas, ou não, que estão apenas de passagem.

Quadro 2 – Informações dos participantes da pesquisa.

#	sexo	Nome	Idade	Raça/Cor Autodeclarada	Trabalha com capoeira	Renda*
1	H O M E N S	Sambaqui	47	Branco	Sim	c
2		George	64	Branco	Sim	c
3		Rob	44	Negro	Não	b
4		Toni	42	Branco	Não	b
5		Santiago	43	Negro	Sim	b
6		Nori	68	Negro	Não	b
7		Garapa	45	Branco	Não	b
8		Balneário	52	Branco	Não	b
9		Lucas	56	Branco	Não	c
10		Felipe	28	Pardo	Não	b
11		Grande	33	Branco	Não	b
12		Sorriso	62	Branco	Não	b
13		Vilson	47	Negro	Não	b
14	M U L H E R E S	Mel	48	Branca	Não	a
15		Dina	48	Branca	Não	b
16		Alegria	28	Parda	Não	a
17		Pitanga	37	Branca	Não	b
18		Jana	53	Branca	Não	b
19		Julia	28	Parda	Não	b
20		Violeta	52	Parda	Sim	b

* Renda: a) até 1 salário-mínimo- b) de 1 até 3 salários-mínimos – c) de 3 até 5 salários-mínimos.

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Crêterios de inclusão

- Frequentar mensalmente, por pelo menos um ano, ao menos uma das rodas de rua tradicionais de capoeira de Florianópolis (SC); ou, ter frequentado por esse período antes do início da pandemia.

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Procurando compreender melhor as manifesta es da linguagem do brincar nas rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC), foram realizadas entrevistas semiestruturadas, *online* ou presencial (dependendo da preferência do participante) com capoeiristas que frequentam essas rodas. Também estamos buscando em acervos públicos e com os próprios participantes do estudo, registros visuais (fotos e vídeos) dessas rodas.

Para as entrevistas *online*, utilizamos a plataforma virtual *Google Meet*. Tal procedimento tem aporte na literatura (JAMES; BUSHER, 2006; SALMONS, 2012; O'CONNOR; MADGE, 2017), sendo amplamente utilizado nos últimos anos, especialmente em coleta de dados de pesquisas sociais. As entrevistas presenciais foram realizadas na casa dos participantes e gravadas com um aparelho celular. Destacamos que a entrevista semiestruturada, configura-se como um privilegiado instrumento para investiga es sociais, pois dá ao entrevistado a possibilidade de discorrer livremente sobre o assunto em questão (MINAYO, 2009). O roteiro elaborado para a realiza o da entrevista encontra-se no Apêndice A e foi validado por outras quatro pesquisadoras, doutoras, familiarizadas com esse instrumento. Ele está organizado em dois eixos (temas geradores), que buscam contemplar aspectos significativas do contexto investigado, sendo eles: 1) A capoeira, o brincar e o lúdico, e 2) Envolvimento com as rodas de rua. A organiza o do roteiro de entrevista, em rela o aos objetivos da pesquisa, pode ser observada na matriz analítica que se encontra no Apêndice B.

Além disso, o levantamento de registros (fotos e vídeos) dessas rodas de rua tradicionais em Florianópolis (SC), desde suas origens, nos dará a possibilidade de visualizar questões relatadas pelos participantes em suas entrevistas. Para tanto, recorreremos aos acervos dos próprios capoeiristas; e de suas institui es representativas, partindo do Fórum da Capoeira de Florianópolis. Esse material foi importante para nos aproximarmos do contexto investigado, além de possibilitar uma análise das mudanças

que podem, ou não, ter acontecido nas rodas ao longo dos anos, considerando que a roda de rua mais antiga da cidade tem quase 35 anos de história (DOMÍNGUEZ, 2010).

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Esse projeto de mestrado faz parte de um projeto de pesquisa maior, cujo objetivo é investigar possibilidades do brincar em diferentes contextos na região da Grande Florianópolis, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos de Universidade do Estado de Santa Catarina, sob o parecer número 4.124.859 em 20/6/2020 (Anexo A).

Os participantes foram selecionados intencionalmente, considerando o critério de inclusão no estudo. Para tanto, disponibilizamos um questionário *online* aos capoeiristas da cidade, a partir do Fórum da Capoeira de Florianópolis, com as seguintes questões: Você frequenta alguma roda de rua tradicional de capoeira em Florianópolis (SC)? Com que frequência você participa dessas rodas? Há quanto tempo você participa com essa frequência?

O questionário supramencionado ficou disponível por 15 dias, sendo respondido por 12 pessoas que atenderam aos critérios de inclusão e foram convidados a participar da pesquisa. Todos aceitaram. Posteriormente, tivemos um segundo momento de seleção dos participantes que ocorreu por meio da técnica de amostragem “bola de neve”, a qual consiste na possibilidade de os próprios participantes indicarem outros possíveis participantes para o estudo (VINUTO, 2014), os quais igualmente devem atender ao critério de inclusão. Recebemos 18 indicações de participantes que atendiam aos critérios de participação na pesquisa, sendo que as oito primeiras indicações foram convidadas a participar da pesquisa, totalizando 20 capoeiristas que participaram do estudo.

Mediante o aceite em fazer parte do estudo, os participantes concordaram com os termos estabelecidos na Declaração de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C), assinando o documento que foi enviado aos mesmos por *e-mail* ou pelo aplicativo gratuito de conversa *WhatsApp*. Além disso, assinaram, também, um Termo de Consentimento para Fotografias, Vídeos e Gravações concedidas para o estudo (Apêndice D); e uma autorização de direito do uso de imagens e gravações produzidas durante o estudo (Apêndice E), que foram disponibilizados da mesma forma. Com isso, demos início à coleta de dados, que consistiu em uma entrevista semiestruturada, *online*

ou presencial, e no levantamento de registros (fotos e vídeos) que os próprios participantes tinham dessas rodas; ou seja, paralelamente à realização da entrevista, perguntamos aos participantes se eles tinham registros dessas rodas, e se eles poderiam compartilhar tais registros conosco.

Para a realização das entrevistas foi agendado um dia e horário, conforme a disponibilidade dos participantes. As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo e transcritas em sua totalidade, bem como, após transcritas, foram enviadas para validação do seu conteúdo pelos participantes. No entanto, eles tiveram o direito de não responder as questões, caso não quisessem (SHENTON, 2004). Além disso, garantindo as exigências éticas para pesquisas com seres humanos, os participantes puderam se retirar a qualquer momento do estudo se essa fosse sua vontade; e suas identidades foram preservadas.

ANÁLISE DE DADOS

As entrevistas transcritas foram organizadas com o auxílio do *software* Nvivo 12, um programa computacional que auxilia no armazenamento e organização de dados qualitativos. Seu conteúdo foi analisado a partir da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2009), onde realizamos três etapas: pré-análise, exploração e tratamento/interpretação dos dados (BARDIN, 2009).

Na pré-análise organizamos o material a ser analisado com o intuito de sistematizar as ideias iniciais. Na etapa seguinte foram feitas as codificações e enumerações, identificando as unidades de registro e de contexto. Na fase final, definimos as categorias de análise, as quais foram relacionadas aos objetivos da pesquisa (BARDIN, 2009; BENITES *et al.*, 2016).

Além disso, as categorias de análise foram validadas por outra pesquisadora, a qual chegou nas mesmas categorias de análise que a pesquisadora principal. As fotos e vídeos, por sua vez, foram utilizados com a técnica de Foto-elicitação para recolha de informações, conforme Rodrigues e Costa (2017), as quais devem estimular e complementar as informações obtidas durante as entrevistas.

Os dados obtidos a partir das entrevistas e dos registros de vídeos e fotos foram confrontados com a literatura e submetidos à análise crítica de outras duas pesquisadoras, além da pesquisadora principal, garantindo a triangulação dos dados e a confiabilidade do estudo (POLIT; BECK, 2014).

ACHADOS PRECIOSOS NO BALANÇO DESSE JOGO

A organização dos artigos que compõem essa dissertação pode ser visualizada no **Quadro 3**, seguida do texto completo dos referidos artigos.

Quadro 3 – Organização dos artigos.

ARTIGO 1
Título: A história da capoeira e suas possibilidades lúdicas, brincantes e imaginárias
Revista: Revista Brasileira de Estudos do Lazer – RBEL Status atual: Submetido Data de submissão: 23/06/22
Descrição: Ensaio teórico representativo da referencial teórico utilizado na investigação. Objetivo do ensaio: refletir sobre as possibilidades históricas da capoeira com o lúdico.
ARTIGO 2
Título: O lazer e o brincar dos participantes das rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (Sul do Brasil).
Revista: Leisure Studies Status atual: Aguardando submissão
Descrição: Apresenta os resultados da pesquisa de campo. Objetivo do artigo: investigar a manifestação do brincar dos participantes das rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (Sul do Brasil).
ARTIGO 3
Título: Rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC, Brazil): impactos da pandemia da covid-19
Revista: Leisure Studies Status atual: Submetido Data de submissão: 10/12/21
Descrição: Apresenta os resultados da pesquisa de campo. Objetivo do artigo: investigar os impactos da pandemia da covid-19 nas rodas tradicionais de capoeira em Florianópolis (Sul do Brasil).
ARTIGO 4
Título: Um olhar feminino sobre a mestria e a participação da mulher na capoeira da grande Florianópolis.
Revista: Licere Status atual: Publicado Data de submissão: 28/12/20
Doi: https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.31340
Descrição: Estudo de caso feito por meio do banco de dados de um projeto maior do LAPLAF. Objetivo: refletir sobre a participação feminina na capoeira, a partir da trajetória de uma mulher, mestra de capoeira, em Santa Catarina.

Fonte: autoras (2022).

ARTIGO 1 - A HISTÓRIA DA CAPOEIRA E SUAS POSSIBILIDADES LÚDICAS, BRINCANTES E IMAGINÁRIAS

A HISTÓRIA DA CAPOEIRA E SUAS POSSIBILIDADES LÚDICAS, BRINCANTES E IMAGINÁRIAS

RESUMO: Este ensaio teórico tem como objetivo refletir sobre as possibilidades históricas da capoeira com o lúdico. Para tanto, ensaio teórico está sendo entendido como um texto reflexivo e interpretativo baseado na literatura existente sobre um determinado tema. Exploraremos como fundamento teórico a história cultural e nossas reflexões dialogarão com as epistemologias do Sul, as quais surgem como um movimento descolonizador e contra-hegemônico. O ensaio está organizado em uma introdução teórico-metodológica, seguida dos tópicos: “Origem e significados da capoeira”; “Apontamentos Históricos” e “O jogo de capoeira e o brincar”. Defendemos que o potencial lúdico e brincante presente no jogo de capoeira se constitui não só como uma característica possível, mas fundamental à própria experiência do jogo em sua plenitude.

Palavras-chave: Lazer. Cultura. Cultura afro-brasileira. Justiça social.

THE HISTORY OF CAPOEIRA AND ITS PLAYFUL, PLAYING AND IMAGINARY POSSIBILITIES

ABSTRACT: This theoretical essay aims to reflect on the historical possibilities of capoeira with the ludic. Therefore, theoretical essay is being understood as a reflective and interpretive text based on the existing literature on a given topic. We will explore cultural history as a theoretical basis and our reflections will dialogue with the epistemologies of the South, which emerge as a decolonizing and counter-hegemonic movement. The essay is organized in a theoretical and methodological introduction, followed by the topics: “Origin and meanings of capoeira”; “Historical Notes” and “The Capoeira Game and Playing”. We defend that the ludic and playful potential present in the game of capoeira is constituted not only as a possible characteristic, but fundamental to the very experience of the game in its fullness.

Keywords: Leisure. Culture. Afro-brazilian culture. Social justice

LA HISTORIA DE LA CAPOEIRA Y SUS POSIBILIDADES LÚDICAS, DE JUEGO E IMAGINARIAS

RESUMEN: Este ensayo teórico tiene como objetivo reflexionar sobre las posibilidades históricas de la capoeira con lo lúdico. Por lo tanto, el ensayo teórico se está entendiendo como un texto reflexivo e interpretativo basado en la literatura existente sobre un tema determinado. Exploraremos la historia cultural como base teórica y nuestras reflexiones dialogarán con las epistemologías del Sur, que emergen como un movimiento descolonizador y contrahegemónico. El ensayo está organizado en una introducción teórica y metodológica, seguida de los temas:

“Origen y significados de la capoeira”; “Apuntes históricos” y “El juego y el juego de la capoeira”. Defendemos que el potencial lúdico y lúdico presente en el juego de la capoeira se constituye no sólo como una característica posible, sino fundamental para la experiencia misma del juego en su plenitud.

Palabras-clave: Ocio. Cultura. Cultura afrobrasileña. Justicia social.

A roda vai começar

A capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira que está, atualmente, presente em um amplo território geográfico, ocupando mais de 150 países nos cinco continentes (DELAMONT; STEPHENS, 2008; JOSEPH, 2012; IPHAN, 2014). É uma manifestação singular e complexa, que envolve elementos de jogo, dança e luta. Sabe-se que a história da capoeira se imbrica com a história do Brasil, vinculando-se especialmente ao povo africano que foi trazido ao país para ser escravizado.

Essa realidade é retratada nas cantigas de capoeira até os dias atuais, como na música do Mestre de Capoeira, Toni-Vargas (2010): “Eu tive pai, eu tive mãe, eu tive filha, mas perdi toda a família, a liberdade e o amor. E hoje em dia eu só tenho dor e calo, trabalhando no embalo, do chicote do feitor”. As músicas de capoeira carregam muitos significados e sentimentos que permeiam sua história e das pessoas que a praticam, colocando em verso e poesia realidades da capoeiragem de agora e de antigamente. Conforme Willms e Gomes (2014, p. 213) “entre corpo, literatura e ciência não há confrontos, mas comunicabilidade, por meio de vários outros suportes, códigos, conceitos e sentidos”. Assim, essas cantigas que atravessam e legitimam a história da capoeira fazem parte deste trabalho, aproximando-nos desse contexto cultural.

Ao falar das lutas sociais retratadas na capoeira de agora e de outrora, precisamos falar sobre as cicatrizes profundas deixadas pela escravização no nosso país, a qual deu origem a diferentes mazelas sociais. Nesse sentido, a abolição da escravização que se efetiva com a Lei Áurea de 1988, acaba legalmente com a escravização, mas não desconstrói o pensamento escravocrata, mantendo na sociedade os preconceitos e pensamentos que permitiram a duração desse sistema por mais de 300 anos no Brasil (KOK, 2010; KALIL, 2014). Corrobora com essas autoras a percepção dos próprios capoeiristas sobre essa situação, como retratado na canção “Negro Forte”:

“Meu tataravó foi escravo, eu sou escravo hoje em dia. A capoeira cresceu, ganhou força girou nesse mundo, mas me chamam de moleque e ainda me tratam como vagabundo” (TONI-VARGAS, 2019).

Ainda sobre as desigualdades que assombram o Brasil e o mundo, Gonzales (1988) e Santos (1999; 2019) trazem contribuições teóricas ao ampliar a discussão sobre o pensamento abissal, o qual dividiu o mundo em metrópole e colônia, sendo a colônia subalterna à metrópole. Assim sendo, essa distinção é a responsável por grandes exclusões e desigualdades, não sendo eliminada com o fim das colônias, mas continuando em outros formatos, como o racismo e as injustiças sociais (GONZALES, 1988; SANTOS, 1999; 2019). Frente às opressões vivenciadas, alguns estudos apontam o papel da cultura em todas as suas oportunidades expressivas de possibilitar resistência às violências sociais sofridas (GONZALES, 1988; SHEPARD, 2015; COLLINS, 2018; WILLIAMS, 2018). Nessa perspectiva, o gesto do brincar surge como um pouco de alegria para a dureza do mundo (PIORSKI, 2016).

Partindo dessas considerações, esse ensaio teórico tem como objetivo refletir sobre as possibilidades históricas da capoeira com o lúdico. O ensaio teórico é, conforme Meneghetti (2011), um texto interpretativo, que propõe reflexões profundas e minuciosas, baseado na literatura existente sobre um determinado tema. Para tanto, exploraremos como fundamento teórico a história cultural, pois esta tem se “empenhado, entre outras coisas, a resgatar sensibilidades do passado, ou as práticas culturais do sensível, através das marcas deixadas nos materiais de arquivo, nas artes, na literatura” (PASAVENTO, 2007, p.15). Nossas reflexões dialogarão com as epistemologias do Sul (SANTOS, 1999; SANTOS et al., 2016; SANTOS, 2019), as quais surgem como um movimento descolonizador e contra-hegemônico. Assim, esse ensaio está organizado nos tópicos: “Origem e significados da capoeira”; “Apontamentos Históricos” e “O jogo de capoeira e o brincar”.

Origem e significados da capoeira

É difícil determinar - do ponto de vista geográfico, cultural e etimológico - a origem da capoeira. Considerando sua diversidade e a íntima relação com as peculiaridades de

cada contexto em que se desenvolveu, existem três prováveis origens, conhecidas como mitos fundadores, que são: a capoeira já existia na África e veio para o Brasil com os negros que foram escravizados; a capoeira foi criada no Brasil pelos negros escravizados e a capoeira tem origem indígena (IPHAN, 2014).

A origem indígena é a menos provável. De acordo com Lussac (2015), os documentos e estudos que temos até o momento não nos permitem afirmar a origem da capoeira a partir de uma influência direta e exclusivamente indígena. Contudo, não podemos ignorar a possibilidade de trocas entre esses grupos, as quais poderiam influenciar a capoeira. Tal afirmação pode ser constatada pelo próprio nome da prática: capoeira, vocábulo originário do tupi-guarani, que significa “mato ralo” (LUSSAC, 2015; IPHAN, 2014).

Igualmente, embora existam relatos de práticas semelhantes à capoeira na África e seja inegável a relação da capoeira com a cultura africana, ao considerar que as culturas são construídas e influenciadas pelo contexto que as cercam (GEERTZ, 2008), não podemos afirmar que essa foi trazida intacta pelos africanos escravizados e mantida integralmente no Brasil, tal qual era praticada lá (IPHAN, 2014). Portanto, é importante reconhecer a raiz africana, incontestável, mas também considerar as mudanças e as ressignificações que possivelmente ocorreram em solo brasileiro. Assim, ainda que exista na África uma prática que possa ser ancestral a capoeira, quando essa chega no Brasil, ressignifica-se, sendo moldada pelo contexto local.

Embora existam diferentes interpretações da capoeira, a dimensão múltipla não é deixada de lado, coexistindo a questão musical, a luta, os golpes e o jogo; mas com diferentes enfoques em cada um, dependendo das singularidades do local em que se manifesta (IPHAN, 2014). Muitas são as músicas de capoeira que valorizam a dimensão múltipla dessa prática, como nas palavras do Mestre de capoeira Liminha (2015): “do lugar de onde eu venho capoeira tem seu valor, jogo, canto, toco pandeiro, berimbau, atabaque e agogô”. Destarte, a capoeira compõe expressões corporais artísticas, literárias e imaginárias (WILLMS; GOMES, 2014).

Pensando nos contextos histórico e social que envolve a capoeira, reconhecemos os diversos mitos fundadores que permeiam sua possível origem, mas, nesse trabalho, nos alinhamos com Pinto (2000), autor para quem a capoeira surge extremamente

atrelada à luta do povo negro no Brasil. A subalternidade do país a uma metrópole foi responsável por exclusões e desigualdades, as quais desembocam no racismo e nas injustiças sociais (SANTOS, 2019). Em referência ao período da escravização, a música “Quando eu venho de Luanda” expressa “Trago ardendo nas costas o peso dessa maldade, trago ecoando no peito um grito de liberdade [...] que é grito da raça negra, que é grito de capoeira” (TONI-VARGAS, 2008).

Pensar na origem e nos significados da capoeira exige, necessariamente, uma compreensão de que a cultura é dinâmica e não cristalizada (GEERTZ, 2008). A capoeira, concebida como manifestação da cultura e oportunidade de lazer, deve ser compreendida a partir do tempo, do espaço e do contexto de que se fala, possuindo diversas possibilidades de interpretação. Nesse sentido, percebemos que a capoeira se situa na cultura e na sociedade, transformando-se de forma dinâmica, contraditória e por meio dos conflitos e interações em diferentes aspectos: econômico, social, cultural e político. Manifestando, portanto, diferentes significados, sendo conflito, lazer, brincadeira, dança e luta, estando presente nas ruas, praças, campos, nos clubes, nas festas urbanas e na política (IPHAN, 2014).

Dessa forma, a realidade social articula as ações das pessoas, não os permitindo compreender os fenômenos sociais isoladamente, ou seja, considerando as especificidades da capoeira, não podemos pensá-la sem a confrontar com processos mais amplos que a determinam. Assim, passamos a refletir sobre diferentes tempos e contextos históricos que atravessam a capoeira e seus significados.

Apontamentos históricos

A história da capoeira se relaciona intimamente com a história dos negros no Brasil, desde o início do período colonial, meio pelo qual, ao menos quatro milhões de africanos: mulheres, homens e crianças, chegaram ao país (KOK, 2010; KALIL, 2014). Para Santos (2019), nutrido de conceitos marxistas, a escravização é o grau extremo da desigualdade, que se dá na relação capital/trabalho. Vinham em tumbeiros, também chamados navios negreiros, sendo o porto de Luanda um dos principais locais de partida (IPHAN, 2014). Essa história se materializou em diferentes expressões artísticas no

Brasil, como músicas, filmes e poesias; dentre as quais, a composição chamada Navio Negreiro “tumba flutuando, terra mãe distante, dor e desespero. Navio Negreiro. Segue a nau errante, singrando saudades, África distante, ouça os meus cantares” (TONI-VARGAS, 2008).

O pensamento eurocêntrico, de acordo com Santos (2019), traz a ideia de progresso associada a sacrifícios em nome de um bem futuro; em uma relação desbalanceada entre metrópole e colônia. A sociedade metropolitana reconhece os benefícios do seu lado, mas minimiza os prejuízos das sociedades coloniais no lado oposto, o qual nunca teve como contraponto algum benefício futuro (GONZALES, 1988; SANTOS, 2019).

Conforme Kok (2010), estima-se que quase metade da população negra do país era livre no final do período colonial, terminando em 1815 com a vinda da família real Portuguesa; porém, isso não significava que eles gozavam de qualquer prestígio junto às pessoas livres brancas. Ao contrário, sujeitos a voltar arbitrariamente à condição de escravizados a qualquer momento, essas pessoas viviam às margens da sociedade, nas periferias dos centros urbanos, nos campos e nos diferentes lugares onde a capoeira foi se desenvolvendo (IPHAN, 2014).

Embora saibamos que muitos foram os lugares e contextos em que a capoeira se desenvolveu, como prática urbana ela foi se relacionando com o universo do trabalhador de rua, principalmente carregadores e estivadores, ocupação exclusiva de homens negros e relacionadas com o ambiente portuário (IPHAN, 2014). Nesses contextos, os capoeiristas tinham um ritmo de trabalho que transgredia os padrões da ordem pública, tendo períodos de ociosidade entre um trabalho e outro, os quais eram entremeados de confusões e diversão, o que lhes rendeu as conotações de vadios⁸ e arruaceiros (IPHAN, 2014). Assim, a capoeira e o universo do trabalho nas ruas se misturam, influenciando-se simultaneamente em momentos lúdicos de lazer ou de conflitos.

No século XIX, a capoeira foi um movimento que marcou a vida social do Rio de Janeiro e de Salvador; embora fosse fortemente marginalizada. O mesmo acontecia com

⁸ O termo vadio, desde o final do século XIX, era usado para referir-se a quem não tinham trabalho; bem como, todos os que viviam de ocupações esporádicas. Seu derivado: vadiação, era usado para classificar as brincadeiras, os jogos e os divertimentos de rua do povo; repudiados pelos que desejam uma sociedade nos padrões europeus (IPHAN, 2014).

outras práticas culturais ligadas à cultura africana, como o candomblé e o samba (GONZALES, 1988), os quais estavam estreitamente relacionados com o universo da mesma pessoa que praticava a capoeira, naquele período, em sua maioria homens negros e pobres (IPHAN, 2014). Assim, mesmo que, em 1830, no Código Criminal Brasileiro (primeiro código penal do país), a capoeira não aparecesse de forma direta, era enquadrada no artigo que aborda sobre os andarilhos e mendigos (MORAUN *et al.*, 2015), evidenciando a conotação social que era atribuída às pessoas que a praticavam nessa época.

No Rio de Janeiro e em Salvador, muitos foram os conflitos entre a polícia e os capoeiristas. Estes eram conhecidos por desafiar a ordem local e provocar brigas e correrias, nas quais aconteciam os golpes de cabeça, as navalhadas e as rasteiras (IPHAN, 2014; MORAUN *et al.*, 2015). Os capoeiras também ficaram conhecidos por seu envolvimento com as eleições dessas cidades, pois eram contratados pelos partidos para obrigarem as pessoas a votarem nos candidatos do partido para o qual trabalhavam, e, em troca, recebiam proteção da polícia local (IPHAN, 2014).

Para além da repressão, do viés violento e da estigmatização negativa, a capoeira continuou crescendo enquanto movimento social e manifestação da cultura de um povo, tornando-se razão para a troca de relações culturais mais amplas com diferentes setores da sociedade. De acordo com o Iphan (2014), mesmo que a capoeira tenha alcançado outras classes sociais no período colonial, é a partir de 1850, no Brasil Imperial, que se identifica de forma mais concisa nomes de militares, letrados e aristocratas entre seus praticantes. “Capoeira é coisa de escravo, de pobre, de oprimido, de homem trabalhador. Apesar de hoje ser praticada, e até mesmo disputada, por barão e até doutor”, retrata a música “Sou um cidadão considerado”, do Mestre Toni Vargas.

Cabe destacar que, pouco antes do início do período Imperial, os capoeiristas ganharam certo prestígio por sua participação na Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870 (KOK, 2010). No mesmo período, a capoeira também ganha fama como brincadeira ou folguedo por suas participações nas festas de rua da cidade, sendo reconhecida como luta, mas também divertimento nas folgas do serviço ou, até mesmo, durante o trabalho (IPHAN, 2014).

No ano de 1888, cedendo a pressões internacionais e seguindo a tendência mundial, o Brasil põe fim à escravização em todo o seu território. Para Kalil (2014), as mudanças econômicas que ocorriam no mundo, após a revolução industrial, foram tornando o mercado competitivo e, aos poucos, minando o sistema de escravização, tornando inevitável a sua falência. Por esse motivo, antes mesmo da abolição, muitas fazendas não tendo mais como alimentar tantas bocas, simplesmente soltavam seus escravizados (KOK, 2010).

As condições de vida e trabalho dos, até então, escravizados continuaram precárias, sujeitos à fome, à miséria e aos maus tratados, vivendo às margens da sociedade, e quando empregados, reduzidos a funções de servos (KOK, 2010). A lei Áurea de 13 de maio de 1888, que declarou a abolição da escravização, não acabou automaticamente com o pensamento escravocrata. As pessoas negras não eram vistas como iguais e foram soltas à própria sorte, sem nenhum tipo de compensação histórica ou oportunidade (KOK, 2010). Para as elites, não servindo mais como escravizados, eles passaram a ser um estorvo.

Poucos anos após a abolição, teve início o período da República, quando a capoeira é inserida de forma direta no Código penal Brasileiro, por meio do Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890, no “capítulo XVIII - dos vadios e capoeiras” (BRASIL, 1980). Com isso, a maioria dos capoeiristas da época são presos (especialmente aqueles da então capital: Rio de Janeiro), e enviados para a ilha de Fernando de Noronha, em uma campanha comandada pelo chefe de polícia Sampaio Ferraz, no governo de Deodoro da Fonseca (IPHAN, 2014). Ao estabelecer o que é normal ou avançado, a sociedade desqualifica e invisibiliza as outras formas de existir, marginalizando as culturas que mais enfaticamente criticam o *status quo* (SANTOS, 2019). Apesar da dura perseguição que sofreu, a capoeira manteve-se viva, ora como luta, ora como brincadeira, ou como qualquer outra coisa que ela precisou ser.

Mesmo com a dura repressão e com o estigma social de criminosos ou baderneiros, no final do Império e início da República, a capoeira tem uma recuperação social promovida (principalmente) pelo movimento nacionalista da *Belle Époque* (1870-1922), o qual defendia a capoeira como ginástica brasileira (FALCÃO, 2004; IPHAN, 2014). Ao mesmo tempo, as elites sonhavam com uma metrópole nos moldes da

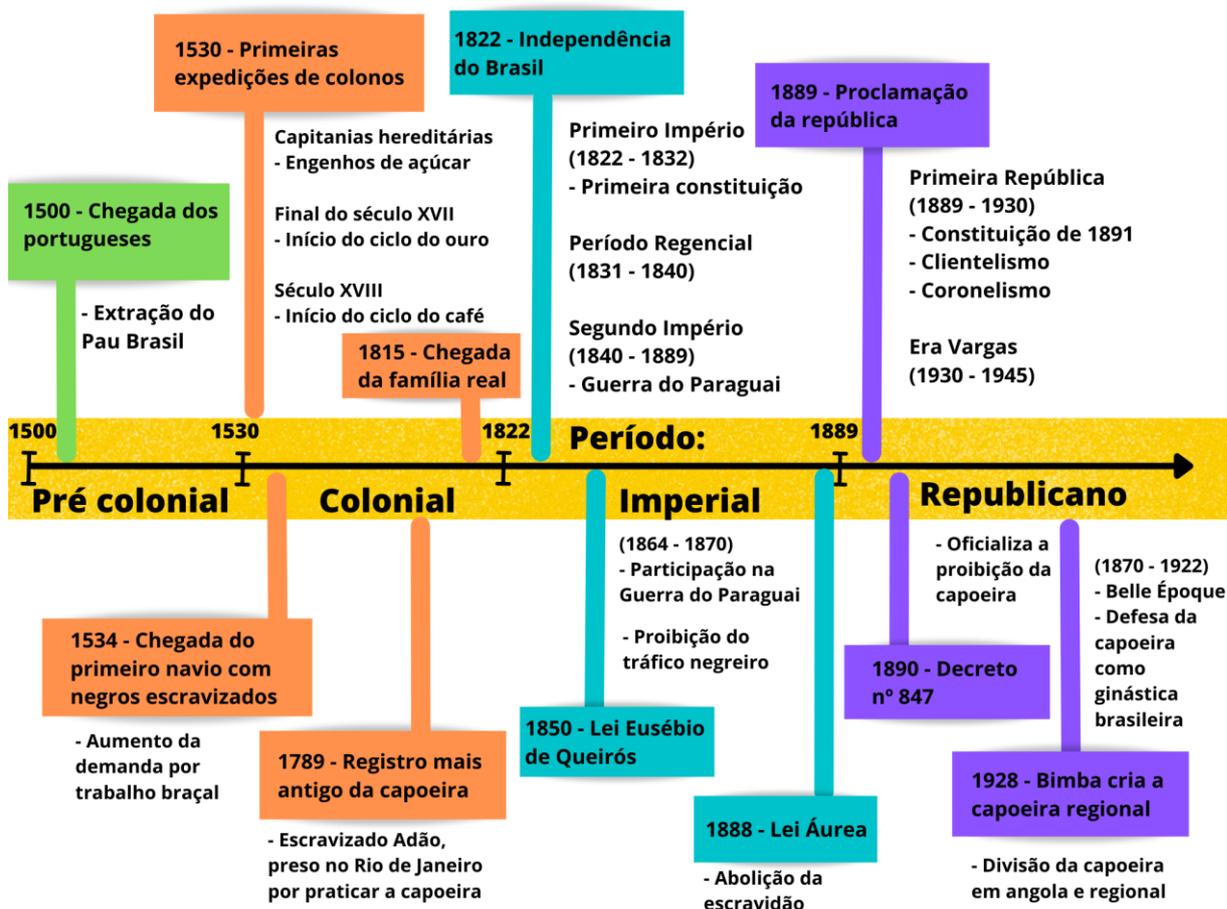
sociedade europeia, o que diziam não ser possível sem a eliminação dos hábitos e costumes africanos (IPHAN, 2014). Para Santos (2019), a representação da Ásia, da África e da América Latina como menores e de terceiro mundo em relação ao norte global, é justamente uma das heranças mais persistentes do colonialismo.

Ainda assim, a ideia de nação difundida pelos intelectuais da *Belle Époque* influenciou o lugar da capoeira na cultura brasileira, promovendo-a como instrumento de defesa e arte própria do Brasil (IPHAN, 2014). Na década de 1930, influenciada pelos diferentes interesses e conflitos da sociedade, a capoeira sofre grandes transformações e começa a receber um novo olhar no âmbito social e das políticas públicas (SILVA, 2011). Tal movimento é impulsionado pelo engajamento dos capoeiristas, que buscavam legitimar sua prática e firmar seu espaço perante a sociedade. Luta fortalecida pelo apoio de intelectuais, estudiosos, e grandes mestres de capoeira da época (NORONHA; PINTO, 2004).

Nesse período, tem-se a divisão da capoeira em capoeira angola e capoeira regional, destacando-se na Bahia duas figuras importantes: Mestre Bimba e Mestre Pastinha, pioneiros na organização de espaços institucionalizados para se ensinar e para praticar a capoeira (IPHAN, 2014). A divisão da capoeira em angola e regional é polêmica, tendo desdobramentos que dividem a opinião da comunidade da capoeira. Contudo, é inquestionável que esse movimento de separação foi um marco determinante para a institucionalização da capoeira que, “para o bem ou para o mal”, foi importante para sua popularização e difusão nos âmbitos nacional e internacional.

A organização temporal dos apontamentos históricos da capoeira, supramencionados, localizados nos respectivos períodos da história do Brasil, pode ser visualizada na **Figura 1**.

Figura 1 - Apontamentos históricos na capoeira e no Brasil (1500 - 1930).



Fonte: produção gráfica da autora (2021).

Durante o regime de escravização, até um pouco depois da abolição, a capoeira foi ensinada sem metodologia ou pedagogia específica. Aprendia-se ouvindo os velhos mestres que ensinavam baseados na experiência da sua prática e pela observação (ABREU, 1999). Esses processos de ensino e aprendizagem baseados na oralidade, chamados de oitiva, foram fundamentais para o desenvolvimento da capoeira (ABID, 2006). As primeiras gerações de praticantes, considerando o período histórico, possivelmente não sabiam ler ou escrever, portanto, as contribuições de pessoas de outros setores da sociedade foram relevantes para as movimentações que levam a institucionalização dessa prática.

As transformações na capoeira, na década de 1930, sucedem em um contexto histórico, no qual estão acontecendo processos de renovação institucional das manifestações culturais negras, que buscavam legitimação, legalização jurídica,

aceitação social e expansão de suas práticas (IPHAN, 2014). A luta da população negra pela defesa dos seus direitos coletivos, bem como de indígenas e camponeses, convidamos a pensar alternativas para o mundo atual (SANTOS, 2019).

A grande virada de chave dessa época está associada à figura de Mestre Bimba, que, em 1928, criou na Bahia o que ele chamou de Luta Regional Baiana, conhecida hoje como capoeira regional (ABREU, 1999; MORAUN et al., 2015). Outro evento importante para compreender o contexto em que surge a capoeira regional são as lutas de ringue de que participavam vários capoeiristas baianos, dentre os quais Mestre Bimba, quem, nessas lutas, foi consagrado campeão baiano de capoeira (ABREU, 1999; IPHAN, 2014).

O universo pugilista e das lutas em geral influenciou Mestre Bimba na criação da capoeira regional, que misturava elementos da capoeira com o de outras artes marciais, bem como fez modificações para que ela pudesse ser aceita em outros setores da sociedade (ABREU, 1999; IPHAN, 2014; MORAUN et al., 2015). Para tanto, buscou um rompimento com a imagem de vadio e desordeiro, atribuída ao capoeirista naquela época, objetivando uma nova imagem do capoeirista esportista, saudável e disciplinado.

Nesse ponto, é importante observarmos que a imagem negativa atribuída ao capoeirista tem estreita relação com o fato de essa ser praticada por negros e ter vínculos com a cultura africana. O racismo, triste realidade brasileira, é uma associação entre a desigualdade e a exclusão. Desigualdade essa que é um fenômeno socioeconômico, ao passo que a exclusão é um fenômeno sociocultural, estabelecido na civilização por meio de um discurso (SANTOS, 1999).

Nem todos os capoeiristas se identificaram com essa nova capoeira, continuando a praticá-la tal qual a conheciam, passando a chamá-la capoeira angola, para diferenciar da regional de Bimba (CASTRO JUNIOR, 2004; IPHAN, 2014). Ao contrário da regional de Bimba, a capoeira angola procurou se fortalecer sem deixar de lado a ritualística e o aspecto cultural da prática, tendo, além da figura de Mestre Pastinha, também os mestres Waldemar, Caiçara, Canjiquinha, Cobrinha verde, entre outros, como grandes nomes do século XX (IPHAN, 2014).

Assim, no período em que a capoeira regional ganha fama, fortalece-se um movimento de organização e institucionalização da capoeira angola, no qual se destaca a figura de Mestre Pastinha (CASTRO JUNIOR, 2004; IPHAN, 2014). Este, juntamente

com outros mestres, foi fundador do Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), posteriormente, assumindo esse espaço individualmente como sua academia de capoeira, tornando-se ponto de referência da capoeira angola a partir dos anos 1930 (IPHAN, 2014).

A divisão entre capoeira angola e regional gerou muitas disputas e tensões entre os capoeiristas. Contudo, cada qual a seu modo, é inegável a contribuição de Mestre Bimba e de Mestre Pastinha para que a capoeira ocupasse espaços que, até então, não tinham adentrado (IPHAN, 2014). Ambos os mestres sentiram na pele a marginalização da capoeira, portanto, insatisfeitos com essa situação, buscaram caminhos para valorizá-la (IPHAN, 2014). O contexto histórico, porém, favoreceu a proposta de Mestre Bimba, quem se encaixou no projeto nacionalista da época. Assim, no ano de 1934, ele faz uma apresentação de capoeira regional em Salvador, na presença de Getúlio Vargas, onde o presidente teria se referido à prática como o único esporte genuinamente brasileiro (MORAUN et al, 2015; IPHAN, 2014). Tal acontecimento, de certa forma, atribuiu à Bimba o processo de legalização do ensino da capoeira.

Mestre Bimba padronizou e instituiu a prática da capoeira, incluindo preceitos pedagógicos e organizacionais de uma escola tradicional e militarizada por meio: da criação de estatutos e manuais, da descrição objetiva dos movimentos, da utilização de uniformes, rotinas sistematizadas de treinos, da prova admissional, do sistema de avaliação, formatura, hierarquização do ensino, entre outros elementos (IPHAN, 2014). Portanto, há uma redução dessa manifestação aos seus aspectos atléticos, desenvolvendo-se como prática desportiva e sistemática de luta.

Conforme Falcão (2004), a versão mais atlética e esportiva da capoeira foi fundamental para que essa alcançasse outros espaços sociais, sendo introduzida formalmente em escolas e quartéis, alcançando a classe média. Por outro lado, reduziu a capoeira e suas possibilidades, distanciando-a de sua origem, preceitos lúdicos e relação com a cultura africana. Pode-se imaginar, considerando o forte preconceito racial e a desigualdade social que, desvincular a capoeira de sua raiz histórica, foi um fator que influenciou sua aceitação em outras esferas sociais.

Inegavelmente, a movimentação em torno da capoeira regional de Mestre Bimba abriu muitos caminhos para a capoeira. Nessa nova configuração de espaços sociais,

Mestre Pastinha assumiu, em 1941, o CECA, buscando difundir a capoeira angola, destacando suas diferenças em relação à regional que ganhava cada vez mais fama (IPHAN, 2014). Mestre Pastinha valorizava muito a ancestralidade africana e os aspectos culturais em torno da capoeira angola, que ele chamava de “capoeira mãe”; portanto, para ele, era impróprio que os objetivos da capoeira fossem puramente treinamentos atléticos (CASTRO JUNIOR, 2004; ABIB, 2006). Na sua escola, destacou os rituais que envolviam a prática da capoeira, buscando a manutenção das referências à cultura africana, valorizando a musicalidade da capoeira e seus aspectos lúdico e artístico (IPHAN, 2014). Dessa forma, Mestre Pastinha pretendia lembrar que a capoeira é certamente uma atividade física, um esporte e uma luta, mas é também uma infinidade de outras coisas.

Mestre Pastinha tentou aproveitar ao máximo os novos espaços que finalmente se abriram para a capoeira, resistindo a mudanças impostas por esses espaços para ela. Assim, enfatizou os valores éticos, políticos e coletivos como necessários à sua prática, bem como o desenvolvimento de condições para que cada aluno tenha liberdade de expressão, desenvolvendo estilos próprios de movimentação nas relações que se estabelecem com o jogo de capoeira (CASTRO JUNIOR, 2004; ABIB, 2006). Com isso, Mestre Pastinha fundamentou a transmissão da capoeira nas trocas que acontecem entre os próprios capoeiristas na roda, tendo como desafio conciliar essa visão holística e integral da capoeira com o formato das escolas da época (ABIB, 2006).

Fora dos ambientes formais, a capoeira era arma de embate físico nos conflitos com a polícia, diversão nos momentos livres do trabalho, brincadeira e motivo para se reunir nos dias de festa (IPHAN, 2014). Nos diferentes espaços possíveis, a capoeira continuou se manifestando em todos os seus significados, expressões e liberdades, nos momentos lúdicos de lazer e de conflitos. Embora, na escola, em clubes e nos quartéis, conforme influência da Educação Física na época, contraditoriamente, a capoeira era pensada para disciplinar e domesticar os corpos (NORONHA; PINTO, 2004).

No início do século XX, Mestre Bimba e Mestre Pastinha foram as principais referências que se têm da capoeira. Reconhecidos como difusores da cultura popular, eles relacionavam-se com intelectuais, artistas, turistas e políticos, gozando de algum prestígio social (ABREU, 1999; CASTRO JUNIOR, 2004). No mesmo período, expandem

seus fundamentos para outros estados, revelando a capoeira da Bahia para o Brasil, movimento que estabeleceu a base de construção da capoeira que conhecemos hoje (IPHAN, 2014).

Por volta de 1950, a capoeira era nacionalmente conhecida e estava difundida nas diferentes camadas sociais. Outros dois movimentos influenciaram seu rumo, rompendo a bipolarização em torno de Mestre Bimba e Mestre Pastinha, sendo eles: o processo de oficialização da esportivização da capoeira, e o processo de folclorização da cultura negra, principalmente na Bahia (IPHAN, 2014). Para Santos (1999), o desenvolvimento capitalista inflige as sociedades a contradição entre a emancipação que aponta para a igualdade, e a regulação que gere os processos de desigualdades e exclusão frutos do próprio capitalismo.

Oficialmente, o processo de esportivização da capoeira começa em 1972, homologado pelo Conselho Nacional de Desportos (CND), resultando na implementação de regras pugilistas, realização de campeonatos, tentativas de unificação da prática e das nomenclaturas utilizadas, simplificação dos ritos direcionando a prática para o esporte e a compreensão do capoeirista como um atleta (IPHAN, 2014). Muitos grupos se adequaram às normativas da capoeira como esporte, principalmente os grupos de regional (os quais influenciaram esse movimento), mas também alguns de capoeira angola; outros grupos de ambas as vertentes não se adaptaram a esportivização da prática (MORAUN *et al.*, 2015).

No mesmo período ocorreu o processo de folclorização da cultura negra na Bahia, por volta de 1960 e 1970, impulsionado pelo crescimento do turismo em Salvador, que passou a oferecer como atração o samba, a capoeira e o candomblé, além das belezas naturais, arquitetônicas e da gastronomia (IPHAN, 2014). Esse contexto fez com que surgissem grupos folclóricos, que transformavam o jogo em espetáculo, os quais eram liderados por mestres de capoeira que se adequaram a essa realidade, mas também, empresários, pesquisadores, ou mesmo capoeiristas que ainda não eram mestres (IPHAN, 2014).

Tanto o processo de esportivização quanto o processo de folclorização da capoeira, contribuíram para sua expansão nos âmbitos nacional e internacional. No entanto, para Falcão (2004), a expansão nacional e internacional da capoeira, que

começou no início do século XX, tem a afastado de alguns preceitos que a constituíram no campo das lutas sociais. Na lógica do mercado e do lucro a capoeira ganha a conotação de produto, gerando conflitos ideológicos e contradições entre os próprios capoeiristas.

Nesse ponto, podemos refletir sobre a demanda do mercado consumidor, em parte, responsável pelo processo de esportivização e folclorização da prática, o qual não necessariamente converge com os pressupostos sociais e políticos que atravessam a história de concepção e desenvolvimento da capoeira. Ademais, contraditoriamente, a expansão da capoeira não resultou na valorização dos velhos mestres de capoeira que viveram em sérias dificuldades. Mestre Bimba e Mestre Pastinha morreram na miséria em situações precárias, o primeiro em 1974 longe de sua terra natal; o segundo em 1981, em um cortiço do Pelourinho (IPHAN, 2014).

A falta de valorização dos mestres em solo nacional, levou muitos deles a saírem do Brasil e a se estabelecerem fora do país, principalmente nos Estados Unidos da América (EUA) ou em países da Europa (CASTRO, 2007; IPHAN, 2014). Um desses foi Mestre João Grande, que esquecido no Brasil, trabalhava como frentista em um posto de gasolina, quando, aos 53 anos, foi redescoberto por um antigo aluno - Mestre Moraes - e voltou a praticar a capoeira, trilhando, assim, um novo caminho (CASTRO, 2007).

Essa situação é retratada, também, na música “Sou um cidadão considerado”, que denuncia: “Vou de aeroporto em aeroporto, bem cansado, meio torno, carrego meu berimbau. Sabem meu nome no mundo a fora, mas o Brasil me ignora, nunca saio no jornal” (TONI-VARGAS, 2019). De alguma maneira, mesmo sendo desvalorizada, pouco reconhecida e até criminalizada, a capoeira vai sobrevivendo, vinculando-se a práticas diversas para criativamente se manter na sociedade. Nesse esforço, Mestre Bimba e Mestre Pastinha deixaram como herança duas propostas de ensino e aprendizagem, o primeiro alinhando-se mais ao modelo sistemático, racional e competitivo; o segundo tendo como base a vadiação, a brincadeira e a estética.

Influenciados implícita ou explicitamente, pelas escolas de Mestre Bimba e Mestre Pastinha, surgiram novos grupos, novos mestres e um novo movimento que fundiu preceitos da capoeira angola com o da capoeira regional; cada qual com nomes, regras, uniformes e rituais particulares (FALCÃO, 2004; IPHAN, 2014). Embora exista resistência

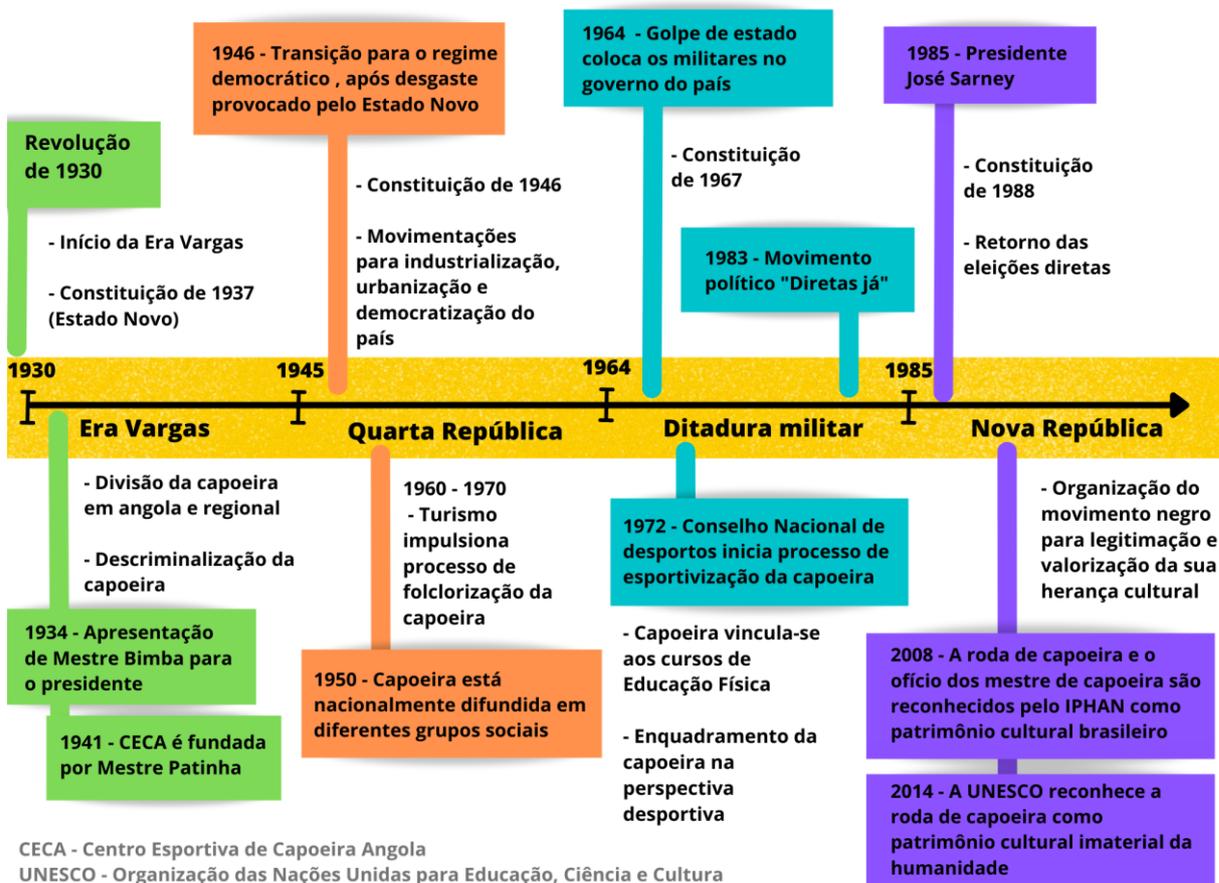
de alguns grupos de capoeira sobre essa questão, pode-se dizer que uma grande parte da comunidade da capoeira entende essa junção da capoeira angola com a regional como a construção de uma nova vertente, para a qual ainda não existe um nome consensual, podendo ser chamada: capoeira contemporânea, capoeira de vanguarda, capoeira atual, capoeira hegemônica, entre outras possibilidades (IPHAN, 2014).

Atualmente, devido à institucionalização da prática, independentemente da vertente de capoeira (angola, regional ou contemporânea), os ambientes externos, dentre os quais as ruas e praças, não são mais o lugar onde a capoeira predominantemente se manifesta, cedendo aos espaços privados: escolas e academias de capoeira (IPHAN, 2014). Foi nesse contexto, cercado de contradições e tensões, ao mesmo tempo festivo e perigoso, que viveram grandes mestres de capoeira, os quais influenciaram e influenciam a prática da capoeira até hoje, alcançando milhares de pessoas pelo mundo afora. Esse quadro histórico continua incompleto, um jogo que ainda está aberto, movimentando-se e desenhando novas histórias a todo o momento.

A organização temporal dos acontecimentos na história da capoeira, acima mencionados, durante o Período Republicano, podem ser visualizados na **Figura 2**.

Figura 2 - A capoeira e o Brasil no Período Republicano.

Período Republicano



Fonte: Produção gráfica própria (2021).

O jogo de capoeira e o brincar

Não há um consenso na literatura sobre o surgimento do brincar, do jogo, da brincadeira, do lúdico ou do brinquedo; bem como, não há um olhar único sobre esses elementos, embora sejam evidentes suas relações (MARTINS, *et al.* 2020). Tal qual acontece na capoeira, devido à profundidade do tema, não sabemos exatamente onde, quando ou como acontecem as intersecções que de fato existem.

De acordo com Marinho (2004), a complexidade do elemento lúdico e subjetividade das experiências que o representam, tornam difícil sua conceituação. Portanto, o lúdico é uma dimensão não conceituável, que pode ser observada e compreendida em suas diferentes formas de manifestação, na intencionalidade humana e nos sentidos que as pessoas atribuem a suas experiências (MARINHO, 2004), sendo o

lazer campo fértil para sua materialização. Apresenta-se como uma possibilidade de expressão criativa e subjetiva, individual de cada ser, dentro de um universo cultural que influencia a brincadeira, o jogo e a vida (KISHIMOTO, 2014). Para Piorski (2016), o brincar pode ser entendido como um gesto de linguagens, corporeidades, materialidades e sonoridades que se associam com o imaginar. Nesse sentido, Meirelles, Eckschmidt e Saura (2016) defendem o brincar como elemento estruturante da criança e, por meio dela, da própria humanidade, por isso se relaciona em profundidade com os sentidos e significados que atribuímos às coisas.

Pensando no aspecto jogo, tal qual apresenta Huizinga (2008), o entendemos como um potencial lúdico inerente ao ser humano, mais antigo do que a própria cultura, que se manifesta desinteressadamente, de forma espontânea e com fim em si mesmo. Assim, consideramos o jogo como essa categoria mais ampla que abarca os elementos de manifestação lúdica da sociedade; por vezes, chamados de brincar, brincadeira ou jogo, de forma mais ou menos complexa, dependendo das circunstâncias em que se apresentam (HUIZINGA, 2008).

É precisamente nessa concepção mais ampla de jogo, ou potencial lúdico, que localizamos o jogo de capoeira; no qual, o jogo e o brincar situam-se em um determinado tempo e espaço, imersos em sentimentos de alegria e tensão, seguindo regras livremente estabelecidas, encontrando fim e significado em si mesmo (HUIZINGA, 2008). O potencial lúdico presente no jogo de capoeira se constitui não só como uma característica possível, mas fundamental à própria experiência do jogo em sua plenitude (MARTINS et al., 2021), sendo a roda de capoeira o lugar instituído para sua realização, podendo também, o jogo, acontecer fora dela.

Os processos de ensino e aprendizagem da capoeira são eficientes na troca entre os indivíduos que jogam, durante o próprio jogo de capoeira (SILVA, 2011). Assim, o praticante, a partir da troca com o outro e da orientação do mestre, pode ampliar e lapidar seus movimentos, sua técnica e sua compreensão sobre a capoeira. Igualmente, podemos dizer que quem domina mais os gestos e símbolos desse contexto tem mais possibilidades de dominar o próprio jogo (SILVA, 2011). Por esse ângulo, Santos (2009) destaca o caráter de imprevisibilidade da capoeira, no qual o jogo não se faz pela

execução mecânica de blocos de movimentos, mas, sim, pela continuidade da movimentação de acordo com a situação que se apresenta.

As movimentações são recriadas e modificadas a todo o momento em diferentes graus, dependendo da vertente, constituindo uma memória corporal que se mantém presente pela seleção de imagens gestuais (IPHAN, 2014). Essas expressões corporais existem em um universo simbólico que é mobilizado na roda através da música, do ritmo e do canto, subordinada à demanda de conversa do jogo. Ou seja, na roda de capoeira os capoeiristas estabelecem comunicações corporais guiadas por ritmos e energias que emanam da própria roda e das pessoas que a estão vivenciando naquele momento.

Essa conversa que se estabelece no jogo de capoeira tem significados que podem ser transpassados para outras situações do cotidiano. É o jogo constante da vida, como no lema “Capoeira na roda, capoeira na vida”, difundido por Mestre Nô⁹ no meio da capoeiragem e apresentado no documentário “Nego bom de pulo: Mestre Nô e a capoeira da ilha” (KNABBEN; ENAE, 2016). Para Huizinga (2008), sendo a civilização governada por regras específicas, não podemos pensá-la sem a existência do elemento lúdico, sem o qual não existe produção de cultura. Em outras palavras: estamos sempre jogando algum jogo, inerente ao ser humano e a sua organização social, na roda da capoeira ou na roda da vida.

Nessa direção, entendemos que o brincar é uma linguagem inerente ao próprio ser, podendo se manifestar nas brincadeiras e que, em uma perspectiva lúdica, acontece espontaneamente, ganhando diferentes contornos dependendo do contexto em que está inserido e de quem brinca (MARTINS et al.; 2020). Wenner (2009), por sua vez, aponta que a ausência da experiência lúdica na infância pode contribuir para sentimentos de infelicidade, ansiedade e angústia na vida adulta. A essencialidade do brincar na vida humana é apresentada e discutida no documentário “Tarja Branca” (MARIA FARINHA FILMES, 2014), que também ilustra sua íntima relação com as diferentes possibilidades de manifestações culturais.

⁹ Mestre Nô (Norival Moreira de Oliveira) é um reconhecido e antigo Mestre da Capoeira Angola. Fundador do grupo Capoeira Angola Palmares. Por sua trajetória como educador na capoeira, recebeu da Universidade do Estado de Santa Catarina e da Universidade Federal da Bahia o título de Doutor Notório Saber. Uma de suas contribuições para a capoeira é a reflexão sobre o ser capoeirista para além da capoeira, que resultou no lema pelo qual ele é conhecido “Capoeira na roda, capoeira na vida”.

Essas dimensões lúdica e brincante são retratadas no universo da capoeira no curta “Retalhos de Toni Vargas – sobreviver brincando”, que defende o brincar e o lúdico como elementos muito sérios que compõem um fator histórico de sobrevivência da capoeira, resistindo às opressões sofridas (ABEIRAMAR.TV, 2014). Crianças e adultos, enquanto brincam, estão dialogando com a própria cultura humana a partir de seus gestos livres que representam genuinamente as expressões do próprio ser (MEIRELLES; ECKSCHIMIDT; SAURA; 2016). Olhar para o brincar e procurar sua essência é vasculhar um caminho que passa, necessariamente, pela natureza humana e sua diversidade.

Considerações finais

Por seu envolvimento originário com o povo negro e seus costumes, a capoeira é marginalizada e - em determinados momentos da sua história - se desenvolve em parte nas ruas e nas periferias das cidades do Brasil (IPHAN, 2014). Contudo, como manifestação que se relaciona e se constrói com a história e a cultura de quem a prática e considerando o dinamismo social, não podemos ignorar que a capoeira ocupou diferentes espaços e teve diferentes interpretações ao longo do tempo, a depender do período histórico e do local que se considera.

Suas diversas possibilidades de expressão aparecem nas rodas de capoeira, em que os capoeiristas se reúnem para jogar, tocar e cantar. Na música “Roda maravilhosa” do Mestre de capoeira Barrão (2013), sobre esse momento ele diz: “Que som e que arte é essa, de luta e brincadeira (?) Que roda maravilhosa é essa, em cada som, em cada toque, em cada ginga, tem um estilo de jogo.” As rodas de capoeira reúnem, além do jogo propriamente dito, o canto e a musicalidade, valorizando a espontaneidade e as subjetividades dos envolvidos.

Defendemos que os potenciais lúdico e brincante presentes no jogo de capoeira se constituem não só como uma característica possível, mas fundamental à própria experiência do jogo em sua plenitude. Acreditamos que, tanto para crianças quanto para adultos, passam pelo brincar e pelo corpo questões humanas profundas e transformadoras, estruturantes do próprio ser (SAURA, 2014; MEIRELLES; ECKSCHIMIDT; SAURA; 2016). Dessa forma, a experiência lúdica de lazer, envolta na

materialização do brincar na capoeira, apresenta uma possibilidade de expressão subjetiva e individual favorável à troca entre os indivíduos, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Em um país como o Brasil, com uma acentuada desigualdade social, torna-se significativo que manifestações culturais como a capoeira, que expressa, também, a produção cultural e epistemológica das margens da sociedade, sejam reconhecidas, contribuindo de forma a avançar nos conhecimentos sobre elas. Dessa maneira, contribuimos com o campo acadêmico-científico, mas também com a sociedade e com a capoeira, dando visibilidade a essa prática, bem como às pessoas que dela participam.

REFERÊNCIAS

ABEIRAMAR.TV. **Retalhos de Toni Vargas: sobreviver brincando**. Abeiramar.tv, 2014. 1 vídeo (8min 31s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-f5HSpaolrY&t=53s>

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. **Cadernos Cedex**, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006.

ABREU, Frederico José. **Bimba é bamba: a capoeira no ringue**. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.

BARRÃO. **Roda maravilhosa**. Mestre Barrão. 2013. Disponível em: <https://youtu.be/SV9N6WJLYIA>

BRASIL. **Decreto nº 847**, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal brasileiro. Planalto, 18 de outubro de 1890.

CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 143-158, jan. 2004.

CASTRO, Maurício Barros de. **Na roda do mundo: Mestre João Grande entre a Bahia e Nova York**. 2007. 277 p. Tese (Doutorado em História Social) - Departamento de História Social, Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), 2007.

COLLINS, Patrícia Hill. Epistemologia Feminista Negra. COSTA, Joaze Bernardino; TORRES, Nelson Maldonato; GROSGOUEL, Ramón. (Orgs.) In: **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica. 2018.

DELAMONT, Sara; STEPHENS, Neil. Up on the Roof: The Embodied Habitus of Diasporic Capoeira. **Cultural Sociology**, Durham, v.2, n.1, p. 57-74, 2008.

- FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. 2004. 408 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- GERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GONZALES, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira**. Brasília: Distrito Federal: IPHAN, 2014.
- JOSEPH, Janelle. The practice of capoeira: diasporic black culture in Canada. **Ethnic and Racial Studies**, Surrey, v. 35, n. 6, p. 1078–1095, 2012.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogos, brinquedos e brincadeiras do Brasil. **Espacios en Blanco**, Buenos Aires, n.24, p.81-106, jun 2014.
- KALIL, Mariana Alvez da Cunha. O moralismo Whig, o poder negro e o exército brasileiro: uma releitura da pressão externa para o fim da escravidão no Brasil entre 1850 e 1888. **Boletim Meridiano 47**, Brasília, vol.15, n.142, mar./ abr. 2014.
- KNABBEN, Kiko; ENAE, Giorgia. **Nego bom de pulo: Mestre Nô e a capoeira da ilha**. Kiko Knabben, 2016. 1 vídeo (1h 23min 13s). Disponível em: <https://youtu.be/TsWIRAkG5no>
- KOK, Glória Porto. **A escravidão no Brasil colonial**. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- LIMINHA. **Atleta de língua**. Mestre Liminha. 2015. Disponível em: <https://youtu.be/krlqslidC4X8>
- LUSSAC, Ricardo Martins Porto. Especulações acerca das possíveis origens indígenas da capoeira e sobre as contribuições desta matriz cultural no desenvolvimento do jogo-luta. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 267-278, abr./ jun. 2015.
- MARIA FARINHA FILMES. Tarja Branca. Maria Farinha Filmes, 2016. 1 vídeo (1h20min). Disponível em: <https://mff.com.br/films/tarja-branca/>
- MARINHO, Alcyane. **Repensando o lúdico na vida cotidiana: atividades na natureza**. In: SCHWARTZ, Gisele Maria (org.). **Dinâmica lúdica: novos olhares**. São Paulo: Manole, 2004.
- MARTINS, Samara Escobar; *et al.* Um olhar feminino sobre a mestria e a participação da mulher na capoeira da grande Florianópolis. **Licere**, Belo Horizonte, v. 24, n.1, p. 385 - 407, jan./mar., 2021a. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.31340>
- MARTINS, Samara Escobar; *et al.* Jogos, brinquedos e lúdico: um olhar sobre o brincar de crianças e adolescentes. In: Congresso Ibero-americano de Estudos do Lazer, Ócio e Recreação (CIELOR), 2020, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: OTIUM, 2020, v.1, p. 957-966.

MEIRELLES, Renata; ECKSCHMIDT, Sandra; SAURA, Soraia Chung. Olhares por dentro do brincar e jogar, atualizados no corpo em movimento. *In*: MARIN, Elizara Carolina; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando (org.). **Jogos tradicionais e Educação Física escolar**. Curitiba: CRV, p. 63-78, 2016.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico? **Revista de Administração Contemporânea**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 320-332, 2011.

MORAUN, Kalya; SOUZA, Weslly Valério; MOURÃO, Ludmila Nunes. O processo de Esportivização da capoeira no cenário contemporâneo. **Arquivos em Movimento**: Rio de Janeiro, vol. 11, n. 2, p. 7-18, jul./dez. 2015.

NORONHA, Flávia Dayana Almeida; PINTO, Rúbia-Mar Nunes. Capoeira nas aulas de Educação Física: uma proposta de intervenção. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 123-138, jul./ dez. 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. *In*: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique. (orgs.). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 9-23, 2007.

PINTO, Fábio Machado. Movimento/ Cultura popular: a luta continua camará. **Motrivivência**: Florianópolis, v. 22, n. 14, p. 115-132, 2000.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

SANTOS, Boaventura de Souza. [Direitos humanos, democracia e desenvolvimento](#). *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MARTINS, Bruno Sena (orgs.). **O pluriverso dos direitos humanos**. A diversidade das lutas pela dignidade. Coimbra: Edições 70, p. 41-66. 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. Oficina do CES nº 135: Centro de Estudos Sociais, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza; ARAÚJO, Sara; BAUMGARTEN, Maíra. As epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. **Sociologias**: Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 14-23. Set./dez. 2016.

SANTOS, Gilbert de Oliveira. Alguns sentidos e significados da capoeira, da linguagem corporal, da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**: Campinas, v. 30, n. 2, p. 123-136, jan. 2009.

SAURA, Soraia Chung. O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**: São Paulo, v. 28, n. 1, p. 163-175, jan./ mar. 2014.

SHEPARD, Benjamin. Revolutionary Games and repressive tolerance: on the hopes and limits of ludic citizenship. **European Journal of Humour Research**, Cracóvia, v. 3, n. 23, p. 18-34, 2015.

SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira nas aulas de Educação Física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**: Brasília, v. 33, n. 4, p. 889-903, out./ dez. 2011.

TONI-VARGAS. **Corta Cana**. Mestre Toni Vargas. 2010. Disponível em:
<https://youtu.be/qTF24VDy6Kw>

TONI-VARGAS. **Negro forte**. Mestre Toni Vargas. 2019. Disponível em:
<https://youtu.be/SV9N6WJLYIA>

TONI-VARGAS. **Quando eu venho de Luanda**. Mestre Toni Vargas. 2008. Disponível em:
<https://youtu.be/MXsmsmBMbPY>

TONI-VARGAS. **Navio negroiro**. Mestre Toni Vargas. 2008. Disponível em:
<https://youtu.be/QuCgB-qxtMk>

TONI-VARGAS. **Cidadão considerado**. Mestre Toni Vargas. 2019. Disponível em:
<https://youtu.be/BHDparfheWo>

WENNER, Melinda. The serious need for play. **Scientific American Mind**, Nova York, v. 20, n. 1, p. 22-29. 2009.
<https://www.nemours.org/content/dam/nemours/www/filebox/service/preventive/nhps/pep/needforplay.pdf>

WILLMS, Elni Elisa; GOMES, Fabio José Cardias. Educação de sensibilidade crepuscular: escrevivendo o corpo na capoeira angola. **Polifonia**: Cuiabá, v. 21, n. 30, p. 209-227, 2014.

WILLIAMS, Dana M. Happiness and freedom in direct action: critical mass bike rides as ecstatic ritual, play, and temporary autonomous zones. **Leisure Studies**, Londres, v. 1, n. 14, p. 1-12, 2018.

ARTIGO 2 - O LAZER E O BRINCAR DOS PARTICIPANTES DAS RODAS DE RUA TRADICIONAIS DE CAPOEIRA EM FLORIANÓPOLIS (SUL DO BRASIL).

O lazer e o brincar dos participantes das rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (Sul do Brasil).

Concebido como um fenômeno contra-hegemônico, o lazer se relaciona com aspectos sociais, políticos e culturais mais amplos, favorecendo o desenvolvimento de um exame crítico desses contextos pelas pessoas que os vivenciam. A capoeira, manifestação cultural de origem Afro-brasileira, apresenta em sua composição, simultaneamente, elementos lúdicos como o jogo, a dança, a música e a luta. Essa prática nasce no Brasil como um movimento de resistência física e cultural frente às violências e opressões sofridas pelos negros africanos que eram trazidos ao país para serem escravizados. Essa pesquisa de mestrado teve como objetivo investigar a manifestação do brincar dos participantes das rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (Sul do Brasil). Trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa dos dados. Participaram do estudo 20 praticantes das rodas de capoeira investigadas, 13 homens e sete mulheres, com idades entre 28 anos e 68 anos. Com eles foram realizadas entrevistas semiestruturadas que puderam ser realizadas no formato *online* ou presencial. Todos aceitaram participar voluntariamente e os procedimentos éticos estabelecidos para pesquisas com seres humanos foram respeitados. As entrevistas foram gravadas e transcritas em sua totalidade, organizadas com auxílio do *software* N-vivo 12 e analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo. Os resultados obtidos foram discutidos nas categorias de análise: “O brincar nas rodas de capoeira entre tensões e relaxamentos”; e “Resistir brincando”. Esta pesquisa possibilitou uma compreensão de como o brincar se manifesta nas rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (Sul do Brasil), bem como os sentidos atribuídos a elas por seus participantes. Assim, oferece uma perspectiva promissora em compreender de forma mais ampla as relações que se estabelecem entre o brincar e o ativismo social, ao refletir sobre a manifestação da roda de capoeira na rua.

Keywords: Lazer; Cultura; Lúdico; Ativismo social.

Introdução

Dentre as teorias e concepções que existem em torno do lazer, neste estudo, estamos compreendendo-o como uma necessidade humana que dialoga com a cultura e o universo lúdico, ganhando diferentes contornos dependendo do contexto em que se desenvolve (Gomes, 2014; Santos et al., 2016; Silk et al., 2017). Concebido como um fenômeno contra-hegemônico, o lazer se relaciona com aspectos sociais, políticos e culturais mais amplos, favorecendo o desenvolvimento de um exame crítico desses contextos pelas pessoas que os vivenciam (Gomes, 2014; Silk et al., 2017). Assim, configura-se como um indicativo relevante de participação na sociedade, de qualidade de vida e de saúde, com potencial de transformação e emancipação humana.

Para Geertz (2008), a cultura se constrói através das ações dos seres humanos em processos que são dinâmicos e contínuos, nos quais as pessoas dão sentidos e significados a essas ações. Portanto, reforça a ideia de que as práticas sociais, como o lazer, devem ser compreendidas nas relações econômicas, políticas e históricas que as compõem (Silk & Andrews, 2011). As relações entre o ser e o espaço são igualmente percebidas por Piorski (2016) ao investigar o fenômeno do brincar. Por sua vez, Huizinga (2008) menciona algo anterior à própria cultura, significativo da essência humana e por esse motivo fundamental a sua existência e desenvolvimento: o lúdico.

Para Huizinga (2008), todos possuímos uma essência lúdica que se manifesta culturalmente de diferentes formas nas sociedades, expressa na ação do brincar, envolvendo sentimentos de alegria e de prazer e encontrando fim e significados em si mesma. O fenômeno do brincar, intimamente ligado à imaginação, mostra um íntimo desejo de querer conhecer o mundo e a si próprio (Piorski, 2016). A capoeira é uma manifestação cultural de origem Afro-brasileira, que apresenta em sua composição,

simultaneamente, muitos desses elementos lúdicos como: o jogo, a dança, a música e a luta. Essa prática nasce no Brasil, surgindo como um movimento de resistência física e cultural frente às violências e opressões sofridas pelos negros africanos que eram trazidos ao país para serem escravizados (Aceti, 2013; Iphan, 2014; Ugolotti, 2015; Martins et al., 2021).

Na década de 1990, a capoeira passa por um processo de internacionalização, expandindo principalmente para países da América do Norte e da Europa, em um movimento chamado de ‘Diasporic Capoeira’ (Delamont & Stephens, 2008) ou, em uma referência mais ampla ‘Diasporic black culture’ (Joseph, 2012). Graças a esse movimento, atualmente, a capoeira está presente nos seis continentes (Aceti, 2013). No sul do Brasil, na cidade de Florianópolis¹⁰, a capoeira tem se manifestado há mais de 40 anos nas rodas de capoeira em espaços públicos da cidade, como praças, mercados e ruas; oportunizando momentos lúdicos e de lazer aos seus participantes, resistentes às desigualdades históricas estabelecidas (Domínguez, 2010).

As rodas de capoeira são uma combinação de ações e rituais, envoltos em subjetividades e significados próprios, preparados para a manifestação do jogo e da musicalidade da capoeira (Domínguez, 2010; Aceti, 2013; Iphan, 2014). Quando essa roda se realiza nos espaços públicos da cidade, mais especificamente, representa uma possibilidade de resistência cultural para as minorias invisibilizadas, onde os participantes se expressam livremente (Aceti, 2013 Pinto et al., 2014; Ugolotti, 2015).

¹⁰ Um pouco sobre a história da constituição e do desenvolvimento da capoeira na cidade de Florianópolis é relatada no documentário independente ‘Nego bom de pulo - Mestre Nô e a capoeira da Ilha’ [Good jumping guy - Master Nô and capoeira on the island] (Kinabben & Enae, 2017), disponível *online*, gratuitamente, com legendas na língua inglesa.

Atentando à importância cultural e social das rodas de capoeira, bem como seu papel enquanto possibilidade de lazer, esse estudo de mestrado teve como objetivo investigar a manifestação do brincar dos participantes das rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (Sul do Brasil). Para tanto, utilizamos um referencial teórico multidisciplinar nos aproximando, especialmente, dos estudos do lazer (Silk, 2007; Silk & Andrews, 2011; Silk et al., 2017); e das epistemologias do Sul, que surgem como uma proposta epistemológica contra-hegemônica, resistente à dominação capitalista, colonialista e patriarcal (Santos, 1999; 2018; Santos et al. 2016).

Este artigo está estruturado da seguinte forma: com um referencial teórico sobre os fenômenos investigados, possibilitando sua compreensão mais ampla, organizados nos subtópicos: “Aproximações entre o brincar e a capoeira” e “Rodas de rua tradicionais de capoeira”. Em seguida, é apresentado o desenho metodológico da investigação, a qual é caracterizada como um estudo de campo com abordagem qualitativa dos dados. Por sua vez, os resultados são contemplados conjuntamente à discussão dos dados nos seguintes tópicos: “O brincar nas rodas de capoeira entre tensões e relaxamentos” e “Resistir brincando”.

Aproximações entre o brincar e a capoeira

É difícil determinar do ponto de vista temporal e geográfico o surgimento do jogo e da brincadeira, presentes no universo da manifestação lúdica, bem como determinar seus conceitos, uma vez que são permeados de significados e subjetividades próprios dos contextos em que se manifestam (Child, 1983; Martins *et al.* 2020). Podemos considerar material para a manifestação do brincar diferentes gestos, falas, vontades, silêncios e tantos outros elementos que atravessam o desejo de sonhar (Piorski, 2016). A complexidade do lúdico e a subjetividade das experiências que o representam tornam

difícil sua conceituação, tornando-o uma dimensão visível na observação da ação do ser que brinca e compreendido na intencionalidade humana, no significado que as pessoas atribuem às coisas (Santin, 1996; Marinho, 2004).

Para Kishimoto (2014), a manifestação lúdica é uma possibilidade de expressão criativa e subjetiva, individual de cada ser, dentro de um universo cultural que influencia a brincadeira, o jogo e a vida. Corroboram com esse pensamento as autoras Meirelles et al. (2016) para quem o brincar é um elemento estruturante da criança e, por meio dela, da própria humanidade, e por isso se relaciona em profundidade com os sentidos que vamos concedendo as nossas experiências. Por sua vez, Piorski (2016) propõe o brincar como um gesto de linguagens, corporeidades, materialidades e sonoridades que se associam com o imaginar. O imaginário, por sua vez, quando estimulado, aumenta as possibilidades de representações subjetivas, necessárias para compreensão do mundo (Piorski, 2016).

Na perspectiva de Huizinga (2008), o lúdico faz parte da essência humana, manifestando-se desinteressadamente de forma espontânea e com fim em si mesmo, nas diferentes expressões culturais da humanidade, as quais ele coloca no contexto de uma categoria ampla, representativa da manifestação lúdica, que ele chama de jogo. Para Piorski (2016, p.54), ‘o viver humano fez de suas bases de impressão a natureza’, a qual é guia de todo o fazer cultural, festejos, ritos, gestos e linguagens.

É precisamente nessa concepção mais ampla de jogo e brincar, envoltos na essência lúdica, a qual permeia a humanidade, que localizamos a capoeira. Compreendendo-a, também, como uma expressão artística corporal, literária e imaginária (Gomes, 2012). Assim, o potencial lúdico presente no jogo de capoeira se constitui não só como uma característica possível, mas fundamental à própria

experiência do jogo em sua plenitude (Martins et al., 2021), sendo a roda de capoeira o lugar instituído para sua realização, podendo, também, o jogo, acontecer fora dela.

Rodas de rua tradicionais de capoeira

A roda de capoeira na rua é, efetivamente, a manifestação da própria capoeira com seus movimentos, música e expressões ocupando os diferentes espaços públicos da cidade. Portanto, precisamos compreendê-la como um fenômeno complexo que é representativo de lutas sociais, mas que também é palco para o divertimento. Ou, talvez, justamente por dar espaço ao divertimento seja, também, um ato de resistir às opressões vividas. O mestre de capoeira Toni Vargas, no vídeo ‘Retalhos de Toni Vargas – sobreviver brincando’, fala sobre esse aspecto ao mencionar o brincar e o lúdico como elementos importantes para a sobrevivência da capoeira às opressões históricas sofridas (Vargas, 2014).

Cabe destacar que ao falarmos que a capoeira e seus participantes sofrem opressões históricas, estamos nos referindo ao surgimento e desenvolvimento da prática da capoeira que está intrinsicamente relacionado aos povos negros que foram escravizados no Brasil durante o período colonial, bem como suas histórias e bagagens culturais. No Brasil, a escravização dos povos africanos teve início no século XVI e se manteve até o final do século XIX. Ao menos quatro milhões de africanos, entre mulheres, homens e crianças, foram trazidos sob essas circunstâncias ao país (Kok, 2010).

No século XIX, majoritariamente praticada por homens negros e pobres, a capoeira foi um movimento que marcou a vida social nas cidades brasileiras; embora, como outras práticas culturais ligadas à cultura africana, fosse fortemente marginalizada

(Iphan, 2014). O pensamento abissal que dividiu o mundo em metrópole e colônia, sendo a colônia subalterna à metrópole, é responsável por grandes exclusões e desigualdades, não sendo eliminadas com o fim das colônias, mas continuando em outros formatos, como o racismo e as injustiças sociais que reverberam até hoje (Santos, 2019).

O racismo é, de acordo com Gonzales (1988) e Santos (1999), uma herança dos processos colonizadores, que estabeleceu discursos excludentes na civilização de que a única cultura valorosa é aquela imposta aos colonizados. Nesse aspecto, na década de 1980, Gonzales (1988) já destacava a força da cultura como significativa forma de resistir às violências sofridas. Por sua vez, mais recentemente, Collins (2018) ao denunciar discursos epistemológicos que invalidam a intelectualidade da mulher negra, comenta que elas usaram de diferentes expressões artísticas e culturais cotidianas para a construção de uma consciência resistente a esses processos. Culturalmente localizadas, as lutas sociais são o meio pelo qual diferentes populações invisibilizadas e menosprezadas reclamam, também para si, o mundo em que vivem (Santos, 2019).

A capoeira, portanto, passa a ser uma possibilidade de empoderamento das minorias invisibilizadas e de suas lutas no Brasil, mas também nos diferentes lugares do mundo onde ela se manifesta (Aceti, 2013; Ugolotti, 2015). Sua importância é reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que, no ano de 2014, a declarou como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade (Unesco, 2014). Assim, as rodas de capoeira na rua ganham espaço e notoriedade por onde passam, convidando as pessoas a se manifestarem de forme livre na gestualidade do corpo no jogo e na musicalidade, cantando ou tocando.

Metodologia

Nossas escolhas, com respaldo na literatura, foram cuidadosamente feitas pensando na intencionalidade da investigação o que, de acordo com Polit e Beck (2014), são passos fundamentais para a elaboração de um estudo. Além disso, destacamos que essa pesquisa de mestrado compõe um projeto de pesquisa mais amplo, o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina em junho de 2020, sob o parecer número 4.124.859. Assim, respeitando todos os procedimentos éticos e legais necessários para a realização de pesquisas com seres humanos.

A pesquisa delineou-se como um estudo de campo, descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa dos dados. Tal caracterização se deu pela intencionalidade da investigação de considerar as subjetividades que envolvem as relações humanas, preocupando-se com a realidade em um nível que não pode ser quantificado (Gil, 2008; Minayo, 2013). Da mesma forma, este tipo de pesquisa possibilita a utilização de técnicas que desempenham um papel importante no contexto da descoberta em estudos qualitativos, em que o pesquisador pode identificar situações sobre as quais os indivíduos não têm consciência (Marconi & Lakatos, 2003). Isto posto, o referido delineamento metodológico possibilita trabalhar com fenômenos humanos que compõem a realidade social e não são visíveis, precisando ser expostos e interpretados por aqueles que os investigam (Minayo, 2009).

Participaram da pesquisa 20 capoeiristas adultos (13 homens e sete mulheres), com idades entre 28 e 68 anos, dos quais: sete são mestres de capoeira, cinco são contramestres e oito são alunos. Foi um facilitador do processo de aproximação com esse grupo o fato de uma das pesquisadoras praticar capoeira e frequentar as rodas dessa

cidade há seis anos. Assim, os participantes foram selecionados intencionalmente, considerando a especificidade do público pretendido e o objetivo da investigação. Inicialmente foram convidados 12 capoeiristas para a investigação, com os quais utilizamos a técnica de amostragem ‘bola de neve’ proposta por Vinuto (2014), dando a eles a possibilidade de indicar outros participantes para pesquisa, atingindo mais oito participantes, totalizando 20 investigados.

Todos os participantes possuíam mais de 10 anos de experiência nas rodas de capoeira do contexto investigado, que foram as rodas tradicionais de rua de Florianópolis (Sul do Brasil). Para contribuir com a visualização desse contexto, a seguir são apresentadas fotos de duas dessas rodas (**Fotos 1 e 2**). Essas rodas acontecem em espaços públicos da cidade, prevalentemente localizadas no centro da cidade, algumas existindo há mais de 40 anos nesses espaços e mantendo uma periodicidade de ao menos uma vez no mês (Domínguez, 2010). Destacamos que todos os participantes concordaram em participar voluntariamente da pesquisa sabendo que poderiam se retirar a qualquer momento caso quisessem, bem como que suas identidades seriam preservadas, sendo identificados por nomes fictícios no estudo.

Foto 1 – Roda da Figueira (2016).



Legenda: A “Roda da figueira” é uma roda tradicional de capoeira que acontece na praça XV de Novembro, no centro da cidade de Florianópolis, embaixo de uma árvore centenária. Essa é a roda mais antiga da cidade.

Fonte: acerto pessoal das autoras.

Foto 2 – Roda do Mercado (2018).



Legenda: A “Roda do Mercado” é uma roda tradicional de capoeira que acontece no Mercado Público, no centro da cidade de Florianópolis.

Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os participantes de rodas de rua tradicionais de capoeira de Florianópolis (Sul do Brasil), as quais são importantes instrumentos em pesquisas sociais de caráter qualitativo (Minayo, 2009). Além disso, as entrevistas puderam ser no formato *online* ou presencial, para que os participantes pudessem escolher o formato com o qual se sentiam mais confortáveis, visto que nem todos tinham familiaridade com as ferramentas utilizadas nas entrevistas *online*, ou os equipamentos necessários para realizá-las. Destacamos que a realização das entrevistas no formato *online* tem sido amplamente utilizada para coleta de dados nos últimos anos, tendo aporte na literatura (James & Busher, 2006; Salmons, 2012; O'Connor & Madge, 2017).

Embora a coleta dos dados tenha sido realizada em meio à pandemia da covid-19, as entrevistas presenciais foram realizadas de forma a não representarem risco de contaminação para os envolvidos, com pesquisadora e entrevistado (ambos vacinados), utilizando máscaras e respeitando um distanciamento seguro entre si. Todas as entrevistas foram realizadas em dia, horário e formato escolhidos pelos participantes. As entrevistas *online* foram realizadas na plataforma virtual *Google Meet* e gravadas por ferramenta disponibilizada na própria plataforma. Por sua vez, as entrevistas presenciais foram gravadas utilizando um aparelho celular.

Após a coleta, o conteúdo das entrevistas foi transcrito em sua totalidade e organizado com o auxílio do *software* Nvivo 12 (programa computacional que auxilia no armazenamento e organização de dados qualitativos) para posterior análise. Somou-se aproximadamente 90 horas de transcrição, uma média de 4 horas e meia por entrevista. Os entrevistados tiveram acesso à transcrição de suas falas, validando o seu conteúdo. Não houve solicitação de ajuste do conteúdo transcrito por nenhum dos participantes. As entrevistas transcritas foram analisadas a partir da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2009), a qual permite uma abordagem indutiva em que as categorias de análise surgem dos dados, seguindo três etapas de tratamento desses, nomeadamente: pré-análise, exploração e tratamento/interpretação dos dados.

Na primeira etapa do processo, pré-análise, os dados foram organizados e as ideias iniciais sistematizadas. Em seguida, na exploração do material, foram identificadas as unidades de registro e contexto a partir de codificações e enumerações dos elementos achados no texto. Na terceira e última etapa, definimos as categorias de análise, representativas dos temas recorrentes das entrevistas (Bardin, 2009; Benites et al., 2016). Para garantir a confiabilidade desse processo, as categorias de análise foram validadas por outra pesquisadora, a qual chegou às mesmas categorias que a

pesquisadora principal e, se houvesse discordância, os dados seriam analisados por uma terceira pesquisadora.

À luz do referencial teórico escolhido para este estudo, os resultados foram confrontados com a literatura e submetidos à análise crítica das pesquisadoras envolvidas, garantindo a triangulação dos dados e a confiabilidade do estudo (Polit & Beck, 2014). Os resultados desse processo estão apresentados a seguir, organizados em dois subtópicos, representativos das categorias de análise. São eles: “O brincar nas rodas de capoeira entre tensões e relaxamentos”; e “Resistir brincando”. Trechos das entrevistas, representativos dos resultados apresentados, foram selecionados para compor o artigo e estão sendo apresentados seguidos das informações sobre o nome fictício do participante e sua respectiva idade.

Resultados e discussão

A pesquisa possibilitou a constatação da manifestação do brincar nas rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (Sul do Brasil), bem como o caráter, muitas vezes, subversivo desses espaços. São discutidos as concepções e os significados atribuídos pelos participantes ao brincar na roda de capoeira, apontando tensões e relaxamentos que lá se estabelecem; bem como os ativismos social e as resistências ao paradigma hegemônico que permeiam o universo lúdico dos espaços investigados.

O brincar nas rodas de capoeira entre tensões e relaxamentos

O estudo identificou um consenso por parte dos participantes em relação à existência do brincar nas rodas de rua tradicionais de capoeira no contexto investigado. Sobre as dores da cultura, todos os dias, o imaginar lúdico surge como ‘uma teia de alegria anímica que envolve e tonifica insistentemente a dureza do mundo adulto pelo gesto do brincar’

Piorski (2016, p. 54). Nesta perspectiva, o lúdico foi descrito, nas palavras de Jana (53 anos), como ‘o espírito da brincadeira’.

Brincar para mim é ter alegria. Na vida esse brincar é ter o prazer de fazer o que gosta e eu acho que o lúdico é o espírito da brincadeira. A brincadeira é a coisa ali palpável e o lúdico o espírito dela (Jana, 53 anos).

A fala de Jana exemplifica uma compreensão conceitual dos participantes em relação ao brincar e ao lúdico. Apresentando esses elementos como distintos, mas que se relacionam muito intimamente, ratificando a compreensão de alguns autores sobre o tema (Crossa, 2012; Kishimoto, 2014; Willians, 2018). Em situações concretas de outras manifestações culturais, na cidade do México e em cinco diferentes cidades nos Estados Unidos da América (EUA), os autores Crossa (2012) e Willians (2018) discutem sobre esse brincar que envolve uma ação e um espaço concreto e que pode, ou não, relacionar-se com o lúdico abstrato.

Nessa investigação, a manifestação do brincar na roda de capoeira, envolta no universo lúdico, é relatada pelos participantes em sentimentos de alegria, prazer e imersão. A exemplo de Balneário, ao afirmar que:

Quando eu faço um jogo legal, não existe mais nada no mundo. Fiz um jogo com outro mestre na Figueira uma vez, começamos nos enroscando pelo chão, fomos subindo e descendo, jogamos por mais de 10 minutos. O mundo podia acabar naquele instante que a gente não estava vendo nada, para a gente só existia o jogo que estávamos fazendo naquele momento. Houve uma fusão de sentimento, de cumplicidade, de amizade, de respeito, mas tudo golpe para pegar mesmo. Jogo com verdade, sem ser agressivo, mas com verdade, com cumplicidade, com respeito e com amor. Os golpes têm que ser reais, têm que ser para pegar, porque se não tiver verdade não tem todo o resto (Balneário, 52 anos).

Para Willians (2018) a felicidade e a liberdade assumem um papel de centralidade ao falarmos de aspectos que envolvam atividades de lazer ou movimentos sociais. Felicidade, prazer, livre arbítrio e imersão (perca da noção de tempo e espaço) são algumas das características mais marcantes da manifestação lúdica na ação do brincar (Santin, 1996; Huizinga, 2008; Kishimoto, 2014). A relação do lúdico com a felicidade é reforçada por Wenner (2009), que além de consentir a experiência lúdica como estímulo à felicidade, defende a associação da ausência das vivências lúdicas com sentimentos de infelicidade, ansiedade e depressão. Na capoeira, as características lúdicas surgem em um elemento próprio da prática, almejado pelos capoeiristas e por eles nomeado: vadiação. Julia auxilia neste entendimento:

Na hora do jogo na roda é a vadiação quem se destaca, que é essa ideia de descontração, de brincar com o outro. Claro que a gente acaba lutando e tem a coisa do jogo, um vai ganhar e o outro vai perder, aquela coisa da competição acontece, mas, se o espírito da vadiação sobressair, fica aquele sentimento bom e a gente leva na boa mesmo se perder (Julia, 28 anos).

Para além dos sentimentos de alegria e prazer, a roda de capoeira pode ser também um espaço cheio de tensões, percebidas principalmente no que diz respeito à compreensão de cada participante sobre os limites desse brincar que se estabelece na roda de capoeira. Para Alegria (28 anos) ‘as pessoas reproduzem muito do que elas são e do que elas recebem. Se é uma pessoa mais bruta, de um contexto mais violento, isso vai se manifestar no jogo dessa pessoa’. Assim, a capoeira, tal qual a literatura, não está alheia ao mundo e à vida; ao contrário: expressa-o (Willms & Gomes, 2014).

As diferentes possibilidades de se colocar na roda de capoeira são percebidas, também, por Aceti (2013) e Ugolotti (2015), os quais descrevem a roda de capoeira em diferentes países da Europa como ambientes complexos, onde se encontram as subjetividades, as expressões e os significados particulares de cada um dos participantes que compõem essa manifestação. Sambaqui, por exemplo, afirma que tenta:

Buscar esse brincar na roda, essa vadiação, mas como a capoeira é uma relação de dois, ou de vários. Quando você está jogando você joga com alguém, por isso não depende só de ti esse espírito da brincadeira. As vezes tu te colocas brincando e a interpretação do outro sobre essa tua intenção pode ser equivocada ou mesmo a intencionalidade desse outro na roda é diferente da tua (Sambaqui, 47 anos).

Tensões semelhantes são relatadas em outras manifestações culturais e artísticas em países da América do Norte (Crossa, 2012; Willians, 2018), confirmando o quão complexas são as negociações que se estabelecem no campo das relações humanas. De fato, conhecer questões humanas universais e locais ‘do que nos acontece, enquanto corpo num mundo atravessado por tensões, nem todas facilmente discerníveis ou cabíveis dentro de simplórios sins ou não’ pode ser uma tarefa difícil (Willms & Gomes, 2014).

Na década de 1980 a literatura já mencionava a dificuldade de se estabelecer limites, regras ou padrões entre as diferentes compreensões que se pode ter sobre o brincar, quando esse é apreciado dentro de uma abordagem sociocultural (Child, 1989). Para um dos participantes da nossa investigação, encontrar alguém na roda que tenha desejos e expectativas semelhantes às suas em relação à roda é motivo de felicidade. Para Grande, por exemplo:

O brincar é essa descontração. Eu volto para casa feliz quando eu vou para roda e encontro alguém que tenha a mesma intencionalidade da vadiação no jogo que eu tenho. Mesmo que seja um jogo duro, para dentro, um ganhando do outro, mas que tenha essa descontração e essa leveza que torna tudo tão significativo. É aí que eu acho que a roda funciona bem (Grande, 33 anos).

Outra questão interessante que surge de forma bastante consistente na fala dos participantes é a noção de que na roda ‘você olha para a pessoa jogando e sabe, percebe na hora, se é uma pessoa arrogante, orgulhosa ou tranquila’ (Jana, 53 anos). Ratificando a intrínseca relação do brincar com aspectos profundos e estruturantes da humanidade (Neves et al., 2015; Eckschmidt et al., 2016). Além disso, para Willms e Gomes (2014), a capoeira possibilita a realização de uma jornada interpretativa, que seria a pessoa se colocando em ponto de tensão na construção diária da sua humanidade. A fala de Felipe é ilustrativa sobre isso:

Às vezes a pessoa descobre monstros que nem ela sabia que ela tinha. Quer dizer, a gente dissimula muitas coisas em sociedade para se integrar, para ter alguma vantagem ou até para sobreviver mesmo, mas quando está ali no jogo não tem como fazer um personagem. Você é quem você é. Naquele momento você não consegue mentir sobre quem você é, nem para você mesmo (Felipe, 28 anos).

Portanto, o brincar estaria se conectando com os aspectos profundos de cada ser, revelando seus desejos e vontades e, dessa forma, instigando para uma compreensão sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo em que vivemos. Por essa razão, configura-se como oportunidade frutífera de uma análise crítica de si próprio e da sociedade em que vivemos. Assim, surge como maneira dançante, corporal e com múltiplos sentidos de se colocar no mundo (Willms & Gomes, 2014). O que pode, por sua vez, contribuir para a construção de alternativas contra um projeto de dominação capitalista, colonialista e patriarcal (Santos et al., 2016), tema que passaremos a discutir a seguir.

Resistir brincando

As atividades de lazer têm sido relacionadas por alguns estudos com núcleos de consciência política e resistência, concentrando-se em movimentos sociais e ativistas (Silk, 2007; Silk et al., 2017; Willians, 2018). Na capoeira, o caráter insurgente das rodas de rua esteve presente transversalmente nas entrevistas realizadas com os participantes do estudo, mas também é relatada em investigações realizadas em outros contextos (Aceti, 2013; Ugolotti, 2015). O que, por sua vez, permite concluir que esse viés político/social é um discurso estabelecido nessa prática, tal como enfatiza Nora:

Meus muitos anos estudando e vivendo a capoeira me levaram a percebê-la como esse fenômeno complexo que nos leva à consciência corporal e social. É um conjunto de essências políticas, artísticas, culturais e sociais de sujeitos históricos, que vão se construindo como um mosaico nisso que a gente chama de capoeira. Essencialmente, essas peças vão se encaixando quando o sujeito vive a capoeira na rua, com verdade, com liberdade (Nori, 68 anos).

Ocupar os espaços urbanos com atividades ao ar livre oferece oportunidades ricas para o desenvolvimento de competências sociais, nas quais mesmo uma pequena interferência lúdica pode produzir diferenças em como vivemos situações adversas (Kumm & Johnson, 2018). Tal aspecto é, igualmente, percebido no brincar das crianças, as quais são impulsionadas pela imaginação a decompor as formas de cultura para, em seu campo sensorial, reconstruí-la e ressignificá-la (Piorski, 2016). Deste modo, o mundo social é formado pela interpretação das pessoas que o compõem, não separando os fenômenos sociais daqueles que os constroem, pois eles resultam das interações: entre os indivíduos e do indivíduo com o meio (Silk, et al., 2017; Allin, et al.; 2014).

São nessas interações que os praticantes de capoeira com mais anos de experiência nessas rodas têm a oportunidade de transmitir suas reflexões aos recém-chegados nessa prática, a partir dos gestos, do canto, das conversas de início e fim de roda, convidando-os também a fazer uma análise crítica da sociedade que dividem. Willms e Gomes (2014, p.216) apontam alguns aspectos que se enfatizam na formação da pessoa na capoeira, dentre os quais destacam: ‘resistência afro-brasileira, expressão corporal e artística, e ético-politização quanto aos mecanismos alienantes e repressores da sociedade’. A fala de Jana ilustra estas afirmações:

Eu vejo a capoeira como uma luta física, mas também política e cultural. Ela tem muito a contribuir para a gente transformar essa sociedade. A capoeira pode transformar vidas. Transformou a minha. É na rua que a capoeira ganha esses sentidos e significados da resistência ao sistema desigual que nos é imposto, cheio de injustiças. Então, para mim, a capoeira é a minha vida. Eu não me vejo mais sem a capoeira, virou uma coisa só (Jana, 53 anos).

Assim como Kumm e Johnson (2018), acreditamos que todos devemos ser ativistas da justiça social, caso contrário aceitaremos ser cúmplices da injustiça. Compreendemos, portanto, o espaço das cidades como um local de luta social em que as relações de poder dominantes podem ser reproduzidas ou contestadas (Silk, 2007). Nessa perspectiva, as atividades de lazer têm uma orientação consciente para a geração de felicidade e extensão da liberdade, ao mesmo tempo que são empoderadoras, políticas e transformadoras (Shepard, 2015). A capoeira, por sua vez, favorece processos educativos - fora da escola - que contribuem para a formação humana, situando as pessoas em sua história (Willms & Gomes, 2014), para que elas sejam agentes de transformação. Afinal, como destaca Santiago:

Uma roda de rua é expressão de liberdade. Todos que estão ali, estão porque querem estar. Por isso eu digo ela tem esse lado lúdico, mas também político e

existencial, de autoconhecimento. Lá você não se apresenta para ninguém. Se apresenta para si mesmo. O desafio é fazer com que você se sinta orgulhoso de você mesmo, da sua origem, das suas formas de expressão. A roda de rua te convida a essa reflexão sobre o seu lugar e papel no mundo (Santiago, 43 anos).

Os tempos modernos exigem que as pessoas estejam cada vez mais conscientes dos problemas globais e de como eles estão ligados às suas próprias biografias pessoais. Silk (2007) e Allin et al. (2014) alertam para a cidade polarizada e segregada que é promovida pelo capitalismo global e pelas políticas neoliberais, criando distinções gritantes entre corpos que importam e não importam, espaços permitidos e não permitidos, reproduzindo violências de gênero, classe e raça.

Sobre essa problemática, alguns dos participantes relataram insatisfação com a reforma do espaço de realização de uma das rodas tradicionais de capoeira da cidade. De acordo com os participantes, a reforma elitizou o espaço e não considerou a roda de capoeira que ali já era realizada, ocupando quase todo o local com mesas e cadeiras de restaurantes, os quais uma parcela considerável da população da cidade não tem condições financeiras de frequentar. Algo semelhante é relatado na Cidade do México, em um projeto de recuperação dos espaços públicos chamado de ‘Praças Limpas’ que resultou em exclusão e deslocamento de grupos que ali frequentavam (Crossa, 2012). Sorriso compartilha seu posicionamento sobre isso:

Eu tive um descontentamento com a roda do mercado depois que fizeram aquilo com esse espaço. Aquela reforma que agora não é mais mercado público, porque para o povo é que não fizeram aquele espaço. A gente não tem dinheiro nem para pagar uma cerveja no mercado novo. Depois disso eu não concordo que a gente esteja lá dentro. Apesar que eu entendo que o pessoal quer manter mesmo assim

para ter a resistência de não perder o espaço na cidade. Afinal, a roda estava naquele espaço do mercado muito antes daqueles restaurantes de gente rica (Sorriso, 62 anos).

Willians (2018) defende que, embora as atividades no lazer ainda não sejam comumente reconhecidas por uma politização aberta, comunidades unidas por interesses comuns podem criar identidades políticas. Nesse sentido, observamos nas rodas de capoeira investigadas uma possibilidade lúdica de empoderamento e politização dos envolvidos. Também é possível perceber, na expressão da capoeira, o brincar mencionado por Crossa (2012), em que o sorriso e a diversão são elementos importantes no processo de resistência as opressões sofridas. Além disso, Piorski (2016) defende que o fazer comunitário e a partilha na busca por soluções são fundamentos do brincar. Para Balneário, em especial:

A capoeira na rua tem um propósito muito forte, por isso não pode ser o espaço para promoção pessoal de fulano ou de ciclano. Ela é palco para todos, para os propósitos coletivos. Eu estou na rua porque eu tenho um propósito muito claro e o que eu tento é dar para as pessoas essa causa. A roda na rua reverbera para sociedade como um todo dizendo ‘existimos, queremos reparações das opressões sofridas, das negligências do estado’. A roda diz aos algozes do povo e da cultura ‘vocês não conseguiram acabar com tudo, ainda existe um foco de resistência’. Isso é o que representa uma roda de rua (Balneário, 52 anos).

Como observado por Crossa (2012), a brincadeira tem feito parte das estratégias de resistência de muitos movimentos que a veem como um caminho frutífero para a conscientização em diferentes esferas políticas, culturais, econômicas e sociais. Dessa forma, o brincar estabelece um espaço potencial, entre o indivíduo e seu ambiente, o qual pode favorecer processos de emancipação e desenvolvimento pessoais e coletivos. Portanto, o brincar representa processos que permitem ao indivíduo a expansão de um

senso de identidade socialmente consciente, com potencial para transformar as relações sociais existentes (Crossa, 2012; Shepard, 2015). Nessa direção, Dina enfatiza:

Indo para uma roda de rua você está quebrando com essa lógica privada e neoliberal. Você está se socializando com pessoas que você não conhece, se manifestando de modo que geralmente não é permitido; ou seja, literalmente colocando as pernas para o ar. Você está incentivando e desenvolvendo uma luta secular de negros em um país racista. Não só racista como homofóbico e machista. Você está quebrando padrões, por isso falamos aos capoeiristas ‘vai pra rua menina, vai pra rua menino’ e vai para rua porque fazendo isso você está rompendo grilhões seculares, rompendo a ação oligárquica dessa burguesia, desse modo de pensar, do modo até como fomos educados (Dina, 48 anos).

Assim, o brincar é um processo que envolve um impulso rebelde para a liberdade irrestrita (Shepard, 2015). Nas rodas tradicionais de rua de capoeira ele é incorporado por um espírito subversivo, em que a felicidade e a liberdade expressam de forma provocativa a erosão da conjuntura social hegemônica estabelecida.

Considerações finais

Os estudos do lazer, aliados a uma abordagem crítica, devem se preocupar em contar as histórias das vozes nem sempre ouvidas sobre as apropriações, contestações e negociações permeadas por múltiplas narrativas dos espaços urbanos (Silk, 2007; Silk et al., 2017). Nesse ponto, nos preocupamos em cumprir nosso papel de dar voz e vez as pessoas culturais, muitas vezes, diminuídas ou invisibilizadas em suas histórias. A inspiração, para além dos estudos do lazer, ocorreu a partir das epistemologias do Sul, que convida e incentiva processos nos quais grupos oprimidos possam representar o mundo a seu próprio modo (Santos, 2018).

Esta pesquisa possibilitou uma compreensão de como o brincar se manifesta nas rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (Sul do Brasil), bem como os significados e sentidos atribuídos a elas por seus participantes. Assim, oferece uma perspectiva promissora em compreender de forma mais ampla as relações que se estabelecem entre o brincar e o ativismo social, ao refletir sobre a manifestação da roda de capoeira na rua. Identificamos o brincar como um traço significativo das rodas tradicionais de capoeira, as quais posicionam-se de forma contra-hegemônica.

Cabe destacar que os resultados encontrados não podem ser generalizados para outros contextos, pois retratam uma circunstância específica, particular e peculiar. Não deixam, contudo, de serem registros significativos para compreensão profunda dos fenômenos investigados, ao passo que incentivamos novos estudos semelhantes em contextos diversos, capazes de iluminar e desvendar outros sentidos e significados para as distintas formas de lazer vivenciadas pelos seres humanos.

Referências

- Aceti, M. (2013). Becoming and remaining a capoeira practitioner in Europe: giving a meaning to one's commitment. *Loisir et Société / Society and Leisure*, 36(2), 145-160. <https://doi.org/10.1080/07053436.2013.836318>
- Allin, L., West, A., & Curry, S. (2014). Mother and child constructions of risk in outdoor play. *Leisure Studies*, 33(6), 644-657. <https://doi.org/10.1080/02614367.2013.841746>
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo* [Content analysis]. Edições 70.
- Benites, L. C., Nascimento, J. V., Milistetd, M., & Farias, G. O. (2016). Análise de conteúdo na investigação pedagógica em educação física: estudo sobre estágio curricular supervisionado [Content analysis in Pedagogical Research in Physical Education: a study on supervised curricular practicum]. *Movimento*, 22(1), 35-50. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.53390>
- Child, E. (1983). Play and culture: a study of English and Asian children. *Leisure Studies*, 2(2), 169-186. <https://doi.org/10.1080/02614368300390131>
- Collins, P. H. (2018). Epistemologia Feminista Negra [Black Feminist Epistemology]. Costa, J. B., Torres, N. M., & Grosfoguel, R. (Eds.) In: *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Autêntica.

- Crossa, V. (2012). Play for Protest, Protest for Play: Artisan and Vendors' Resistance to Displacement in Mexico City. *Antipode*, 45(4), 826-843.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-8330.2012.01043.x>
- Delamont, S., & Stephens, N. (2008). Up on the Roof: The Embodied Habitus of Diasporic Capoeira. *Cultural Sociology*, 2(1), 57–74.
<https://doi.org/10.1177/1749975507086274>
- Domínguez, M. E. (2010). *Rodas de capoeira: arte e patrimônio de Florianópolis* [Capoeira circles: art and heritage of Florianópolis]. Contraponto.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. (The interpretation of cultures, Trans.; 13th rev. ed). LTC (Original work published 1926).
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* [Methods and techniques of social research]. Atlas.
- Gomes, C. L. (2014) Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. [Leisure: human need and cultural dimension]. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, 1(1), 3-19. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430>
- Gomes, F. J. C. (2012). *O pulo do Gato Preto: estudo de três dimensões das artes caminhos-marciais em uma linhagem de capoeira angola*. [The black cat jump: a three-dimensional study of the path-martial arts in a lineage of capoeira angola]. FE-USP.
- Gonzales, L. (1988). *A categoria político-cultural de amefricanidade*. [The political-cultural category of africanity]. Tempo Brasileiro.
- Huizinga, J. (2008). *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. [Homo ludens: the game as an element of culture]. Perspectiva.
- Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (2014). *Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira* [Capoeira circles and the craft of capoeira masters]. IPHAN.
- James, N., Busher, H. (2006). Credibility, authenticity and voice: Dilemmas in online interviewing. *Qualitative research*, 6(3), p. 403-420.
- Joseph, J. (2012). The practice of capoeira: diasporic black culture in Canada. *Ethnic and Racial Studies*, 35(6), 1078–1095. <https://doi.org/10.1080/01419870.2012.661866>
- Kishimoto, T. M. (2014) Jogos, brinquedos e brincadeiras do Brasil. [Games, toys and plays from Brazil]. *Espacios en Blanco* 24(1), 81-106.
<http://www.scielo.org.ar/pdf/eb/v24n1/v24n1a07.pdf>
- Knabben & Enae (Producer) (2016). *Nego bom de pulo: Mestre Nô e a capoeira da ilha*. [Good jumping guy: Mestre Nô and capoeira on the island]. [Online video]. Available from: <https://youtu.be/TsWIRAKg5no>
- Kok, G. P. (2010). *A escravidão no Brasil colonial*. [Slavery in colonial Brazil]. Saraiva.
- Kumm, B. E., & Johnson, C. W. (2018). In the garden of domestic dystopia: racial delirium and playful interference. *Leisure Studies*, 37(6), 692-705.
<https://doi.org/10.1080/02614367.2018.1501413>

- Neves, V. F. A., Castanheira, M. L., & Gouvêa, M. C. S. O (2015). O letramento e o brincar em processos de socialização na educação infantil: brincadeiras diferentes. [Literacy and playing in socialization processes in early childhood education: different games]. *Revista Brasileira de Educação*, 20(60), 215-244. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782015206011>
- Marinho, A. (2004). Repensando o lúdico na vida cotidiana: atividades na natureza. [Rethinking playfulness in everyday life: activities in nature]. In: Schwartz, G. M. (Ed.). *Dinâmica lúdica: novos olhares*. Manole.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos da Metodologia Científica* [Fundamentals of Scientific Methodology]. Editora Atlas.
- Martins, S. E., Luiz, M. E. T., Franzoni, W. C. C., Tavares, L. M., & Marinho, A. (2021). Um olhar feminino sobre a mestria e a participação da mulher na capoeira da grande Florianópolis [A female look at women's mastery and participation in capoeira in the great Florianópolis]. *Licere*, 24(1), 385-407. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.31340>
- Martins, S. E., Franzoni, W. C. C., Luiz, M. E. T., Manfroí, M. N., & Marinho, A. (2020) Jogos, brinquedos e lúdico: um olhar sobre o brincar de crianças e adolescentes. [Games, toys and ludic: a look at children's and adolescents' play]. *Anais Cielor*, 1(1), 957-966. <https://cdn.congresse.me/7iwkkfkvai4ql2se28k76n9pneps>
- Minayo, M. C. S. (2013). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* [The challenge of knowledge: qualitative health research]. Hucitec.
- Meirelles, R., Eckschmidt, S., & Saura, S. C. (2016). Olhares por dentro do brincar e jogar, atualizados no corpo em movimento. [Looks inside playing and playing, updated in the body in motion]. In: Marin, E. C., & Gomes-da-Silva, P. N. (Eds.). *Jogos tradicionais e Educação Física escolar*. CRV.
- Minayo, M. C. S. (2009). Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta [Fieldwork: the context of observation, interaction and discovery]. In M. C. S. Minayo, S. F. Deslandes, & R. Gomes (Eds.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 61-77). Vozes.
- O'Connor, H., & Madge, C. (2017). Online interviewing. In N. Fielding, R. Lee, & G. Blank, (Eds.), *The SAGE Handbook of online research methods* (pp. 416-434). SAGE Publications Ltd.
- Pinto, F. M., Corrêa, J. P., Meneghello, D., & Pereira Filho, V. (orgs.). *Cadernos de capoeira – Capoeira da ilha: história e constituição* [Capoeira notebooks - Capoeira da Ilha: history and constitution]. add+ planejamento livros, 2014.
- Piorki, G. (2016). Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar. [Floor toys: nature, imagination and play]. Peirópolis.
- Polit, D., & Beck, C. T. (2014). *Essentials of nursing research: Appraising evidence for nursing practice*. Wolters Kluwer/Lippincott Williams & Wilkins.
- Salmons, J. (2012). Designing and Conducting Research with Online Interviews. In *Cases in Online Interview Research*. SAGE Publications Ltd.

- Santin, S. (1996) *Educação física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento*. [Physical education: from the joy of play to the oppression of income]. Alegre: ESEF/UFRGS.
- Santos, B. S. (2018). *Construindo as epistemologias do Sul: antologia essencial* [Building South Epistemologies: Essential Anthology]. CLACSO.
- Santos, B. S., Araújo, S., & Baumgarten, M. (2016). As epistemologias do Sul num mundo fora do mapa [Epistemologies of the South in a world off the map]. *Sociologias*, 18(43), 14-23. <https://doi.org/10.1590/15174522-018004301>
- Santos, B. S. (1999). *A construção multicultural da igualdade e da diferença* [The multicultural construction of equality and difference]. Centro de Estudos Sociais.
- Santos, B. S. (2019). Direitos humanos, democracia e desenvolvimento. Human rights, democracy and development]. In: Santos, B. S., & Martins, B. S. (Eds.). *O pluriverso dos direitos humanos. A diversidade das lutas pela dignidade*. Coimbra.
- Shepard, B. (2015). Revolutionary Games and repressive tolerance: on the hopes and limits of ludic citizenship. *European Journal of Humour Research*, 3(23), 18–34. <http://dx.doi.org/10.7592/EJHR2015.3.2.3.shepard>
- Silk, M. L., & Andrews, D. L. (2011). Toward a Physical Cultural Studies. *Sociology of Sport Journal*, 28(1), 4–35. <https://doi.org/10.1123/ssj.28.1.4>
- Silk, M., Caudwell, J., & Gibson, H. (2017). Views on leisure studies: pasts, presents & future possibilities? *Leisure Studies*, 36(2), 153-162. <https://doi.org/10.1080/02614367.2017.1290130>
- Silk, M. L. (2007). Come Downtown & Play. *Leisure Studies*, 26(3), 253-277. <https://doi.org/10.1080/02614360601053889>
- Ugolotti, N. M. (2015). Climbing walls, making bridges: children of immigrants' identity negotiations through capoeira and parkour in Turin. *Leisure Studies*, 34(1), 19-33. <https://doi.org/10.1080/02614367.2014.966746>
- United Nations Education, Scientific and Cultural Organization [UNESCO]. (2014). Capoeira circle. <https://ich.unesco.org/en/RL/capoeira-circle-00892>
- Vargas, T. (2014) Retalhos de Toni Vargas – sobreviver brincando [Toni Vargas Scraps - Survive Playing]. AbeiramarTV. <https://www.youtube.com/watch?v=-f5HSpaolrY>
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto [Snowball sampling in qualitative research: an open debate]. *Temáticas*, 22(44), 201–2018. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>
- Wenner, M. (2009) The serious need for play. *Scientific American Mind*, 20(1), 22-29. <https://www.nemours.org/content/dam/nemours/www/filebox/service/preventive/nhps/pep/needforplay.pdf>
- Williams, D. M. (2018). Happiness and freedom in direct action: critical mass bike rides as ecstatic ritual, play, and temporary autonomous zones. *Leisure Studies*, 1(14), 1-12. <https://doi.org/10.1080/02614367.2018.1480650>
- Willms, E. E., & Gomes, F. J. C. (2014). Educação de sensibilidade crepuscular: escrevendo o corpo na capoeira angola. [Twilight sensitivity education: writing the body in capoeira angola]. *Polifonia*, 21(30), 209-227.

Rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC, Brazil): impactos da pandemia da covid-19

A capoeira é uma manifestação cultural de origem afro-brasileira que nasceu durante o período da escravidão no Brasil. É uma prática que se desenvolveu historicamente à margem da sociedade brasileira, ressignificando espaços que quase sempre são entendidos apenas como local de passagem, acesso ou transição. A capoeira se manifesta nas tradicionais rodas de capoeira de Florianópolis (Sul do Brasil) há mais de 30 anos, representando possibilidades de momentos lúdicos e de lazer para seus praticantes, resistentes às desigualdades históricas estabelecidas. Com o início da pandemia de covid-19 e com o início do distanciamento social, as configurações da vida social precisaram ser reinventadas. Assim, este estudo de nível de mestrado teve como objetivo investigar os impactos da pandemia de covid-19 nas tradicionais rodas de capoeira de Florianópolis. Configura-se como pesquisa de campo descritiva e exploratória com abordagem qualitativa dos dados. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os participantes do estudo, cujos conteúdos foram organizados no software NVivo-12 e analisados pela técnica de análise de conteúdo, à luz do referencial dos estudos do lazer e das Epistemologias do Sul. Este estudo confirmou a impossibilidade de realização das rodas de forma presencial, resultando em dificuldades enfrentadas por seus participantes, com diferentes tipos de repercussões em suas vidas. A pesquisa destaca a importância de recorrer às manifestações e atores sociais invisibilizados ao longo da história, duplamente desfavorecidos durante o cenário vivido.

Palavras-chave: Capoeira; Lazer; Cultura; Desigualdades; Covid-19

Introdução

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN [National Historical and Artistic Heritage Institute - IPHAN] do Brasil, a capoeira é uma manifestação cultural Afro-brasileira, singular e complexa, que envolve elementos de jogo, dança, música e luta (Iphan, 2014). Ela nasce durante o período da escravidão no Brasil, como forma de resistência, física e cultural, as opressões e violências sofridas pelos negros africanos que eram trazidos ao país para serem escravizados (Aceti, 2013; Iphan, 2014; Ugolotti, 2015; Martins et al., 2021). É uma prática que se desenvolve historicamente na rua, às margens da sociedade brasileira, ressignificando espaços que quase sempre são entendidos apenas como lugares de passagem, acesso ou transição; manifestando-se em 'rituais' conhecidos como rodas de capoeira (Domínguez, 2010; Aceti, 2013; Iphan, 2014;).

Atualmente a capoeira está presente em praças, escolas, clubes e academias de diversos países, nos seis continentes. Sua expansão, do Brasil para o mundo, ganhou força na década de 1990, iniciando por países da América do Norte e da Europa (Delamont & Stephens, 2008; Aceti, 2013), em um movimento chamado por Delamont e Stephens (2008) de 'Diasporic Capoeira'. A essa expansão da capoeira, Joseph (2012) faz uma referência mais ampla, chamando de 'Diasporic black culture', valorizando o fato de que a capoeira nasce e se desenvolve no Brasil muito atrelada à história da população negra no país.

Nessa perspectiva, precisamos considerar que a capoeira, enquanto manifestação da cultura, é construída e influenciada pelo contexto que a cerca; pois, segundo Geertz (2008), a cultura se constrói através das ações dos seres humanos em um processo dinâmico e contínuo, no qual as pessoas dão sentidos e significados a essas ações. Assim, as práticas sociais devem ser compreendidas nas relações econômicas, políticas

e históricas que as compõem (Silk & Andrews, 2011), às quais não são as mesmas nos diferentes lugares em que a capoeira se manifesta.

A roda de capoeira, espaço de manifestação do jogo e da musicalidade da capoeira, é um ambiente envolto em subjetividades e significados particulares, onde os participantes encontram diversas formas para se expressarem (Aceti, 2013). Quando se manifesta na rua, mais especificamente, a roda de capoeira apresenta uma possibilidade de resistência cultural para as minorias invisibilizadas (Pinto et al., 2014; Ugolotti, 2015) como quem diz ‘nós existimos, estamos aqui, e esses espaços urbanos também são nossos para serem ocupados’.

A importância da roda de capoeira, enquanto herança cultural Afro-brasileira e movimento de resistência às desigualdades, foi reconhecida pela United Nations Education, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), que em 2014 declara a roda de capoeira como Intangible Cultural Heritage of Humanity (UNESCO, 2014). Ainda assim, de acordo com Ugolotti (2015), embora sejam amplas as investigações que abordam os aspectos históricos e culturais da capoeira, poucos são os estudos que de fato exploram a manifestação da capoeira na rua, fora dos ambientes formais de ensino ou treino.

Em Florianópolis, cidade ilhéu localizada no sul do Brasil, a capoeira tem se manifestado nas rodas de rua tradicionais há mais de 40 anos, representando possibilidades de momentos lúdicos e de lazer para seus participantes, resistentes às desigualdades históricas estabelecidas (Domínguez, 2010). Um pouco sobre a história da constituição e do desenvolvimento da capoeira na cidade de Florianópolis é relatada no documentário independente ‘Nego bom de pulo - Mestre Nô e a capoeira da Ilha’ [Good jumping guy - Master Nô and capoeira on the island] (Kinabben & Enae, 2017), disponível *online*, gratuitamente, com legendas na língua inglesa.

A capoeira, em Florianópolis, desenvolve-se muito vinculada às causas sociais. Os primeiros trabalhos com aulas de capoeira na cidade foram desenvolvidos em orfanatos e em casas de acolhimento para crianças pobres. Logo, a rua era o espaço dessas crianças, das quais, hoje, muitas são mestres de capoeira, responsáveis por manter trabalhos sociais com a capoeira e pela manutenção das rodas tradicionais de rua (Pinto et al., 2014; Kinabben & Enae, 2017).

Considerando a importância cultural e social das rodas de capoeira, poderíamos nos perguntar: como a pandemia da covid-19 e seus desdobramentos estão afetando a realização dessas rodas e a comunidade da capoeira? Com o início da pandemia da covid-19 e com as medidas protetivas de distanciamento social, as configurações da vida social precisaram ser reinventadas (Stodolska, 2020), renegociando os limites do tempo e da casa para o lazer e para o trabalho.

Nessa perspectiva, este estudo em nível de mestrado tem como objetivo investigar os impactos da pandemia da covid-19 nas rodas tradicionais de capoeira em Florianópolis (Sul do Brasil). Para isso, nos apropriamos de um referencial teórico multidisciplinar, explorando os estudos do lazer e as epistemologias do sul. Neste trabalho, reconhecemos o lazer como uma manifestação que possui múltiplos significados e interpretações. Compartilhamos da compreensão de Michael Silk (2017, p.6), entendendo o ‘lazer como um veículo eficaz para o exame crítico de questões no contexto de ambientes sociais, econômicos e políticos mais amplos’. As epistemologias do sul, por sua vez, ‘surgem como uma proposta epistemológica subalterna, insurgente, resistente, alternativa contra um projeto de dominação capitalista, colonialista e patriarcal, que continua a ser hoje um paradigma hegemônico’ (Santos¹¹ et al., 2016, p.17-18). Com esse olhar procuramos compreender a complexidade que envolve a

¹¹ Boaventura de Souza Santos é professor pesquisador de Portugal com forte influência no Brasil. É idealizador da proposta teórica epistemologias do sul.

manifestação da capoeira na rua. Além disso, a pesquisa destaca a importância de dar voz e se voltar para as manifestações e atores sociais invisibilizados ao longo da história, que acabam sendo duplamente desfavorecidos durante o cenário vivido.

Para tanto, inicialmente teceremos um pano de fundo necessário para uma compreensão mais ampla dos fenômenos investigados, contemplando: A relação da capoeira com as causas sociais; A roda de rua e suas possibilidades; Covid-19 e grupos invisibilizados. Na sequência, descrevemos o percurso metodológico escolhido para a realização dessa pesquisa que se delinea como um estudo de campo com abordagem qualitativa dos dados. Por fim, apresentaremos os resultados junto à discussão nos tópicos: dificuldades vivenciadas, e reinvenções necessárias; seguidos das considerações finais.

A relação da capoeira com as causas sociais

Ao falar do movimento de resistência da capoeira frente às desigualdades sociais, aspecto muito presente no movimento de capoeira da cidade de Florianópolis (SC, Brasil), precisamos falar sobre as cicatrizes profundas deixadas pela escravidão no Brasil, a qual durou mais de 300 anos no país, dando origem a diferentes mazelas sociais (Kok, 2010).

Para Santos (2019), nutrido de conceitos marxistas, a escravidão é o grau extremo da desigualdade, que se dá na relação capital/trabalho. No Brasil, a escravidão dos povos africanos foi impulsionada pelo alto valor comercial que permeava o tráfico negreiro, meio pelo qual, ao menos quatro milhões de africanos: mulheres, homens e crianças, chegaram ao país (Kok, 2010). Nesse sentido, podemos refletir sobre a herança deixada pelas crenças e pensamentos hegemônicos desse período, os quais permitiram que algo tão cruel quanto a escravidão se mantivesse por tanto tempo.

No ano de 1888, cedendo a pressões internacionais e seguindo a tendência mundial, o Brasil pôe fim à escravidão em todo o seu território (Kalil, 2014). As condições de vida e trabalho dos, até então, escravos continuaram precárias, sujeitos à fome, à miséria e aos maus tratados, vivendo às margens da sociedade, e quando empregados, reduzidos a funções de servos (Kok, 2010). Isso porque o fim da escravidão não acabou instantaneamente com o ‘pensamento escravocrata’. As pessoas negras não eram vistas como iguais e foram soltas à própria sorte, sem nenhum tipo de compensação histórica ou oportunidade (Kok, 2010; Kalil, 2014). Para as elites, não servindo mais como escravos, eles passaram a ser um estorvo.

Nesse ponto, é importante observarmos que a imagem negativa atribuída ao capoeirista tem estreita relação com o fato de essa ser praticada por negros em um período em que eles eram explicitamente marginalizados e perseguidos, assim como toda a sua bagagem cultural. O racismo, triste realidade mundial, é uma associação entre a desigualdade e a exclusão. A desigualdade é identificada como fenômeno socioeconômico, ao passo que a exclusão é um fenômeno cultural e social, que se estabelece na civilização por meio de um discurso (Santos, 1999). Esses traços são herança do processo de colonização que enxerta nos colonizados a ideia de que a única cultura valorosa e aceitável é aquela que ela impõe a eles.

É nesse contexto de dura perseguição e marginalização que a capoeira nasce como uma manifestação cultural politicamente localizada. Encontra-se nas suas raízes as causas sociais, enquanto na sua manifestação está o potencial de ser o grito dos oprimidos, o qual vai se materializar musicalmente e corporalmente na roda e na rua. Esse aspecto é tão importante na capoeira que estudos, como os de Aceti (2013) e Ugolotti (2015), abordam essa capacidade da capoeira, na rua, ser instrumento de

empoderamento das pessoas e das suas lutas na Europa, país com um contexto histórico muito distante daquele em que a capoeira nasce.

Portanto, destaca-se a importância de discutirmos este assunto a partir da proposta das epistemologias do Sul, de Boaventura de Sousa Santos, pois estas dizem respeito à produção e validação dos conhecimentos adquiridos nas experiências de resistência dos grupos oprimidos. Isto é, grupos sociais que tenham sofrido algum tipo de injustiça e/ou opressão causada pelo capitalismo, colonialismo e patriarcado (Santos, 2018), como é o caso do contexto da capoeira

A roda de rua e suas possibilidades

Como prática urbana, após o fim da escravidão, a capoeira se relacionou por muitos anos com o universo do trabalhador de rua, principalmente carregadores e estivadores, ocupação exclusiva de homens negros e relacionadas com o ambiente portuário (Iphan, 2014). Os capoeiristas tinham um ritmo de trabalho que transgredia os padrões da ordem pública, tendo períodos de ociosidade entre um trabalho e outro, os quais eram entremeados de diversão, o que lhes rendeu muitas confusões com a polícia e a conotação de vagabundos (Iphan, 2014). Assim, a capoeira e o universo do trabalho nas ruas se misturam, influenciando-se simultaneamente em momentos de lazer, lúdicos ou de conflitos.

Portanto, olhar para a roda de capoeira na rua é olhar para um fenômeno complexo, campo representativo de lutas sociais, mas também palco para a diversão. Paralelamente ao caráter combativo da capoeira, existe uma essência lúdica e brincante, expressa em características como a busca por prazer e a espontaneidade do jogo de capoeira (Iphan, 2014). Essa dimensão lúdica e brincante é retratada pelo mestre de capoeira Toni Vargas no vídeo ‘Retalhos de Toni Vargas – sobreviver brincando’ [Toni

Vargas Scraps - Survive Playing]. Para ele, o brincar e o lúdico são elementos muito sérios que compõem, inclusive, um ‘fator histórico de sobrevivência da capoeira’, resistindo às opressões sofridas (Vargas, 2014).

As rodas de rua são, portanto, um marco nas cidades em que se encontram e são oportunidades onde a comunidade da capoeira sabe que, em determinado dia e horário, uma roda vai se formar (Pinto et al., 2014). Isso acontece não somente nas ruas brasileiras, mas também em diferentes partes do mundo por onde a capoeira transita e se estabelece. Estudos como o de Ugolotti (2015), realizado no norte da Itália, e por Aceti (2013) na Suíça, reforçam a presença da capoeira como forma de pertencimento e reconhecimento em ambientes urbanos.

Na rua, onde a capoeira manifesta-se livremente, suas diversas possibilidades de expressão aparecem, reunindo os capoeiristas para jogar, tocar e cantar capoeira. A participação nessas rodas é espontânea e acontece com as pessoas que se fazem presentes no dia, com os instrumentos que elas levam, ganhando certa fama nas cidades e passando a ser chamadas de roda tradicional de rua (Iphan, 2014).

Nas rodas tradicionais de rua, a capoeira continua se manifestando em todos os seus significados, expressões e liberdades, nos momentos de diversão ou de tensão. Embora, nos ambientes formais de educação, conforme diferentes influências históricas que recebeu ao longo dos anos, contraditoriamente, muitas vezes a capoeira é pensada para disciplinar e domesticar os corpos e as mentes (Noronha & Pinto, 2004). Devido à institucionalização da prática, as ruas não são mais o lugar onde a capoeira predominantemente se manifesta, cedendo aos espaços privados: escolas e academias de capoeira (Iphan, 2014). Essa configuração reforça a importância e a necessidade da valorização das rodas de rua tradicionais de capoeira.

Covid-19 e grupos invisibilizados

No final de 2019 a população mundial foi surpreendida pela doença covid-19 (causada pelo vírus SARS-CoV-2), a qual assustou pela sua alta velocidade de propagação. O crescimento exponencial de contaminação dessa doença, rapidamente nos levou a pandemia que ainda enfrentamos, que soma milhares de centenas de mortes e representa a maior crise sanitária existente desde a Segunda Guerra Mundial (World Health Organization [WHO], 2020; Stodolska, 2020; Worldmeter, 2021; Mishra et al., 2020)

Nesse sentido, no início de 2020, a OMS anunciou algumas medidas necessárias para a preservação da vida (WHO, 2020), minimizando a contaminação, a partir do isolamento social e da intensificação dos hábitos de limpeza e higiene, trazendo muitas mudanças para a população mundial em todas as esferas da vida. Esse movimento fez com que precisássemos repensar e renegociar os limites do nosso tempo de casa, da rua, do lazer e do trabalho (Stodolska, 2020; Liu *et al.*, 2021; Kang *et al.*, 2021).

Todos sofremos de alguma forma pela situação que a humanidade enfrenta, seja perdendo pessoas próximas, emprego, a possibilidade de andar na rua ou se de comunicar, de alguma forma, entre outras questões que afetam diretamente nosso bem-estar físico e mental (Mishra et al., 2020). Ao sofrer tantas restrições para o lazer, ficou mais do que evidente a necessidade e a importância dele em nossas vidas (Stodolska, 2020; Liu *et al.*, 2021; Kang *et al.*, 2021). Além disso, Liu *et al.* (2021) menciona o potencial do lazer em facilitar processos de transformação e crescimento em momentos de estresse e crise.

Estando todo o planeta passando pela mesma pandemia, estariam todos passando pelas mesmas dificuldades e tendo as mesmas possibilidades de lazer? Stodolska (2020) e Kang *et al.* (2021) apresentam uma perspectiva esperançosa sobre as possibilidades de superação, compaixão e coletividade das pessoas nesse período. Por outro lado,

infelizmente, muitos imigrantes (especialmente asiáticos, mas também afrodescendentes), foram hostilizados e responsabilizados pela calamidade mundial em regiões da Europa e da América do Norte (Tan, 2020; Valinsky, 2020).

A intolerância, o racismo e o preconceito, infelizmente, não conhecem limites, Teti *et al.* (2020) relembram que, em grandes crises de saúde, como essa, alguns grupos são estigmatizados, sofrendo percepções equivocadas sobre disseminação e responsabilização. Portanto, embora todo o mundo esteja imerso na situação provocada pela pandemia da covid-19, as populações já fragilizadas e invisibilizadas acabam sendo duplamente prejudicadas.

Metodologia

Essa pesquisa de campo caracteriza-se como descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa dos dados, considerando os significados das ações, sentimentos, emoções e das relações humanas, preocupando-se com a realidade em um nível que não pode ser quantificado (Gil, 2008; Minayo, 2013). Além disso, Teti *et al.* (2020) destacam que métodos qualitativos, como entrevistas, discussões em grupo e observações, podem explorar e adotar diferentes pontos de vista frente à realidade pandêmica que enfrentamos, pois geram contribuições essenciais para compreender as experiências vividas pelas pessoas e as maneiras como diferentes grupos dão sentido à doença em seus mundos sociais.

Pesquisas de natureza descritiva e exploratória possibilitam a utilização de técnicas que desempenham papel importante no contexto da descoberta, onde o pesquisador pode identificar situações sobre as quais os indivíduos não têm consciência (Marconi & Lakatos, 2003). Isto posto, a abordagem qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, atitudes e outros fenômenos humanos, os quais compõem a

realidade social e não são visíveis, precisando ser expostos e interpretados por aqueles que investigam essa realidade (Minayo, 2009). Esse cuidadoso processo de escolhas teóricas e metodológicas, com respaldo na literatura, é o que, de acordo com Polit e Beck (2014), garantem a qualidade de um estudo.

O contexto investigado refere-se às rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (cidade do Sul do Brasil), as quais acontecem com determinada periodicidade, em espaços públicos da cidade, onde as pessoas se encontram para se expressar através da capoeira. Em Florianópolis, existem ao menos 10 pontos da cidade onde acontecem rodas tradicionais de rua, algumas dessas rodas possuem mais de 40 anos de história (Domínguez, 2010).

Procurando compreender melhor os impactos da pandemia da covid-19 nas rodas tradicionais de capoeira em Florianópolis, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com os capoeiristas que frequentam essas rodas. Para definir o que estamos considerando como ‘frequentar’ as rodas, estabelecemos uma periodicidade mínima como critério de inclusão, no qual o capoeirista precisaria estar frequentando mensalmente, por pelo menos um ano, ao menos uma das rodas de rua tradicionais de capoeira de Florianópolis; ou, ter frequentado por esse período antes do início da pandemia. Essa delimitação foi importante, uma vez que esse estudo interessa, em especial, as pessoas que sejam pertencentes ao universo das rodas de rua. Tais espaços, não raramente recebem pessoas, capoeiristas (ou não) que estão apenas de passagem. Isto se dá, pois a roda é aberta, ou seja, qualquer um pode participar.

Foi um facilitador do processo de aproximação o fato de a pesquisadora principal ser capoeirista há 11 anos, e frequentar as rodas tradicionais de rua em questão há seis anos. Os participantes foram selecionados intencionalmente, considerando o critério de inclusão no estudo. Inicialmente, 12 capoeiristas foram convidados a

participar. Todos aceitaram. Posteriormente, tivemos um segundo momento de seleção dos participantes que ocorreu por meio da técnica de amostragem ‘bola de neve’, a qual consiste na possibilidade de os participantes indicarem outros possíveis participantes para o estudo (Vinuto, 2014), os quais igualmente devem atender ao critério de inclusão. Foram recebidas 18 indicações e, dessas, as oito primeiras foram convidadas a participar da pesquisa. Portanto, participaram da pesquisa 20 capoeiristas adultos, 13 homens e sete mulheres. Destes, sete são mestres de capoeira, cinco são contramestres e oito são alunos; com idades entre 28 e 68 anos. Todos possuem mais de 10 anos de experiência nas rodas de capoeira, representando oito diferentes grupos de capoeira em Florianópolis.

As entrevistas puderam ser no formato *online* ou presencial, dependendo da disponibilidade e preferência do participante a ser entrevistado; pois, entendemos que manter apenas o formato *online* seria excludente, visto que nem todos têm acesso a computadores ou celulares que possibilitam tal formato. Destacamos, porém, que as entrevistas presenciais foram realizadas de forma a não representarem risco de contaminação para os envolvidos, acontecendo em ambientes abertos, sem contato físico, com pesquisadora e entrevistado (ambos vacinados), utilizando máscaras e respeitando um distanciamento seguro entre si.

Para a realização e gravação das entrevistas *online*, foi utilizada a plataforma virtual *Google Meet*. Tal procedimento tem aporte na literatura (James & Busher, 2006; Salmons, 2012; O'Connor & Madge, 2017), sendo amplamente utilizado nos últimos anos, especialmente em coleta de dados de pesquisas sociais. As entrevistas presenciais foram realizadas em locais abertos escolhidos pelos participantes e gravadas com um aparelho celular. Destacamos que a entrevista semiestruturada, configura-se como um

privilegiado instrumento para investigações sociais, pois dá ao entrevistado a possibilidade de discorrer livremente sobre o assunto em questão (Minayo, 2009).

Os participantes tiveram suas identidades preservadas, sendo identificados por nomes fictícios no estudo. Além disso, concordaram em participar voluntariamente da pesquisa e tiveram o direito de não responder às questões ou a se retirar do estudo a qualquer momento, caso quisessem (Shenton, 2004). Neste segmento, destacamos que essa pesquisa compõe um projeto de pesquisa mais amplo, o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina, sob o parecer número 4.124.859 em junho de 2020. Tendo, portanto, respeitado todos os procedimentos éticos e legais necessários para a realização de pesquisas com seres humanos estabelecidos no país em que foi realizada.

As entrevistas foram transcritas em sua totalidade, somando aproximadamente 90 horas de transcrição, uma média de 4 horas e meia por entrevista; as quais foram enviadas, cada qual ao participante correspondente, para que eles fizessem a validação do seu conteúdo. Não houve solicitação de ajuste do conteúdo transcrito por nenhum dos participantes. Posteriormente, os discursos obtidos a partir das entrevistas foram organizados com o auxílio do *software* Nvivo 12, um programa computacional que auxilia no armazenamento e organização de dados qualitativos. Seu conteúdo foi analisado a partir da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2009), a qual permite uma abordagem indutiva em que as categorias de análise surgem dos dados. Assim, de acordo com essa técnica, tivemos três etapas de tratamento dos dados: pré-análise, exploração e tratamento/interpretação dos dados.

Na pré-análise organizamos o material a ser analisado com o intuito de sistematizar as ideias iniciais. Na próxima etapa, de exploração, foram feitas as codificações e enumerações, identificando as unidades de registro e de contexto. Na fase

final, definimos as categorias de análise, que correspondem aos temas recorrentes das entrevistas (Bardin, 2009; Benites et al., 2016). Além disso, as categorias de análise foram validadas por outra pesquisadora, a qual chegou às mesmas categorias de análise que a pesquisadora principal. Caso houvesse discordância, os dados seriam analisados por uma terceira pesquisadora para definição das categorias de análise.

Os dados obtidos a partir das entrevistas foram confrontados com a literatura e submetidos à análise crítica de outras duas pesquisadoras, à luz do referencial dos estudos do lazer e das epistemologias do Sul, além da pesquisadora principal, garantindo a triangulação dos dados e a confiabilidade do estudo (Polit & Beck, 2014). Os resultados desse processo serão apresentados a seguir, organizados em dois subtópicos, representativos das categorias de análise. São eles: Dificuldades vivenciadas pelos capoeiristas e Reinvenções necessárias. Alguns trechos das entrevistas, representativos dos resultados apresentados, foram traduzidos e estão sendo apresentados seguidos das informações sobre o nome fictício do capoeirista e sua respectiva idade.

Resultados e discussão

O presente estudo confirmou a impossibilidade de realização das rodas de capoeira, presencialmente, resultando em dificuldades enfrentadas por seus participantes. A ausência dessa manifestação levou à inviabilidade dessas pessoas estarem ocupando as ruas, trazendo diferentes tipos de reverberações em suas vidas.

Esses impactos puderam ser percebidos, principalmente, em duas categorias: Dificuldades vivenciadas pelos capoeiristas e Reinvenções necessárias. Na primeira apresentamos e discutimos as dificuldades percebidas pelos capoeiristas em diferentes aspectos da sua vida, principalmente para o bem-estar emocional e econômico; na

segunda, o foco recai sobre seus aprendizados e superações, decorrentes desse momento vivido, nas possibilidades virtuais e na exploração de outras atividades artísticas e culturais.

Dificuldades vivenciadas pelos capoeiristas

Durante a pandemia, nossas atividades de lazer mudaram profundamente, especialmente no aspecto social, por vezes, gerando estresse em um momento, por si só, difícil (Liu et al., 2021; Kang et al., 2021). Neste estudo, foi unânime entre os participantes a sensação de tristeza e saudade deixada pela impossibilidade de realização das rodas, espaços onde predominantemente expressavam suas vontades e desejos através da música e do corpo. Além disso, configura-se, também, como um local de encontro em que se estabeleciam relações sociais e de pertencimento com a cidade.

Sobre isso, Chueca (2019, p. 402) aponta que o direito à cidade, quando discutido juntamente com as epistemologias do Sul, possibilita ‘descolonizar, desmercantilizar e despatriarcalizar o urbano’. Embora na literatura o direito à cidade seja um conceito eminentemente europeu e possua relação com o marxismo, ele é forjado às margens europeias, constituindo-se como periférico (Chueca, 2019). No Brasil, a autora explicita que o direito à cidade enfrentou problemáticas socioeconômicas, espaciais e políticas. No entanto, um ponto importante é que, no contexto brasileiro, existe a tentativa, por meio de movimentos sociais urbanos, de dar voz a grupos e/ou pessoas que historicamente foram silenciados (Chueca, 2019). Portanto, entende-se aqui as rodas de rua de capoeira como um desses movimentos que permite dar mais visibilidade a este coletivo marginalizado e discriminado.

A roda é um encontro de pessoas que comungam, que compartilham uma afinidade pela mesma atividade que é a capoeira. Esse encontro é fundamental, tanto que estamos sofrendo muito nessa história da pandemia, justamente porque não estamos

podendo nos encontrar. Não está tendo roda e está tudo mais restrito. Que falta faz (Sambaqui, mestre, 47 anos).

Expressões como ‘não aguento mais’, ‘estou cansado’ e ‘sinto falta’ aparecem frequentemente nas falas, associadas a um estado de agitação e ansiedade, que nos faz refletir sobre o estado emocional e psicológico desses capoeiristas. Preocupações semelhantes em relação ao bem-estar das pessoas são relatadas por outros autores (Hotman *et al.*, 2020 & Liu *et al.*, 2021), para os quais a pandemia está sendo um gerador de estresse e traumas.

Ao encontro do exposto por Liu *et al.* (2021), foi perceptível que os sentimentos e as sensações provocados pela ausência das rodas foram potencializados por todo o contexto de restrições sociais provocado pela pandemia; bem como, a crise política e econômica do Brasil (Pooler, 2021; Lowen, 2021; Stott *et al.*, 2021). Tal aspecto pode ser observado na fala da Dina:

É um misto de tristeza, não só pelo fato de não ir para capoeira, mas a tristeza do que está sendo mesmo, principalmente no nosso país. Tantas mortes... eu acho que o Brasil todo está em luto. É um luto coletivo por tantas mortes, tanta sacanagem mesmo que está rolando nesse governo. Não é nem governo. A gente diz que é desgoverno (Dina, contramestra, 48 anos).

Na dimensão política, mais da metade dos participantes (14) sentiram que o estado foi ineficiente em dar assistência à população durante a pandemia. Além disso, preocupam-se por não estarem ocupando as ruas, meio pelo qual, comumente, eles fariam suas reivindicações. Nesse aspecto, Navarro *et al.* (2018) apontam que o espaço público das cidades contemporâneas, contraditoriamente, expressa quase sempre os interesses do capital e de grupos hegemônicos, reforçando a necessidade, percebida pelos capoeiristas, de ocuparem as ruas para que seus interesses sejam percebidos. Nesta perspectiva, Silk *et al.* (2017) chamam atenção para a importância do lazer, meio pelo

qual se pode examinar crítica e amplamente os contextos social, econômico e político, uma vez que também se centra em questões de diferença, desigualdade, iniquidade e exclusão social.

Foram relatadas, principalmente, dificuldades econômicas, também apontadas em outros estudos (Kimhi et al., 2020; Sher, 2020); pois, uma parcela da comunidade da capoeira é formada por trabalhadores informais da área da cultura ou da educação, e durante a pandemia foram impossibilitados de manter seus trabalhos.

O estado teria que ter assumido mais o seu papel nesse momento. Agora que estão começando a chegar na comunidade algumas ações no sentido de apoiar o pessoal da cultura, mas eu acho que economicamente e em questão até de informação sobre a pandemia mesmo, o trabalhador penou bastante também pela falta de apoio do Estado mesmo (Felipe, aluno, 28 anos).

A fala anterior destaca um alerta e uma reflexão sobre o lugar da cultura e do lazer nesse contexto, nem sempre valorizados como deveriam ser. Além disso, de acordo com uma pesquisa realizada em Israel por Kimhi et al. (2020), é provável que as perturbações financeiras prolongadas afetem negativamente o estado de resiliência das pessoas; ou seja, sua capacidade de superar as adversidades. Sendo assim, os mestres mais antigos de capoeira, especialmente, foram mencionados como pessoas com quem a comunidade se preocupa nesse aspecto.

De vez em quando ficamos sabendo que tem um mestre lá que está passando dificuldade financeira, e fazemos uma campanha para ajudar. A tristeza maior também não é só por não ter a capoeira, mas é a condição social e econômica dos mestres, principalmente, pois muitos vivem da capoeira, por isso sempre tem alguém que está precisando de ajuda (Jana, contramestra, 53 anos).

A desvalorização desses mestres não é novidade no Brasil, sendo apontada como um dos motivos que influenciou a expansão da capoeira na década de 1990 para outros

lugares do mundo (Delamont & Stephens, 2008; Joseph, 2012; Aceti, 2013); pois, buscando melhores condições de vida, muitos capoeiristas aceitaram convites para dar aulas, especialmente, na Europa e na América do Norte.

A dimensão do seu próprio bem-estar físico também surge na fala dos capoeiristas, embora não de forma tão expressiva quanto as anteriores, sendo mencionada por nove dos participantes. Para esses, a capoeira representava uma das poucas possibilidades de atividade física na rotina. A exemplo de Santiago:

Eu estou todo enferrujado. Sinto falta daquele suador do jogo, de estar na rua jogando capoeira ou fazendo outras coisas também. Aqui perto de casa tem uma praça pequena. Se você fosse lá, estaria vazia. Antes estava sempre cheia de meninos descalços jogando bola. Às vezes eu ia lá com eles. Agora a gente só fica em casa, agora tudo virou casa, mas para trabalhar a gente pode sair, para jogar bola, para correr. Mesmo assim, todo mundo fica olhando de forma estranha (Santiago, contramestre, 43 anos).

A diminuição do comportamento ativo nesse período da pandemia foi percebida também nos EUA, na Espanha e no Canadá (Lopes-Bueno et al., 2020; Rodriguez-Rey et al., 2020; Lesser & Nienhuis, 2020; Liu et al., 2021). Chan (2020) chama atenção para os prejuízos, para a saúde, em longo prazo, dessa inatividade. No caso dos participantes do estudo, o que se percebeu foi uma substituição da prática da capoeira (ativa) por atividades que exigem menos movimento como leitura, assistir televisão, tocar instrumentos musicais e fazer artesanatos.

Portanto, a não realização das rodas trouxe impactos para a vida desses capoeiristas com reverberações no seu estado de saúde emocional, psicológica e física; os quais são potencializados por outras dificuldades enfrentadas na pandemia, especialmente no aspecto econômico. A ausência dessa possibilidade de manifestação significou, para eles, uma ruptura com suas lutas diárias para serem vistos, ouvidos e

sentidos; em seus desejos, anseios e necessidades. Por outro lado, foi uma possibilidade de descobrir outras formas de pensar a vida e a capoeira, fazendo reinvenções.

Reinvenções necessárias

O aspecto mais mencionado por todos os capoeiristas entrevistados foi a possibilidade de atividades virtuais envolvendo a comunidade da capoeira. A utilização das tecnologias, durante a pandemia, para o lazer e para as relações sociais, também é apontada positivamente por outras pesquisas (Chan, 2020; Liu et al., 2021; Kang et al., 2021).

Para todos os participantes do estudo essa dimensão aparece como um aspecto positivo, embora nem todos tenham fácil acesso à internet. Assim, o formato virtual foi um desafio, tendo em vista que eles praticamente não tinham experiências anteriores com chamadas de vídeo ou interações em aplicativos de reunião e redes sociais. Lucas exemplifica esta situação.

A gente fez alguns primeiros encontros virtuais que eram rodas de conversa sobre assuntos do interesse da capoeira. Chamamos os amigos das rodas, sendo também uma forma de nos ver um pouco, saber se está tudo bem com o outro, mas foi difícil, porque quase ninguém sabia baixar os aplicativos, ou como fazer. Depois aprendemos, quem sabia um pouco foi tentando ensinar o outro por mensagem mesmo e foi melhorando um pouco (Lucas, mestre, 56 anos).

Para Chan (2020), ao experimentarem o tédio em casa, as pessoas se esforçam para explorar atividades através das quais elas possam satisfazer seus desejos e necessidades insatisfeitas e, assim, podem se superar na dificuldade enfrentada.

Dentre os benefícios, o mais mencionado foi a possibilidade de manter a comunidade da capoeira próxima, mesmo estando fisicamente distante. As rodas foram adaptadas para o ‘jogo das palavras’ com debates de temas de interesse comum, não

aceitando a impossibilidade momentânea da interação pelo jogo da capoeira, mas mantendo o contato entre as pessoas.

Na pandemia não pode ter roda, perdemos o encontro. Isso desarticula o movimento, seja um movimento pelo prazer, por estar naquele momento, pelo lúdico, pelo brincar, ou seja, pelo social e pelo político da capoeira; e traz muitas inseguranças. Desarticula a luta. E aí eu vejo que foi um trabalho importante de algumas pessoas em tentar manter todo esse pessoal da capoeira unida pela iniciativa das lives e dos chats (Grande, aluno, 33 anos).

Além disso, os participantes destacaram a possibilidade de se conectar com capoeiristas de outras cidades e a realização, inclusive, dos treinos no formato online. Essa quebra da barreira geográfica é apontada, por Lachance (2020) como um grande benefício desse formato, o qual pode e deve ser explorado ao pensarmos nas possibilidades de lazer virtual. A fala da capoeirista Pitanga é ilustrativa desta discussão:

A oportunidade que tivemos de ter aula com os mestres de fora foi legal, porque tem um evento na Bahia, com mestres da Itália, da Rússia... e eu já participei. Com dificuldade, no celular, mas participei. As rodas também foram muito legais. É muito bom ouvir os mestres falarem. Se fosse presencial eu não iria, porque não teria dinheiro para viajar até lá (Pitanga, aluna, 37 anos).

Outro aspecto relevante, que surgiu na fala de quase todos os participantes (17), foi o direcionamento do interesse deles para outras possibilidades de expressão, além da capoeira, que pudessem ser realizadas em casa, como as artes e a música, corroborando para a manutenção do bem-estar global. Sobre isso, Chan (2020) sugere que pode estar relacionado com a teoria de autorregulação de Leventhal et al. (1984), segundo a qual todos possuímos a capacidade de controlar e avaliar nossos pensamentos para moderar o impacto do tédio. Assim, achando formas criativas de chegar ao objetivo: se sentir bem. Tal qual se remete o capoeirista Vilson:

Com toda essa tristeza no Brasil, só com muito samba para aguentar, tocando muito atabaque, pandeiro e berimbau; escutando samba o dia inteiro para a gente não pirar

mesmo, ainda mais agora, ficando dentro de casa o dia inteiro olhando as paredes. O samba tem isso, a cultura popular tem isso, carrega essa alegria, até mesmo na tristeza (Vilson, aluno, 47 anos).

Em suas pesquisas nos EUA e na Coreia do Sul, respectivamente, Liu et al. (2021) e Kang et al. (2021) discutem sobre a importância do lazer nesse período de dificuldades e restrições, em que as pessoas estão tendo que se reinventar cotidianamente. Assim, durante a pandemia as atividades de lazer não necessariamente são reduzidas, mas se transformam, sofrem adaptações e se modificam. Como neste relato de Mel:

O que está me salvando nessa pandemia é trabalhar nesse projeto com fotos que eu estou fazendo e algumas atividades virtuais quando eu consigo conexão. Tudo relacionado com a capoeira, o projeto e a parte virtual também. É uma forma de continuar na ativa da capoeira e se não fosse por essas coisas eu estaria sofrendo bem mais (Mel, aluna, 39 anos).

As reinvenções e superações relatadas pelos capoeiristas trazem, em meio a um momento mundial triste e caótico, uma mensagem de esperança. Para Santos (2019), a luta da população negra pela defesa dos seus direitos coletivos, bem como de outros grupos sociais discriminados, nos convida a pensar alternativas para o mundo atual. Portanto, as transformações de que o mundo precisa são possíveis a partir dos próprios atores sociais, aqui, em particular dos próprios capoeiristas.

Considerações finais

Os espaços públicos urbanos são, particularmente, significativos para tornar visíveis as experiências humanas, dentre as quais o lazer (Navarro et al., 2018). Portanto, a não realização das rodas de capoeira na rua durante a pandemia, em Florianópolis, no Sul do Brasil, traz, inicialmente, o problema da inviabilização de uma prática e de pessoas que historicamente são negligenciadas na sociedade brasileira.

Este estudo ofereceu uma perspectiva que possibilitou a apreciação de como a pandemia da covid-19 tem impactado as rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis, a partir da percepção das pessoas que a frequentam. Não podendo ser generalizado para outros contextos, mas dando indícios significativos de como esse momento pode estar sendo sentido e vivenciado em outras comunidades. Sugerimos que outras investigações sejam feitas para aprofundar os aspectos aqui mencionados.

Por fim, olhar para o contexto investigado, a partir das epistemologias do Sul, conforme Santos (2018, p. 301), valorizou na roda de capoeira na rua a capacidade de ‘possibilitar que os grupos oprimidos representam o mundo como próprio e em seus próprios termos, porque só assim poderão transformá-lo segundo as suas próprias aspirações’. Assim como, olhar para a capoeira na rua, a luz dos estudos do lazer (Silk et al., 2017), é percebê-la como parte constituinte da formação social da qual faz parte, não sendo neutra ou apolítica nesse todo do qual faz parte. Desta forma, ao compreendermos o contexto capoeirista com as lentes das epistemologias do Sul, talvez possamos dar vez e voz a um contexto que atualmente, no Brasil, ainda é invisibilizado e, de certa forma, discriminado.

Referências

- Aceti, M. (2013). Becoming and remaining a capoeira practitioner in Europe: giving a meaning to one’s commitment. *Loisir et Société / Society and Leisure*, 36(2), 145–160. <https://doi.org/10.1080/07053436.2013.836318>
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo* [Content analysis]. Edições 70.
- Benites, L. C., Nascimento, J. V., Milistetd, M., & Farias, G. O. (2016). Análise de conteúdo na investigação pedagógica em educação física: estudo sobre estágio curricular supervisionado [Content analysis in Pedagogical Research in Physical Education: a study on supervised curricular practicum]. *Movimento*, 22(1), 35-50. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.53390>

- Chen, I. S. (2020). Turning home boredom during the outbreak of COVID-19 into thriving at home and career self-management: The role of online leisure crafting. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 32(11), 3645–3663. <https://doi.org/10.1108/IJCHM-06-2020-0580>
- Chueca, E. G. (2019). O direito à cidade perante as epistemologias do Sul: reflexões sobre o processo brasileiro de construção do direito à cidade [The right to the city in the face of Southern epistemologies: reflections on the Brazilian process of construction of the right to the city]. In B. S. Santos & B. S. Martins (Eds.), *O pluralismo dos Direitos Humanos: a diversidade das lutas pela dignidade* (pp. 397-418). Autêntica Editora.
- Delamont, S., & Stephens, N. (2008). Up on the Roof: The Embodied Habitus of Diasporic Capoeira. *Cultural Sociology*, 2(1), 57–74. <https://doi.org/10.1177/1749975507086274>
- Domínguez, M. E. (2010). *Rodas de capoeira: arte e patrimônio de Florianópolis* [Capoeira circles: art and heritage of Florianópolis]. Contraponto.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. (The interpretation of cultures, Trans.,; 13th rev. ed). LTC (Original work published 1926).
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* [Methods and techniques of social research]. Atlas.
- Holman, E. A., Thompson, R. R., Garfin, D. R., & Silver, R. C. (2020). The unfolding COVID-19 pandemic: A probability-based, nationally representative study of mental health in the U.S. *Science Advances*, 6(42), eabd5390. <http://doi.org/10.1126/sciadv.abd5390>
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (2014). *Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira* [Capoeira circles and the craft of capoeira masters]. IPHAN.
- James, N., Busher, H. (2006). Credibility, authenticity and voice: Dilemmas in online interviewing. *Qualitative research*, 6(3), p. 403-420.
- Joseph, J. (2012). The practice of capoeira: diasporic black culture in Canada. *Ethnic and Racial Studies*, 35(6), 1078–1095. <https://doi.org/10.1080/01419870.2012.661866>
- Kalil, M. A. C. (2014). O moralismo Whig, o poder negro e o exército brasileiro: uma releitura da pressão externa para o fim da escravidão no Brasil entre 1850 e 1888 [The Whigs' Puritanism, the Black Power and the Brazilian Army: Revisiting the Foreign Pressure to end African Slavery in Brazil between 1850 and 1888]. *Boletim Meridiano* 47, 15(42), 3–9.
- Kang, S. E; Hwang Y. H; Lee, C. K. & Park Y. N. (2021) Roles of travel and leisure in quality of life during the COVID-19 pandemic. *Leisure Studies*, 1–15. <https://doi.org/10.1080/02614367.2021.2006279>

- Kimhi, S., Marciano, H., Eshel, Y., & Adini, B. (2020). Recovery from the COVID-19 pandemic: Distress and resilience. *International Journal of Disaster Risk Reduction*, 50(1), 101843. <https://doi.org/10.1016/j.ijdrr.2020.101843>
- Knabben & Enae (Producer) (2016). *Nego bom de pulo: Mestre Nô e a capoeira da ilha*. [Good jumping guy: Mestre Nô and capoeira on the island]. [Online video]. Available from: <https://youtu.be/TsWIRAKg5no>
- Kok, G. P. (2010). *A escravidão no Brasil colonial* [Slavery in colonial Brazil]. Saraiva.
- Lachance, E. L. (2020). COVID-19 and its impact on volunteering: Moving towards virtual volunteering. *Leisure Sciences*, 43(1-2), 104-110. <https://doi.org/10.1080/01490400.2020.1773990>
- Lesser, I. A., & Nienhuis, C. P. (2020). The impact of COVID-19 on physical activity behavior and well-being of Canadians. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(11), 11. <https://doi.org/10.3390/ijerph17113899>
- Liu, H.-L. (Stella), Lavender-Stott, E. S., Carotta, C. L., & Garcia, A. S. (2021). Leisure experience and participation and its contribution to stress-related growth amid COVID-19 pandemic. *Leisure Studies*, 1–15. <https://doi.org/10.1080/02614367.2021.1942526>
- López-Bueno, R., Calatayud, J., Andersen, L. L., Balsalobre-Fernández, C., Casaña, J., Casajús, J. A., Smith, L., & López-Sánchez, G. F. (2020). Immediate impact of the COVID-19 confinement on physical activity levels in Spanish adults. *Sustainability*, 12(14), 5708. <https://doi.org/10.3390/su12145708>
- Lowen, Mark (2021). Covid in Brazil: hunger worsens in city slums. BBC News. <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-56765150>
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos da Metodologia Científica* [Fundamentals of Scientific Methodology]. Editora Atlas.
- Martins, S. E., Luiz, M. E. T., Franzoni, W. C. C., Tavares, L. M., & Marinho, A. (2021). Um olhar feminino sobre a mestria e a participação da mulher na capoeira da grande Florianópolis [A female look at women's mastery and participation in capoeira in the great Florianópolis]. *Licere*, 24(1), 385–407. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.31340>
- Minayo, M. C. S. (2013). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* [The challenge of knowledge: qualitative health research]. Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (2009). Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta [Fieldwork: the context of observation, interaction and discovery]. In M. C. S. Minayo, S. F. Deslandes, & R. Gomes (Eds.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 61–77). Vozes.
- Mishra, L., Gupta, T., & Shree, A. (2020) Online teaching-learning in higher education during lockdown period of Covid-19 pandemic. *International Journal of Educational Research Open*, 1, 100012, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.ijedro.2020.100012>

- Navarro, R. T., Tschöke Santana, D., & Rechia, S. (2018). Public leisure space and community-based action: the case of Praça de Bolso do Ciclista of Curitiba/Paraná/Brazil. *Leisure Studies*, 747–762. <https://doi.org/10.1080/02614367.2018.1535613>
- Noronha, F. D. A., & Pinto, R. N. (2004). Capoeira nas aulas de Educação Física: uma proposta de intervenção [Capoeira in Physical Education classes: an intervention proposal]. *Pensar a Prática*, 7(2), 123–138. <https://doi.org/10.5216/rpp.v7i2.16059>
- O'Connor, H., Madge, C. (2017). Online interviewing. In N. Fielding, R. Lee, & G. Blank, (Eds.), *The SAGE Handbook of online research methods* (pp. 416–434). SAGE Publications Ltd.
- Pinto, F. M., Corrêa, J. P., Meneghello, D., & Pereira Filho, V. (orgs.). *Cadernos de capoeira – Capoeira da ilha: história e constituição* [Capoeira notebooks – Capoeira da Ilha: history and constitution]. add+ planejamento livros, 2014.
- Polit, D., & Beck, C. T. (2014). *Essentials of nursing research: Appraising evidence for nursing practice*. Wolters Kluwer/Lippincott Williams & Wilkins.
- Pooler, M. (2021). Brazil emerges from covid ‘nightmare’ through vaccination blitz. *Financial Times*. <https://www.ft.com/content/689c4c92-c67e-4e4e-94fd-33b18a43c852>
- Rodriguez-Rey, R., Garrido-Hernansaiz, H., & Collado, S. (2020). Psychological impact and associated factors during the initial stage of the Coronavirus (COVID-19) pandemic among the general population in Spain. *Frontiers in Psychology*, 11, 1540. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01540>
- Salmons, J. (2012). Designing and Conducting Research with Online Interviews. In *Cases in Online Interview Research*. SAGE Publications Ltd.
- Santos, B. S. (2018). *Construindo as epistemologias do Sul: antologia essencial* [Building South Epistemologies: Essential Anthology]. CLACSO.
- Santos, B. S., Araújo, S., & Baumgarten, M.(2016). As epistemologias do Sul num mundo fora do mapa [Epistemologies of the South in a world off the map]. *Sociologias*, 18(43), 14-23. <https://doi.org/10.1590/15174522-018004301>
- Santos, B. S. A construção multicultural da igualdade e da diferença. Oficina do CES nº 135: Centro de Estudos Sociais, 1999.
- Santos, B. S. (2019). Direitos humanos, democracia e desenvolvimento [Human rights, democracy and development]. In B. S. Santos, B. S. Martins (Eds.). *O pluriverso dos direitos humanos: a diversidade das lutas pela dignidade* (pp. 41–66). Autêntica Editora.
- Shenton, A. K. (2004). Strategies for ensuring trustworthiness in qualitative research projects. *Education for information*, 22(2), 63–75. <https://doi.org/10.3233/EFI-2004-22201>

- Sher, L. (2020). The impact of the COVID-19 pandemic on suicide rates. *QJM: An International Journal of Medicine*, 113(10), 707–712.
<https://doi.org/10.1093/qjmed/hcaa202>
- Silk, M. L., & Andrews, D. L. (2011). Toward a Physical Cultural Studies. *Sociology of Sport Journal*, 28(1), 4–35. <https://doi.org/10.1123/ssj.28.1.4>
- Silk, M., Caudwell, J., & Gibson, H. (2017). Views on leisure studies: pasts, presents & future possibilities? *Leisure Studies*, 36(2), 153–162.
<https://doi.org/10.1080/02614367.2017.1290130>
- Stodolska, M. (2020). #QuarantineChallenge2k20: Leisure in the Time of the Pandemic. *Leisure Sciences*, 43(1-2), 8232–239. <https://doi.org/10.1080/01490400.2020.1774007>
- Stoot, Michael; Pooler, Michael; Harris, Bryan (2021). Brazil’s coronavirus nightmare: ‘Bolsonaro is more isolated than ever’. Financial times.
<https://www.ft.com/content/55713895-2423-4259-a222-f778f9587490>
- Tan, K. (2020). Africans say they’re getting evicted from their homes and hotels in Guangzhou. <http://shanghaiist.com/2020/04/10/africans-say-theyre-getting-evicted-from-their-homes-and-hotels-in-guangzhou/?fbclid=IwAR2GS-XkYrPFyJVlsFUBhtxoVjP6dYkZFXSQHiDcMmACXtX6ATLsgev1Gk>
- Teti, M., Schatz, E., Liebenberg, L. (2020). Methods in the time of covid-19: the vital role of qualitative inquiries. *International Journal of Qualitative Methods*, 1(5), p. 1–5. <https://doi.org/10.1177/1609406920920962>
- Ugolotti, N. M. (2015). Climbing walls, making bridges: children of immigrants’ identity negotiations through capoeira and parkour in Turin. *Leisure Studies*, 34(1), 19–33. <https://doi.org/10.1080/02614367.2014.966746>
- United Nations Education, Scientific and Cultural Organization [UNESCO]. (2014). Capoeira circle. <https://ich.unesco.org/en/RL/capoeira-circle-00892>
- Valinsky, J. (2020). McDonald’s China apologizes for banning black people from a store. <https://edition.cnn.com/2020/04/14/business/mcdonalds-china-coronavirus-sign-trnd/index.html>
- Vargas, T. (2014) Retalhos de Toni Vargas – sobreviver brincando [Toni Vargas Scraps - Survive Playing]. AbeiramarTV. <https://www.youtube.com/watch?v=-f5HSpaoIrY>
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 201–2018.
<https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>
- WHO - (2020). Coronavirus disease (COVID-19) situation report–102.
https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200501-covid-19-sitrep.pdf?sfvrsn=742f4a18_4
- Worldometers. (2021). Covid-19 coronavirus pandemic.
<https://www.worldometers.info/coronavirus/>

ARTIGO 4 - UM OLHAR FEMININO SOBRE A MESTRIA E A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA CAPOEIRA DA GRANDE FLORIANÓPOLIS.

Este estudo de caso, embora não fale diretamente sobre a linguagem do brincar nas rodas de ruas tradicionais de capoeira em Florianópolis, relaciona-se com o objetivo específico da investigação: “Conhecer os(as) capoeiristas que frequentam as rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC)”. Sua elaboração foi motivada por duas questões: 1) Enviar o trabalho para a edição especial, de março/2021, da revista *Licere*: “mulheres no mundo, na ciência, nas lutas da vida”, que aceitou apenas trabalhos de mulheres e tinha como objetivo incentivar as pesquisadoras durante o período da pandemia da covid-19; 2) Utilizar dados coletados no teor do projeto do brincar no período anterior a pandemia.

MARTINS, Samara Escobar; *et al.* Um olhar feminino sobre a mestria e a participação da mulher na capoeira da grande Florianópolis. *Licere*, Belo Horizonte, v. 24, n.1, p. 385 - 407, jan./mar., 2021a. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.31340>

UM OLHAR FEMININO SOBRE A MESTRIA E A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA CAPOEIRA DA GRANDE FLORIANÓPOLIS

Resumo: A capoeira situa-se em um espaço sociocultural, não estando livre de apresentar em sua prática mazelas sociais e culturais desse meio, como o machismo. Este estudo de caso qualitativo reflete sobre a participação feminina na capoeira, a partir da trajetória de uma mulher, mestra de capoeira, em Santa Catarina. Os resultados são apresentados em duas categorias: “Um olhar feminino sobre o ser mulher na capoeira” e “O ofício de mestra de capoeira: ser mestra, ser educadora”. Este estudo aponta lutas cotidianas enfrentadas por diversas mulheres, a partir da desconstrução de conceitos e aproximação com espaços e realidades que envolvem a capoeira. A investigada apresenta lições adquiridas em sua trajetória, relacionadas a práticas educativas alternativas e sensíveis, de valorização à capoeira, como elemento da cultura, de resistência e luta contra diferentes barreiras socioculturais.

Palavras-chave: Capoeira; Atividades de Lazer; Mulheres.

*“Sou mulher, sou capoeira
Minha luta é certa
Dou aú, também rasteira
Sou mulher...”*
(FRANÇA; GUEDES, 2018)

Introdução

É difícil determinar, do ponto de vista geográfico e temporal, a origem da capoeira. No entanto, é inegável o fato de que se trata de uma manifestação que entrelaça a cultura brasileira com a de diversos povos africanos, e que possivelmente recebeu certa influência indígena (IPHAN, 2014; LUSSAC, 2015). Além disso, considerando que as culturas se constroem em um determinado contexto, ainda que existam práticas semelhantes na África, não podemos pensar que a capoeira que conhecemos e experimentamos no Brasil é uma prática restrita às influências africanas (IPHAN, 2014).

Dito isso, ressaltamos que é de extrema importância que reconheçamos as raízes africanas da capoeira, mas sem desconsiderar as mudanças e as transformações que possivelmente ocorreram em solo brasileiro, dando a essa prática, no Brasil, os contornos que a caracterizam como tal. Assim, a capoeira é uma manifestação cultural Afro-brasileira, que nasce no Brasil com os negros que foram escravizados no período colonial (CORRÊA, 2018). Ela se forja no desejo pela liberdade e na luta do povo negro de superar a condição de oprimido, na qual fazem do corpo uma arma de resistências física e cultural (CORRÊA, 2018; PINTO, 2000; PALHARES, 2007). Ou seja, nasce com o regime escravocrata, pela necessidade de um grupo, em um determinado tempo e espaço social.

Como manifestação da cultura, com o dinamismo social, vai se ressignificando nos variados contextos, ocupando diferentes posições e ganhando diversas interpretações ao longo da história (SANTOS, 2009; NORONHA; PINTO, 2004). Hoje, mundialmente conhecida, a capoeira divulga o Brasil pelo mundo, sua língua e cultura, chamando atenção por sua composição singular e complexa, que inclui elementos de jogo, música, dança e luta (IPHAN, 2014). Tal configuração atribui à prática da

capoeira características de busca por prazer, desafio, improviso, brincadeira e vadiação (PALHARES, 2007), as quais podemos relacionar ao lúdico e ao lazer (LOTT, 2018; SAMPAIO, TAVARES, 2007).

O lúdico é um elemento cujas complexidade e subjetividade tornam difícil sua conceituação; portanto, é uma dimensão não conceitual, mas que pode ser apreendida ao se manifestar nos sentidos e significados atribuídos às experiências humanas (MARINHO, 2004). Podemos, com a experiência lúdica, ampliar nossos sentidos e formas de interação com o mundo e com as pessoas à nossa volta, abrindo-nos ao imprevisível por valorizar a espontaneidade (SANTIN, 1996; CACHOEIRA, FIAMONCINI, 2019). Nesse sentido, a capoeira se aproxima dessa experiência ao valorizar a expressão livre e espontânea, dando às pessoas a oportunidade de experimentar momentos de liberdade (MARTINS; MARINHO, 2019), permitindo-as ser em verdade e plenitude.

O lazer, por sua vez, pode ser compreendido como um fenômeno social, político, cultural, contra hegemônico, gerado e problematizado historicamente, por ser tratar de uma prática social, influenciada por uma multiplicidade de vivências situadas em distintos contextos socioculturais (GOMES, 2014). Está relacionado com a cultura vivenciada, no seu sentido mais amplo, de forma livre e desinteressada, ativa ou contemplativa, que envolve aspectos de tempo e atitude, bem como, proporciona questionamentos da sociedade exercendo influência nas estruturas sociais (MARCELLINO, 2007).

Para Gomes (2014, p. 12), o lazer possui significados e sentidos particulares para aqueles que o vivenciam, e em virtude da “necessidade de fruir, ludicamente, as incontáveis práticas sociais constituídas culturalmente”, podemos o considerar como necessidade humana e dimensão da cultura. Nesse sentido, as manifestações de lazer

podem contribuir para mudanças de ordens moral e social, gerando possibilidades lúdicas, educativas e de desenvolvimento pessoal e social (MARCELLINO, 2007).

Em sua pesquisa sobre a capoeira de rua, Melo (2015) aponta que a capoeira socialmente comprometida, enquanto possibilidade de lazer, apresenta contradições e tensões que a diferenciam de perspectivas de lazer que o veem como algo desinteressado e que se contrapõe ao trabalho. Portanto, devemos considerar que lazer, trabalho, relações sociais e movimentos sociais se relacionam com os processos de constituição das subjetividades humanas, possuindo dinâmicas complexas de desenvolvimento, que nos permitem conceber a capoeira como um lazer de caráter transgressor e de contraposição a alguns mecanismos sociais de desigualdade e opressão (MELO, 2015).

Ainda que esteja fundamental e historicamente relacionada a movimentos de contraposição à opressão e na busca por libertação, a capoeira está situada em um espaço sociocultural e, portanto, não está livre de apresentar em sua prática (contraditoriamente) as mazelas sociais desse mesmo espaço, dentre elas, o machismo. Historicamente, a rua é considerada um espaço eminentemente masculino, sendo, assim, tecidas relações de supremacia de gênero, ressaltando as liberdades do “poder do macho”, conforme descrito por Oliveira e Leal (2009, p. 119).

Sob uma perspectiva machista, nas primeiras décadas do século XX, a participação das mulheres em espaços sociais deveria ser sutil, discreta e diferenciada de acordo com sua classe social, popular ou elitizada (OLIVEIRA; LEAL, 2009). Ferreira Filho (1994, p. 99) elucida que “na conquista do espaço público, as mulheres pobres tiveram um papel fundamental. Ágeis, versáteis, econômicas, políticas, essas mulheres foram, no contexto da cidade, os exemplares mais significativos dos que venceram o desafio da rua”. À medida que se inseriram nos contextos socioculturais,

elas, assim como os homens que participavam das rodas de capoeira, foram perseguidas por um discurso civilizador, no qual eram identificadas como “mulheres valentes”, responsáveis pela desordem nas ruas (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

No entanto, devemos alertar para o fato que, mesmo presentes nas rodas, as mulheres seguem sofrendo com as desigualdades de gênero, pois a capoeira continua sendo praticada majoritariamente por homens (SOUZA, 2010; BARBOSA, 2017; FRANÇA, 2018). Nessa perspectiva, Barbosa (2017) observa que, para a mulher permanecer na capoeira, é preciso coragem e persistência, pois muitos são os desafios e as violências, visto que esta é uma prática historicamente considerada masculina, resultando em maior contingente masculina de participantes e nas posições de liderança (mestres, contramestres e professores).

Além disso, existe uma invisibilidade do papel da mulher na capoeira, pois poucos são os estudos que procuram explorar as questões que estão envolvidas no ser mulher capoeirista (BARBOSA, 2017). Portanto, torna-se substancial que possamos estudar a capoeira, também, a partir da perspectiva feminina, dando às mulheres voz e espaço para que possam compartilhar suas experiências, a partir das quais podemos tentar nos aproximar desse contexto para compreendê-lo e transformá-lo. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo refletir sobre a participação feminina na capoeira, a partir da trajetória de uma mulher, mestra de capoeira, em Santa Catarina.

Metodologia

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso que incluiu uma pesquisa exploratória e descritiva, bem como possui uma abordagem qualitativa. Os estudos de caso têm como propósito estudar determinado objeto, com o intuito de realizar um amplo detalhamento e aprofundamento do contexto

investigado (YIN, 2014; PEREIRA; GODOY; TERÇARIOL, 2009; FREITAS; JABBOUR, 2011).

Além disso, Yin (2014) defende que o referido caso estudado deve ser representativo para justificar uma busca aprofundada sobre determinada situação e/ou contexto. Nesse sentido, a importância deste estudo se dá pelo caso investigado ser a trajetória de uma mulher que possui evidente importância para capoeira da Grande Florianópolis¹² no estado de Santa Catarina. A mulher investigada é, até então, a única no estado de Santa Catarina a ter recebido o título de mestra de capoeira (que iniciou a sua trajetória no estado e recebeu o título no mesmo), estando inserida em um contexto, no qual a capoeira existe, de forma estruturada, há mais de 40 anos, rodeada por um universo de mestres homens. Esta mulher será identificada neste estudo pelo nome fictício de Mestre Violeta.

Este estudo faz parte de um projeto de pesquisa enviado ao Comitê de Ética e Pesquisas com Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina, o qual foi aprovado sob o parecer nº 3.083.715, seguindo os preceitos éticos da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisa com seres humanos. Ressalta-se que a Mestre Violeta aceitou participar voluntariamente deste estudo e assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As pesquisas exploratórias objetivam maior familiarização com o problema, considerando os diferentes aspectos inerentes ao fenômeno estudado (GIL, 2010). Por sua vez, as pesquisas descritivas, de acordo com Gil (2010), têm o propósito de descrever detalhadamente as características dos elementos investigados e, se possível,

¹² O termo Grande Florianópolis refere-se a região Metropolitana de Florianópolis, que inclui os municípios de Águas Mornas, Antônio Carlos, Biguaçu, Florianópolis, Governador Celso Ramos, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, São José, São Pedro de Alcântara, Alfredo Wagner, Angelina, Anitápolis, Canelinha, Garopaba, Leoberto Leal, Major Gercino, Nova Trento, Paulo Lopes, Rancho Queimado, São Bonifácio, São João Batista e Tijucas (SANTA CATARINA, 2010).

verificar as relações entre os achados, podendo ter o intuito de levantar opiniões, atitudes ou crenças de determinado grupo.

Segundo Freitas e Jabbour (2011), para a realização de pesquisas que adotam como estratégia o estudo de caso é preciso, primeiro, definir qual abordagem responderá melhor os objetivos da pesquisa (quantitativa ou qualitativa). Assim, para esses mesmos autores, quando “a finalidade é explicar ou descrever um evento ou uma situação, a abordagem adotada deve ser a qualitativa” (p. 9). Além disso, a pesquisa qualitativa não pode ser quantificada e está estreitamente relacionada com o universo dos significados, motivos, atitudes e valores (MINAYO, 2012).

O principal benefício desse tipo de abordagem diz respeito à possibilidade de triangular os dados por meio de diversos instrumentos: entrevistas, observações, análise de documentos; uma vez que essa triangulação aproxima o pesquisador do objeto de estudo (FREITAS; JABBOUR, 2011), bem como contribui para uma melhor compreensão do fenômeno investigado.

Para tanto, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a Mestra Violeta. Este tipo de instrumento, conforme Minayo (2012), é um dos mais utilizados nas ciências sociais, tendo o objetivo coletar informações, de um ou mais conteúdos específicos, por meio da comunicação verbal. Para esse estudo, optou-se pela entrevista semiestruturada, com perguntas abertas, na qual a entrevistada foi incentivada a discorrer sobre suas experiências, motivações, crenças, e inquietações relacionadas ao universo da capoeira.

Foi utilizado um roteiro pré-estruturado, delineado, especificamente, para esse estudo, a fim de orientar a entrevistadora, porém, não nos limitamos a ele. Essa estrutura de entrevista possibilita que o(a) entrevistador(a) explore as questões de interesse do

estudo, bem como, possui a flexibilidade de aprofundar nas respostas dadas pelos(as) entrevistados(as), resultando, assim, em um amplo arsenal de dados (PATTON, 2002).

A entrevista ocorreu em uma escola pública da Grande Florianópolis, onde a Mestre Violeta desenvolve um projeto de capoeira no contraturno escolar, sendo marcada previamente, em comum acordo com a entrevistada; teve duração de 42 minutos, e foi gravada, em sua totalidade, com auxílio de um gravador de áudio e, posteriormente, transcrita na íntegra (aproximadamente, quatro horas de transcrição). Destaca-se que, conforme aconselhado por Halcomb e Davidson (2006), para diminuir o viés de transcrição, a pesquisadora principal foi quem realizou a entrevista e a transcreveu. Além disso, a entrevistadora possui experiência, tanto com o instrumento de coleta de dados, quanto com a capoeira, além de ter acompanhado, por quatro meses, por meio de observação participante, a Mestre Violeta em seu projeto de capoeira, na escola em que ela leciona.

Salientamos que, para registro de informações, a pesquisadora contou com o auxílio de um diário de campo. Autores como Minayo (2013) e Oliveira (2014) observam que este elemento pode ser caracterizado como substancial para o desenvolvimento da pesquisa, pois carrega anotações do trajeto, que recuperam a memória de aspectos observados, vivenciados e sentidos durante o período de coleta de dados.

Os dados coletados foram analisados por meio de elementos da técnica de análise de conteúdo, seguindo as orientações de Bardin (2009). Para a autora, a análise de conteúdo se caracteriza como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, realizada por meio de procedimentos sistemáticos, os quais se dividem em três categorias, a saber: a pré-análise, que corresponde a fase inicial de organização dos dados, realizando a leitura do material, a elaboração dos indicadores que auxiliam na

interpretação dos dados, e a seleção dos documentos que serão analisados. Posteriormente, a primeira fase, parte-se para a exploração do material, que consiste em realizar as codificações e unidades de registros, e por fim, é realizado o tratamento dos dados, a partir da inferência e a interpretação, sendo respaldado no referencial teórico (BARDIN, 2009). A partir disso, os principais resultados encontrados foram discutidos nas categorias: “Um olhar feminino sobre o ser mulher na capoeira” e “O ofício de mestra de capoeira: ser mestra, ser educadora”.

Resultados e Discussão

Por meio dos relatos da Mestra Violeta, obtidos em sua entrevista, além da observação cuidadosa do seu trabalho de capoeira, pudemos conhecer e nos aproximar dessa mulher, mestra de capoeira, forte, determinada e que demonstrou, durante todo o período do estudo, muita dedicação e paixão pela capoeira. No que pode ser alcançado por esta pesquisa, sobre seu trabalho e trajetória na capoeira, destacam-se duas questões: o olhar feminino sobre o ser mulher na capoeira, na Grande Florianópolis, discutido a partir da experiência dessa mestra; e os aspectos relacionados ao ofício de mestra de capoeira (ser mestra, ser educadora e seus desdobramentos).

Um olhar feminino sobre o ser mulher na capoeira

A Mestra Violeta iniciou a sua trajetória na capoeira em 1983, na Grande Florianópolis, com 15 anos de idade e com poucas referências femininas na capoeira. Também para Corrêa (2018), pesquisadora na área da Educação, conhecida na capoeira como Contramestra Jô, quando iniciou a capoeira em 1988 (na mesma região que a Mestra Violeta), existiam poucas mulheres que praticavam essa modalidade, a qual era socialmente considerada como algo destinado ao público masculino. A ausência de

outras mulheres na capoeira, representativas e referências para as que vão iniciando a prática, é uma questão que surge na fala da Mestre Violeta, evidenciando a dificuldade de uma geração a qual ela faz parte, das primeiras mulheres na história da capoeira da Grande Florianópolis, a levarem essa prática para a vida.

Também tive os meus momentos de desânimo em algumas cordas assim... Eu balancei entre ficar e voltar, por causa dos perrengues que a gente enfrenta na capoeira, as dificuldades, os treinos, a cobrança, opressão de tu ter que fazer as coisas que tu não queres e, também, de ter que treinar só com homem e é difícil treinar só com homem (Mestra Violeta).

Mesmo com as dificuldades, algumas (poucas) mulheres daquela época permaneceram na capoeira da Grande Florianópolis, a exemplo da Contramestra Jô e da Mestre Violeta, quem chegou ao título de mestra de capoeira em 2016 (IPHAN, 2017), após 33 anos dedicados à esta prática.

Embora, na adolescência, tenha iniciado a capoeira por sua afinidade com esportes e lutas, sem um olhar crítico para sua posição enquanto mulher dentro da capoeira, com o passar do tempo e com as experiências vividas, Mestre Violeta percebeu a sua missão como mulher neste contexto, devido ao machismo estrutural. O que podemos identificar em sua fala:

(...) eu comecei a ter maior entendimento da minha prática e da militância, da minha missão enquanto mulher na capoeira, mestra, feminista, de estar sempre lutando em prol da equidade, principalmente em prol das mulheres, porque a gente sabe que as nossas dificuldades são muito maiores para se manter na capoeira e para chegar à mestra do que a dos homens (Mestra Violeta).

Percebemos o alerta que a Mestre Violeta faz sobre as dificuldades enfrentadas pela mulher na capoeira e como, para ela, a compreensão dessa situação não foi imediata. Sobre isso, as estruturas machistas são tão predominantes na nossa sociedade

que, muitas vezes, as mulheres naturalizam certas violências sofridas (BARBOSA, 2017). Nesse sentido, a mulher quando identificada como “sexo frágil” tende a sofrer uma estigmatização do corpo como inapropriado para tal prática, que possui um caráter combativo, o qual pode assumir um formato duro ou violento. Tais relações são complexas. Sobre isso, a Mestre Violeta afirma:

(...), mas como a gente é jovem e está naquele auge de evolução física e pelo fato de ter muita competitividade, eu me atraio também por isso, então não tinha entendimento, não parava pra pensar sobre isso que a gente treinava pra ir pra roda pra trocar porrada com outras pessoas, não tinha esse entendimento né, a gente só vai entender isso quando amadurece, isso leva tempo. Bem depois que eu fui entender e ter uma outra visão disso, de que a gente não está na capoeira só para isso, pra trocar porrada, ela (a capoeira) tem muitas coisas maravilhosas para a gente se manter nela e não só esse lado da luta entre a gente sabe, porque ninguém aguenta lutando uma vida inteira, uma hora o corpo cansa, o corpo se machuca, as lesões começam a aparecer (Mestra Violeta).

Ao considerar o contexto sociocultural em que a Mestre Violeta se encontrava, no início de sua prática, observamos que as atividades culturalmente associadas ao feminino, distanciam-se do contato físico e da combatividade presentes na capoeira. Importante destacar que, até 1979, alguns anos antes, a prática de algumas atividades físicas, como judô, futebol e capoeira, eram proibidas por lei de serem realizadas por mulheres. Acreditava-se que a fragilidade feminina e a maternidade deveriam ser preservadas (SOUZA, 2010).

Neste mesmo segmento, na sociedade patriarcal em que nós vivemos, características como valentia, agilidade, habilidade e força estão, normalmente, associadas ao universo masculino, e não ao feminino; uma vez que a mulher era considerada como sensível, amável e dependente do homem (DA VITÓRIA, 2015). Além disso, apesar de a capoeira (numa perspectiva ampla) não ter gênero e ser uma resposta às opressões sofridas pelo povo negro, as condições impostas às mulheres

(submissão, responsabilidades e tarefas da casa), pela sociedade da época, contribuíram para a falta das mulheres no meio capoeirístico (DA VITÓRIA, 2015).

Assim, a inserção de mulheres na capoeira, mesmo após a extinção da lei, foi encoberta de barreiras socioculturais, nas quais os próprios profissionais da saúde, como médicos e fisiologistas, e os educadores, desaconselhavam a prática (MOURÃO; SOUZA, 2007). Como reflexo, também, dessa sociedade machista, quando as mulheres transgrediram as condições socioculturais supracitadas, e passaram a utilizar a capoeira no seu cotidiano, elas recebiam adjetivos como “valentonas” e “briguentas”, enquanto os homens eram vistos como destemidos e ágeis (DA VITÓRIA, 2015). Esses aspectos desembocaram em preconceitos e dificuldades relacionados à participação das mulheres na capoeira, os quais ainda existem, embora muito se faça para superá-los. Sobre isso, a Mestre Violeta argumenta:

Sempre pra mulher é mais difícil tudo, porque a mulher tem outras funções além de só treinar a capoeira né, ela tem normalmente filhos e casa ou se casa com alguém e aí ela tem aquela obrigação que a sociedade impõe, né: que ela tem que casar e ter filhos. Então, para treinar capoeira, uma arte que precisa de bastante dedicação, é mais difícil. E a gente vê que na capoeira o número de mulheres é sempre mais baixo do que o de homens. Normalmente, quando existe uma relação de um casal e eles terminam, a mulher sai e o homem fica. A gente está tentando fazer essa mudança, mas não é fácil (Mestra Violeta).

Conforme Da Vitória (2015), da mesma forma como nos demais espaços, as construções sociais perpassam pelas relações sociais. Assim, a autora afirma que a capoeira, também, constitui-se com a presença do patriarcado, onde, por vezes, a imagem da mulher é manchada, a exemplo, inclusive, de algumas cantigas de roda. Barbosa (2017), ao pesquisar a trajetória de seis mulheres na capoeira em Porto Alegre, destaca que diferentes mulheres reagem de diferentes formas às várias violências que

podem se apresentar, desde a constante invisibilização na prática da capoeira, até opressão, assédio moral e/ou sexual.

Em concordância, Da Vitória (2015) afirma que falas e atitudes machistas ocorrem de forma rotineira no contexto da capoeira e isso fez com que um grupo de mulheres capoeiristas se reunissem para discutir as violências, as experiências e as vivências que haviam passado, o que as fez perceber a importância de terem o apoio umas das outras. Buscando vencer os preconceitos, algumas mulheres encontraram como alternativa assumir uma postura que nem sempre condizia com quem elas eram em verdade, buscando um perfil “masculinizado”, dentro de uma atribuição social do que seria masculino, para ser respeitada em meio aos outros participantes e mestres. Assim como ressaltado no discurso de Mestre Violeta:

(...) nós somos mulheres, então é um contexto totalmente diferente, às vezes a gente tem que se transformar numa coisa que a gente não é para poder se manter ali. E hoje eu consigo perceber isso, que muitas vezes eu tive que agir igual homem, com atitudes de homem, se não, eu não conseguiria ter sobrevivido aquela época, sabe? Porque a gente trocava porrada na roda e vinha pra casa toda machucada e tinha que aguentar aquilo, tu tinhas que ser forte (Mestra Violeta).

O relato da Mestre Violeta diz respeito às dificuldades pessoais, mas que podem ser interpretadas como uma forma de resistência do próprio movimento feminista, dentro da capoeira. Para além dos preconceitos referentes a aspectos físicos, características como coragem e racionalidade, são comumente atribuídas aos homens (FRANÇA, 2018). Portanto, ainda que as mulheres tenham conquistado seu espaço, discursos e ações machistas seguem persistindo em diferentes espaços sociais.

Contudo, estudos como o de França (2018) mostram a importância de desconstruir conceitos e repensar discursos que contribuam para o aumento da desigualdade de gênero, por meio da visibilidade da mulher e do conhecimento sobre a

história da capoeira. Além disso, de acordo com a autora, é necessário que a prática seja vivenciada de forma inclusiva, em que a mulher não seja vista como um corpo frágil. Nessa perspectiva, Mestre Violeta esperançosamente destaca:

“(...) agora que está tendo um outro formato, as pessoas estão procurando estudar, se adequar, procurar conhecer o corpo em todos os sentidos, mas é muito recente. A gente tenta ir melhorando com o trabalho que a gente faz, com as crianças, mas é difícil, as dificuldades estão aí, o machismo, o preconceito é muito forte (Mestra Violeta).

Assim, percebe-se o quão desafiador pode ser para a mulher - por ser mulher - seguir seu caminho na capoeira. Contudo, aquelas que o fazem, tornam-se, possivelmente, a exemplo da Mestre Violeta, educadoras da capoeira que, à luz das dificuldades pelas quais passaram, buscam moldar suas práticas pedagógicas para valorizar a mulher nesse espaço, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

O ofício de mestra de capoeira: ser mestra, ser educadora

Evidenciou-se na fala da Mestre Violeta, e nas ações perante seus alunos, uma compreensão de que a busca por conhecimento e processos educativos são uma possibilidade de superação das condições de preconceito e opressão que socialmente se estabelecem.

Não pretendo formar atletas (...) eu passo valores para eles, valores que eu aprendi com a minha família, com as minhas vivências, os valores que a gente precisa respeitar as diferenças, ter educação, saber entrar e saber sair, não mexer nas coisas de ninguém. Enfim, valores que a gente vai aprendendo com a vida, para lá na frente nos tornarmos boas pessoas, porque eu acredito que a gente ainda pode contribuir para fazer um mundo melhor, mais igual (Mestra Violeta).

Para Palhares (2007), a capoeira é capaz de favorecer processos educativos para a aquisição de valores socioculturais, contribuindo para a inclusão social e as relações igualitárias. Nesse sentido, o lúdico na capoeira se apresenta como uma alternativa fértil, podendo ser explorado para a construção de ambientes pedagógicos que contribuam para processos significativos de ensino e aprendizagem, tendo a figura do(a) professor(a) um papel fundamental nesse cenário (MARTINS; MARINHO, 2019).

Em sua trajetória profissional, Mestra Violeta buscou outras fontes de conhecimento, tornando-se pedagoga e licenciada em Educação Física. Ao entrar no sistema formal de educação, como professora, vieram o gosto e a vontade, também, de trabalhar com a capoeira, utilizando conhecimentos específicos dessa prática que foram adquiridos anteriormente à formação universitária.

Então, eu dava aula de Educação Física e eu a colocava (a capoeira) nas minhas aulas, como uma outra atividade e aí eu fui pegando o gosto por ela, por também praticar, fazer muito mais do que as aulas de Educação Física. Daí eu comecei a dar aula de capoeira em 98 aqui no colégio, não tinha nada a ver com a prefeitura, eu vim aqui oferecer e eles aceitaram por ser uma modalidade diferente (Mestra Violeta).

O ser professor, a construção da identidade docente, ocorre em processos que vão se estabelecendo ao longo de toda a vida, iniciando antes da formação inicial e continuando posteriormente a ela, sendo este percurso influenciado pelas escolhas e experiências individuais de cada pessoa (RESENDE *et al.*, 2014). Assim, não devemos generalizar como se torna professor, considerando a subjetividade que cada um expressa em suas trajetórias individuais (BOLZAN; ISAIA, 2010). Tal compreensão pode ser pensada, também, na construção da identidade de mestra de capoeira que, após a experiência com esta prática em sala de aula, teve certeza de que queria trabalhar com isso. Então, iniciou suas atividades como professora de capoeira e passou a investir mais na sua formação para essa ação específica.

Eu já tinha bastante facilidade para dar aula, eu já gostava de fazer isso, então eu não tive problema com forma de trabalhar, didática, só se encaixou assim, só mudou a modalidade e daí eu comecei a trabalhar com pessoas que queriam fazer capoeira, não era mais aula de Educação Física (...) era opcional, então ficou uma coisa melhor vamos dizer. Eu pude desenvolver mais habilidade, a forma de trabalhar, a fundamentação da capoeira, pude estudar muito mais isso, me aprofundar em todos os fundamentos relacionados a capoeira: de jogo, fundamentos de golpe, fundamentos de ritmo, de canto, história. Aprimorei mais os meus conhecimentos com a capoeira, tanto físico quanto intelectual, histórico, ancestral (...) então, foi bem bom isso, cada vez fez mais com que eu me envolvesse mais, quisesse mais ficar na capoeira (Mestra Violeta).

A ancestralidade, enquanto manifestação simbólica da cultura de outrora, revela-se, também, nas crianças, quando estas se expressam livremente na corporeidade, no jogo e na musicalidade da capoeira (MARTINS; MARINHO, 2019). Os aspectos histórico e ancestral são características próprias e fundamentais dos saberes da capoeira, dos quais os mestres(as) são guardiões e promotores, o que lhes confere grande respeito por parte dos capoeiristas (CORDEIRO; ABIB, 2018; JESUS; GRUBER, 2017). Assim, embora reconheça a importância de se buscar conhecimento em instituições formais de educação, que possam complementar a sua atuação com a capoeira, Mestra Violeta destaca o quão fundamental é reconhecer e valorizar os conhecimentos histórico e popular que cercam o universo da capoeira.

Não é um semestre no curso de Educação Física e o cara está apto para dar aula de capoeira, não está mesmo. Nem com quatro anos a gente não sai sabendo muitas coisas. Ele tem que ter alguns anos dentro da prática da capoeira para poder dar aula (...) eles (instituições) querem pedir a formação acadêmica e a gente sabe aí que os grandes mestres não têm essa formação acadêmica. Eles têm a formação da vida, da história, eles não sentam num banco de universidade, mas o conhecimento deles é muito maior do que um banco de universidade, eles têm o saber popular, o saber da rua, da ancestralidade (Mestra Violeta).

Nesse contexto, a figura do(a) mestre(a) é certamente uma referência importante na formação dos alunos que passam pela capoeira, pois, muito vinculado ao ensino da capoeira estão os aspectos educacionais em uma perspectiva mais ampla, pensando em valores e atitudes importantes na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Para tanto, deve-se valorizar a capoeira de maneira educacional como cultura e possibilidade lúdica (KOHL, 2014). Cabendo a figura do educador ter um olhar sensível sobre esses aspectos, tal qual a Mestra Violeta apresenta:

(...) poder passar o teu conhecimento, aquilo que tu aprendeste, tu ver as crianças se divertindo quando aprendem a capoeira, curtindo a parte da instrumentalização da capoeira, a música, se defendendo, sabendo se respeitar numa roda, sabendo se respeitar na hierarquia do jogo, tocando, cantando, evoluindo né, levando todo esse aprendizado para vida, porque acontece que a gente às vezes dá aula para um aluno ali de 7 anos e 20 anos depois ele vem trazer o filho para treinar capoeira. Ele não consegue se manter na capoeira, mas traz o filho ou a filha (...) é prazeroso ver aquelas pessoas que tu um dia foi referência e passou algum conhecimento, elas seguindo um caminho do bem e se tornando boas pessoas, acho que isso é o mais gratificante (Mestra Violeta).

Como um fenômeno sociocultural, a capoeira se manifesta na sociedade de distintas formas (SAMPAIO; TAVARES, 2007). Independentemente de onde aconteça, seja na favela (KANITZ, 2011), ou em grandes centros urbanos (LOTT, 2018), a capoeira corrobora a inclusão social, por meio do movimento, da arte e da música (PALHARES, 2007). Por isso, é de suma importância que a capoeira esteja presente nos ambientes formais de ensino, sendo explorada crítica e contextualizadamente (PALHARES, 2007). Após trabalhar 21 anos com a capoeira na escola, Mestra Violeta, compreende como um conteúdo fundamental

(...) quando uma criança chega aqui, por exemplo, ela é uma criança que a escola pede para ela ser inserida na prática da capoeira, porque ela é uma criança agressiva. E o trabalho metodológico, didático e afetivo, que a gente faz dentro da capoeira, consegue direcionar aquela criança para que ela tenha um outro foco com a agressividade dela,

porque às vezes ela tem um problema de desestrutura próprio da família, sabe? E daí ela traz aquela carga que ela não consegue trabalhar, porque ela é uma criança. Aqui a gente consegue ter essa percepção, direcionar o que está acontecendo com ela, como a gente vai agir com aquela criança para direcionar aquela agressividade (Mestra Violeta).

Nesse sentido, ao transbordar os aspectos técnicos da capoeira em suas aulas, a Mestra Violeta tem um olhar sensível para com seus alunos. Trata-se de uma ação pedagógica orientada pelo saber da experiência, o qual é saber subjetivo e pessoal (BONDÍA, 2002). Por sua vez, a reflexão é o processo que transforma uma experiência em um aprendizado que virá a compor esse saber (RESENDE *et al.*, 2017). Assim, à luz do exposto pela Mestra Violeta, cabe ressaltar o quão importante é a figura dessa mestra e sua trajetória para a efetivação da capoeira como processo educativo de transformação sociocultural nas suas aulas.

Considerações finais

Este estudo de caso realizado com a Mestra Violeta levantou importantes discussões que, acima de tudo, estão em sintonia com os estudos de Barbosa (2017). Esta autora afirma que investigar e refletir sobre a trajetória da mulher na capoeira, a partir da própria mulher, significa valorizar pontos de vista diferentes e inovadores, permitindo-nos compreender melhor como essas mulheres realizam suas experiências. Essencialmente, a experiência é o que nos passa, acontece e toca, e não, o que se passa, acontece ou toca (BONDÍA, 2002).

Nessa perspectiva, a experiência sendo “o que *nos* acontece” e não “o que acontece”, duas pessoas que passam pelo mesmo acontecimento não têm a mesma experiência e, portanto, o saber da experiência não se separa do indivíduo em que surge (BONDÍA, 2002). Assim, devemos mencionar o caráter não generalizável deste estudo,

ressaltando, porém, que se pode levantar e elucidar, a partir dele, questões pertinentes a serem discutidas sobre a participação das mulheres na capoeira.

Das experiências mencionadas pela Mestre Violeta e da vivência que se estabeleceu durante os quatro meses de observação do trabalho dessa mestra, foram evidenciadas as dificuldades enfrentadas por ela para permanência na capoeira, e como essa trajetória de vida a influenciou como educadora que valoriza as práticas educativas alternativas e sensíveis, buscando ressignificar aspectos socioculturais.

Dessa forma, Leiro (2002) relembra que as relações de gênero presentes no lazer também sofrem influências culturais, as quais podem influenciar a vida como um todo. Apesar de algumas mulheres, como a Mestre Violeta e a Contramestra Jô, tentarem romper tensões e fronteiras entre gêneros, observadas no meio capoeirístico, elas ainda não foram completamente rompidas.

A capoeira, como forma de manifestação da cultura, carrega o significado de resistência e representa a luta contra diferentes barreiras sociais. Contudo, há ainda um caminho de reconhecimento da mulher, nesse espaço, a ser conquistado. Para que sejam valorizadas como igualmente pertencentes a essa manifestação. Para isso, torna-se importante, como aponta Da Vitória (2015), que as mulheres praticantes passem a apoiar umas às outras. Atitude esta que a Mestre Violeta já apresenta em sua busca em prol das mulheres e da equidade de gênero na capoeira, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

Nessa perspectiva, compartilhamos da defesa de França (2018) sobre a importância de estudos que deem visibilidade e estimulem o protagonismo de mulheres, inclusive na pesquisa. Assim, pode ser possível retratar as lutas cotidianas enfrentadas por diversas mulheres, por meio de um olhar feminino. Buscando um avanço nas discussões a partir da desconstrução de conceitos e aproximação com os espaços e as

realidades. Com isso, sugerimos que novos estudos sejam realizados com outras mulheres, mestras, ou não, em diferentes contextos, com o propósito de nos aproximarmos de compreensões mais amplas sobre a participação delas na capoeira.

Referências

- BARBOSA, V. M. **Mulher na roda: experiências femininas na capoeira angola de Porto Alegre**. 2017. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1 ed. Lisboa: Edições 70, 2009. 229 p.
- BOLZAN, D. P.; ISAIA, S. M. A. Pedagogia universitária e aprendizagem docente: relações e novos sentidos da professoralidade. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 13-26, 2010.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-31, 2002.
- CACHOEIRA, N. R.; FIAMONCINI, L. A ludicidade no projeto de extensão vivências corporais lúdicas na UFSC. **Licere**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 401-424, 2019.
- CORDEIRO, A. A. S.; ABIB, P. R. J. A educação da capoeira: uma pedagogia da cultura popular. **Educação em Foco**, Minas Gerais, v. 21, n. 33, p. 223-241, 2018.
- CORRÊA, J. P. **A arte de ensinar a capoeira, na roda e na vida: pedagogia da capoeiragem de Norival Moreira de Oliveira - Mestre Nô**. 2018. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- DA VITÓRIA, A. A malta de saias ginga na UFRN: desconstruindo o machismo na roda viva. **Revista Interface-UFRN/CCSA**, Rio Grande do Norte, v. 12, n. 2, p.106-119, 2015.
- FERREIRA FILHO, A. H. **Salvador das mulheres: condição feminina e cotidiano popular na Belle Époque Imperfeita**. 1994. 223 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas da UFBA, Salvador, 1994.
- FRANÇA, A. L. O protagonismo da mulher nas produções científicas sobre capoeira como temática. **Revista Íbamò**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 90-103, 2018.
- FREITAS, W. R. S.; JABBOUR, C. J. C. Utilizando estudo de caso (s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **Revista Estudo & Debate**, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 7-22, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 200 p.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2014.

HALCOMB, E. J.; DAVIDSON, P. M. Is verbatim transcription of interview data always necessary?. **Applied nursing research**, Filadélfia, v. 19, n. 1, p. 38-42, 2006.
IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). **Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira**/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Brasília: Distrito Federal. 2014.

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). **Cadastro Nacional da Capoeira**. 2017. Disponível em: <http://www.capoeira.gov.br/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

JESUS, F. S.; GRUBER, V. A estética da (re)existência: olhares filosóficos sobre o mestre de capoeira. *In*: XIII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2017, Salvador. **Anais** [...] Salvador, BA: UFBA, 2017.

KOHL, H. G. **Gingado na prática pedagógica escolar: expressões lúdicas no que fazer da educação física**. 2 ed. Recife: Editora UFPE, 2014. 137 p.

KANITZ, R. C. M. Capoeira angola na favela: juventudes, sentidos e redes sociais. **LICERE**, Belo Horizonte, 2011. 152 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

LEIRO, A. C. R. Educação, Lazer e Relações de Gênero: talhes e doxas. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 19, p. 1-16, 2002.

LOTT, W. P. A Capoeira no Brasil. **Licere**, v. 21, n. 4, p. 450-470, 2018.

LUSSAC, R. M. P. Especulações acerca das possíveis origens indígenas da capoeira e sobre as contribuições desta matriz cultural no desenvolvimento do jogo-luta. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 267-278, 2015.

MARCELLINO, N. C. Lazer e Cultura: algumas aproximações. *In*: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e Cultura**. Campinas: Editora Alínea, 2007. p. 9-30.

MARINHO, A. Repensando o lúdico na vida cotidiana: atividades na natureza. *In*: SCHWARTZ, G. M.(org.). **Dinâmica lúdica: novos olhares**. São Paulo: Manole, 2004. p. 1-16.

MARTINS, S. E.; MARINHO, Alcyane. **A capoeira e o lúdico na escola: reflexões sobre os processos de ensino-aprendizagem**. 2019. 16 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Educação Física) - Centro de Ciências da Saúde e do Esporte, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MELO, V. T. Os capoeiras de rua de Belo Horizonte (1970 - 1990): permanências e discontinuidades na história da capoeira. **Licere**, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 221-242, 2015.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. S.; DELANDES, S. F.; GOMES, R. (orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 9-29.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2013. 282 p.

MOURÃO, L.; SOUZA, G.C. Narrativas sobre o Sul-Americano de Judô de 1979: a legalização do judô feminino no Brasil. *In*: GOELLNER, S. V.; JAEGGER, A. A. (orgs.). **Garimpo Memórias: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança**. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 97-114.

NORONHA, F. D. A.; PINTO, R. M. N. Capoeira nas aulas de Educação Física: uma proposta de intervenção. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 123-138, 2004.

OLIVEIRA, J. P. de; LEAL, L. A. P. Gênero, Cultura e Capoeiragem. *In*: OLIVEIRA, J. P. de; LEAL, L. A. P. (orgs.). **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 117-176.

OLIVEIRA, R. D. C. M. (Entre) Linhas de uma pesquisa: O Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 2, n. 4, p. 69-87, 2014.

PALHARES, L. R. Educação e cultura popular: inclusão social pela capoeira. **Licere**, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p.1-15, 2007.

PATTON, M. Q. **Qualitative research and evaluative methods**. 3 ed. California: Sage, 2002.

PEREIRA, L. de T. K.; GODOY, D. M. A.; TERÇARIOL, D. Estudo de caso como procedimento de pesquisa científica: reflexão a partir da clínica fonoaudiológica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 3, p. 422-429, 2009.

PINTO, F. M. Movimento/ Cultura popular: a luta continua camará. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 14, p. 115-132, 2000.

RESENDE, R. *et al.* Identidade profissional docente: influência do conhecimento profissional. *In*: QUEIRÓS, P.; BATISTA, P.; ROLIM, R. (eds.) **Formação inicial de professores: reflexão e investigação da prática profissional**. Porto: Editora FADEUP, 2014. p. 145-164.

RESENDE, R. *et al.* Exercício profissional do treinador desportivo: do conhecimento a uma competência eficaz. **Journal of Sport Pedagogy and Research**, Rio Maior, v. 3, n. 1, p. 42-58, 2017.

SAMPAIO, T. M. V.; TAVARES, L. C. V. A capoeira: nicho ecológico para repensar a concepção de jogo-educação. **Licere**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p.1-19. 2007.

SANTA CATARINA. Lei complementar n. 495 de 26 de janeiro de 2010. **Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina**, Florianópolis, 26 jan. 2010. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/sc/lei-complementar-n-495-2010-santa-catarina-institui-as-regioes-metropolitanas-de-florianopolis-do-vale-do-itajai-do-norte-nordeste-catarinense-de-lages-da-foz-do-rio-itajai-carbonifera-e-de-tubarao>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SANTIN, S. **Educação física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. 2. ed. Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 1996. 114 p.

SANTOS, G. de O. Alguns sentidos e significados da capoeira, da linguagem corporal, da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 123-136, 2009.

SOUZA, E. G. R. da S. Capoeira: sua História e as Relações de Gênero. *In*: XIV Encontro Regional de História - ANPUH-Rio - Memória e Patrimônio, 2010, Rio de Janeiro. **Anais** [...] Rio de Janeiro, RJ: UNIRIO, 2010.

YIN, R. K. **Case study research design and methods**. 5 ed. Thousand Oaks: Sage, 2014. 282



Na esperança de que a minha alegria com a realização deste trabalho tenho alcançado o seu coração, para dar início as considerações continuais, deixo como sugestão de escuta a poesia de Manoel de Barros, cantada pelo grupo Crianças.

TERMINA A RODA: O JOGO CONTINUA

“Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro. Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (as do mundo e as nossas)”
Manoel de Barros (2015)

Em um país como o Brasil, com uma acentuada desigualdade social, torna-se significativo que manifestações culturais como a capoeira, que expressa, também, a produção cultural e epistemológica das margens da sociedade, sejam reconhecidas, contribuindo de forma a avançar nos conhecimentos sobre elas. Dessa maneira, contribuimos com o campo acadêmico-científico, mas também com a capoeira, dando visibilidade a essa prática, bem como às pessoas que dela participam.

Esta pesquisa possibilitou uma compreensão de como o brincar se manifesta nas rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC), bem como os significados e sentidos atribuídos a elas por seus participantes. Identificamos o brincar como um traço significativo dessas rodas, as quais se posicionam de forma a resistir às opressões e violências vivenciadas. Além disso, esta investigação possibilitou a apreciação de como a pandemia da covid-19 impactou o contexto investigado. Ao compreender melhor esse contexto, podemos valorizar e promover a cultura como possibilidade lúdica, corroborando para o entendimento do brincar e da capoeira como elementos importantes para o desenvolvimento e a emancipação das pessoas, nos âmbitos pessoal e social.

As restrições impostas pela pandemia da covid-19 foram uma limitação e um desafio para a realização da pesquisa, impossibilitando intervenções presenciais. Contudo, após cuidadoso processo de adaptação da metodologia, decidimos explorar os recursos digitais para a realização das entrevistas *online*, tais quais os registros de fotos e vídeos para nos aproximarmos do contexto investigado. Assim, suprimos satisfatoriamente essa dificuldade inicial. Nesse sentido, os objetivos iniciais foram alcançados, inclusive, com projeção da escrita de artigos futuros sobre as memórias das infâncias desses capoeiristas em relação a essas rodas; como eles percebem a

participação das crianças nesses locais; e as facilidades e as dificuldades percebidas por eles para a realização dessas rodas.

Ademais, os resultados encontrados nessa investigação não devem ser generalizados, pois retratam um contexto particular e peculiar. Não deixam, contudo, de serem registros significativos para compreensão profunda dos fenômenos investigados. Por fim, destacamos que as discussões sobre o tema não se esgotam aqui, portanto, incentivamos novos estudos semelhantes em contextos diversos, capazes de iluminar e desvendar outros sentidos e significados para as distintas formas e possibilidades de manifestação do brincar na capoeira.

REFERÊNCIAS

- ABEIRAMAR.TV. **Retalhos de Toni Vargas: sobreviver brincando**. Abeiramar.tv, 2014. 1 vídeo (8min 31s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f5HSpaoIrY&t=53s>
- ALVES, Rubem. **Do universo a jabuticaba**. 3.ed. São Paulo: Planeta, 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BENITES, Larissa Cerignoni; *et al.* Análise de conteúdo na investigação pedagógica em educação física: estudo sobre estágio curricular supervisionado. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 35-50, 2016.
- DE BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- DOMÍNGUEZ, Maria Eugenia. **Rodas de capoeira: arte e patrimônio de Florianópolis**. Florianópolis: Contraponto, 2010.
- FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. 2004. 408 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- FCGF – Fórum de Capoeira da Grande Florianópolis (orgs.). **Mapeamento social da capoeira em Florianópolis**. Florianópolis: Cruz e Sousa, 2019.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- IÓRIO, Laércio Schwants; DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física, Capoeira e Educação Física Escolar: possíveis relações. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**: São Paulo, v.4, n. 4, p. 137-143, out./dez. 2005.
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira**. Brasília: Distrito Federal: IPHAN, 2014.
- JAMES, Nalita; BUSHYER, Hugh. Credibility, authenticity and voice: Dilemmas in online interviewing. **Qualitative research**, Cardiff, v. 6, n. 3, p. 403-420, 2006.
- KNABBEN, Kiko; GIORGIA, Enae. **Nego bom de pulo: Mestre Nô e a capoeira da ilha**. Kiko Knabben, 2016. 1 vídeo (1h 23min 13s). Disponível em: <https://youtu.be/TsWIRAg5no>

KOK, Glória Porto. **A escravidão no Brasil colonial**. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: editora atlas s.a, 2003.

MARTINS, Samara Escobar; *et al.* A capoeira, o lazer e o lúdico na escola. *In*: Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer (CBEL), 2021, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: CBEL, 2021, v.1, p. 650-654.

MEIRELLES, Renata; ECKSCHMIDT, Sandra; SAURA, Soraia Chung. **Olhares por dentro do brincar e jogar, atualizados no corpo em movimento**. *In*: MARIN, Elizara Carolina; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando (org.). *Jogos tradicionais e Educação Física escolar*. Curitiba: CRV, p. 63-78, 2016.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta**. *In*: MINAYO, Maria Cecília Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, p. 61-77, 2009.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

O'CONNOR, Henrietta; MADGE, Clare. **Online interviewing**. *In*: FIELDING, Nigel; LEE, Raymond; BLANK, Grant. (Orgs.) *The SAGE Handbook of online research methods*. Nova York: SAGE Publications Ltd, p. 416-434, 2017.

PINÓQUIO. **A capoeira não é luta do padrão**. Mestre Pinóquio, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=thGa9fQpTg0&t=2413s>

PINTO, Fábio Machado. *Movimento/ Cultura popular: a luta continua camará*. **Motrivivência**: Florianópolis, v. 22, n. 14, p. 115-132, 2000.

PINTO, Fábio Machado; *et al.* (orgs.). **Cadernos de capoeira – Capoeira da ilha: história e constituição**. Florianópolis: add+ planejamento livros, 2014.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

PIQUINÊS. **Sou movido pela capoeira**. Mestre Piquinês, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OgyGZmGiTOM>

POLIT, Denise; BECK, Cheryl Tatano. **Essentials of nursing research: Appraising evidence for nursing practice**. 8. ed. Philadelphia: Wolters Kluwer/Lippincott Williams & Wilkins, 2014

TUNAI-AROZI. **A capoeira na roda e na rua – Florianópolis: Um pequeno documentário que aborda a cultura da capoeira**. Florianópolis: Tunai Arozi, 2017. 1 vídeo (10 min 58s). Disponível em: https://youtu.be/bp1OorEFX_g

RODRIGUES, Ana Isabel; COSTA, Antonio Pedro. **A imagem em investigação qualitativa: análise de dados visuais**. In: AMADO, João; CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro [Orgs.]. Referencias teoricas e metodológicas de investigação em educação e ciências sociais. Salvador: Edições UESB, 2017. p. 195 -218.

SALMONS, Janet. **Designing and Conducting Research with Online Interviews**. In: Cases in Online Interview Research. Nova York: SAGE Publications Ltd, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MARTINS, Bruno Sena (orgs.). O pluriverso dos direitos humanos. A diversidade das lutas pela dignidade. Coimbra: Edições 70, p. 41-66. 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. Oficina do CES nº 135: Centro de Estudos Sociais, 1999.

SANTOS, Gilbert de Oliveira. Alguns sentidos e significados da capoeira, da linguagem corporal, da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**: Campinas, v. 30, n. 2, p. 123-136, jan. 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza; ARAÚJO, Sara; BAUMGARTEN, Maíra. As epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. **Sociologias**: Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 14-23. Set./dez. 2016.

SAURA, Soraia Chung. O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**: São Paulo, v. 28, n. 1, p. 163-175, jan./ mar. 2014.

SHENTON, Andrew K. Strategies for ensuring trustworthiness in qualitative research projects. **Education for information**, v. 22, n. 2, p. 63-75, 2004.

SILK, Michael; CAUDWELL, Jayne; GIBSON, Heather. Views on leisure studies: pasts, presents & future possibilities? **Leisure Studies**, Londres, v. 36, n. 2, p. 153-162, 2017. <https://doi.org/10.1080/02614367.2017.1290130>

SILK, Michael. Come Downtown & Play. **Leisure Studies**, Londres, v. 26, n. 3, p. 253-277, 2007). <https://doi.org/10.1080/02614360601053889>

TUCANO-PRETO. **Soltei meu barco no mar** iô iô. Mestre Tucano Preto, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-_jMsidR52U

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v.22, n.44, 2014.

WILLMS, Elni Elisa; GOMES, Fabio José Cardias. Educação de sensibilidade crepuscular: escrevendo o corpo na capoeira angola. **Polifonia**: Cuiabá, v. 21, n. 30, p. 209-227, 2014.

APÊNDICE A

Caracterização

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Apelido:
5. Grupo:
6. Graduação:
7. Tempo de capoeira:
8. Nome fictício:

Eixos temáticos:

- 1 – A capoeira, o brincar e o lúdico.
- 2 – Envolvimento com as rodas de rua.

Perguntas eixo 1: A capoeira, o brincar e o lúdico.

1. Quando você começou a praticar capoeira?
 - 1.1 Você tem fotos suas na capoeira? Eu posso ver? **(A partir desse momento usar as imagens – se houver – na entrevista)**
 - 1.2 Se começou na infância: como era ser criança e capoeirista naquela época?
2. O que te faz permanecer na capoeira?
3. O que a capoeira significa para você?
4. O que você sente quando está praticando capoeira?
5. O que a capoeira representa na sua vida?
6. Você acredita que a capoeira te ensinou algo? Se sim, o que?
7. O que é brincar para você?
8. O que é lúdico para você?
9. Você percebe aproximações entre a capoeira, o brincar e o lúdico?
 - 9.1 Se sim, de que forma?
 - 9.2 Se não, por quê?

Perguntas eixo 2: Envolvimento com as rodas tradicionais de rua.

1. Quais rodas tradicionais de rua de Florianópolis você conhece?
 - 1.1 Quais você frequenta? Por quê?
2. Você gosta de estar nas rodas de rua? Por quê?
3. Qual lugar você mais gosta de ocupar na roda de capoeira?
4. Você lembra da primeira vez que esteve em uma roda de rua?

- 4.1 Quantos anos você tinha
- 4.2 O que te motivou a ir?
- 4.3 Como foi?
- 4.4 Lembra o que você sentiu ou qual foi a sensação?
5. As rodas de rua são frequentadas por crianças?
 - 5.1 Se sim, qual a participação das crianças nessas rodas?
 - 5.1.1 Você observa maior participação de meninos ou meninas? Ou há equilíbrio na participação de ambos?
 - 5.1.2 Geralmente, quem leva estas crianças (pai, mãe, tio(a), primo(a), avó, avô, etc)?
 - 5.2 Se não, por que você acredita que isso acontece?
6. Você acredita que a roda de rua possa ser lúdica?
 - 6.1 Se sim, de que forma?
 - 6.2 Se não, por quê?
7. Você acredita que a roda de rua possa ser um espaço para o brincar?
 - 7.1 Se sim, de que forma e para quem?
 - 7.2 Se não, por quê?
 - 7.3 Você se considera um brincante nas rodas de rua?
8. O que você faz na roda de rua?
9. O que você sente quando está na roda?
10. Você se prepara para essa roda? Se sim, de que forma?
 - 10.1 Você tem uma roupa específica?
 - 10.2 Leva algum objeto?
 - 10.3 Segue algum ritual?
11. Você acredita que as rodas de rua são importantes? Se sim, para quê e por quê?
12. A participação nessas rodas teve alguma influência na sua vida? Qual?
13. A pandemia da covid-19 trouxe repercussões para as rodas tradicionais de rua?
Em caso afirmativo, quais?
 - 13.1 Isso afetou você? De que forma?
 - 13.2 Isso afeta a comunidade da capoeira? Como?
14. Você percebe alguma facilidade para a realização dessas rodas? Se sim, quais?
15. Você percebe alguma dificuldade para a realização dessas rodas? Se sim, quais?
16. Existe alguma outra questão sobre esse tema que não foi contemplada pela nossa conversa e que você gostaria de acrescentar?

APÊNDICE B

MATRIZ ANALÍTICA

Objetivo Geral: Investigar a linguagem do brincar nas rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC) através da escuta da trajetória dos capoeiristas em relação a essas rodas.	
Objetivo específico	Perguntas
<p>Mapear as rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC).</p>	<p>Eixo II</p> <p>1 Quais rodas tradicionais de rua de Florianópolis você conhece?</p> <p>1.1 Quais você frequenta? Por quê?</p>
<p>Verificar quem são os frequentadores das rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC).</p>	<p>Caracterização (nome, idade, grupo, etc.)</p> <p>Eixo I</p> <p>1.1 Você tem fotos suas na capoeira? Eu posso ver?</p>
<p>Coletar as memórias das infâncias dos capoeiristas em relação as rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC).</p>	<p>Eixo I</p> <p>1 Quando você começou a praticar capoeira?</p> <p>1.2 Se começou na infância: como era ser criança e capoeirista naquela época?</p> <p>Eixo II</p> <p>4 Você lembra da primeira vez que esteve em uma roda de rua?</p> <p>4.1 Quantos anos você tinha</p> <p>4.2 O que te motivou a ir?</p> <p>4.3 Como foi?</p> <p>4.4 Lembra o que você sentiu ou qual foi a sensação?</p>
<p>Compreender como os capoeiristas das rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC) percebem a participação das crianças nas rodas que frequentam.</p>	<p>Eixo II</p> <p>5 As rodas de rua são frequentadas por crianças?</p> <p>5.1 Se sim, qual a participação das crianças nessas rodas?</p> <p>5.1.1 Você observa maior participação de meninos ou meninas? Ou há equilíbrio na participação de ambos?</p> <p>5.1.2 Geralmente, quem leva estas crianças (pai, mãe, tio(a), primo(a), avó, avô, etc)?</p> <p>5.2 Se não, por que você acredita que isso acontece?</p>
<p>Identificar os significados atribuídos pelos capoeiristas às rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC).</p>	<p>Eixo II</p> <p>2 Você gosta de estar nas rodas de rua? Por quê?</p> <p>3 Qual lugar que você mais gosta de ocupar na roda de capoeira?</p> <p>6 Você acredita que a roda de rua possa ser lúdica?</p> <p>6.1 Se sim, de que forma?</p> <p>6.2 Se não, por quê?</p> <p>7 Você acredita que a roda de rua possa ser um espaço para o brincar?</p> <p>7.1 Se sim, de que forma e para quem?</p> <p>7.2 Se não, por quê?</p> <p>7.3 Você se considera um brincante nas rodas de rua?</p> <p>8 O que você faz na roda de rua?</p> <p>9 O que você sente quando está na roda?</p> <p>10 Você se prepara para essa roda? Se sim, de que forma?</p> <p>10.1 Você tem uma roupa específica?</p> <p>10.2 Leva algum objeto?</p> <p>10.3 Segue algum ritual?</p> <p>11 Você acredita que as rodas de rua são importantes? Se sim,</p>

	<p>para quê e por quê?</p> <p>12 A participação nessas rodas teve alguma influência na sua vida? Qual?</p>
Compreender a concepção de lúdico e do brincar dos frequentadores das rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis.	<p>Eixo I</p> <p>7 O que é brincar para você?</p> <p>8 O que é lúdico para você?</p> <p>9 Você percebe aproximações entre a capoeira, o brincar e o lúdico?</p> <p>9.1 Se sim, de que forma?</p> <p>9.2 Se não, por quê?</p>
Compreender a concepção de capoeira dos frequentadores das rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis.	<p>Eixo I</p> <p>2 O que te faz permanecer na capoeira?</p> <p>3 O que a capoeira significa para você?</p> <p>4 O que você sente quando está praticando capoeira?</p> <p>5 O que a capoeira representa na sua vida?</p> <p>6 Você acredita que a capoeira te ensinou algo? Se sim, o que?</p>
Identificar facilidades e dificuldades percebidas pelos frequentadores das rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC), para realização delas	<p>Eixo II</p> <p>14 Você percebe alguma facilidade para a realização dessas rodas? Se sim, quais?</p> <p>15 Você percebe alguma dificuldade para a realização dessas rodas? Se sim, quais?</p>
Investigar as repercussões da pandemia da covid-19 para as rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC) e seus frequentadores.	<p>Eixo II</p> <p>13 A pandemia da covid-19 trouxe repercussões para as rodas tradicionais de rua? Em caso afirmativo, quais?</p> <p>13.1 Isso te afetou? De que forma?</p> <p>13.2 Isso afeta a comunidade da capoeira? Como?</p>

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de mestrado intitulada “A linguagem do brincar nas rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis”, que fará uma entrevista semiestruturada, tendo como objetivo investigar a linguagem do brincar nas rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis (SC) na percepção dos(as) capoeiristas que participam dessas rodas. Além disso, faremos levantamento de registros audiovisuais que os(as) participantes possam ter dessas rodas.

Serão previamente marcados a data e horário para realização da entrevista semiestruturada, que poderá ser presencial ou *online* de acordo com a disponibilidade e preferência dos(as) participantes. Além disso, utilizaremos um gravador para registrar na íntegra as entrevistas, destacando que os vídeos e áudios gerados serão utilizados única e exclusivamente para esse estudo.

O(a) Senhor(a) não terá despesas e nem será remunerado para participação na pesquisa. Os riscos destes procedimentos serão médios por envolver questões que podem constranger os(as) participantes de alguma forma. No entanto, o(a) participante está no direito de não responder as questões, caso não queira.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão a disponibilização de informações que ajudarão a compreender de forma mais ampla a percepção dos capoeiristas sobre a linguagem do brincar nas rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis. As pessoas que acompanharão os procedimentos serão as pesquisadoras Samara Escobar Martins (estudante de mestrado) e a professora responsável Alcyane Marinho.

O(a) senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento. Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Alcyane Marinho

NÚMERO DO TELEFONE: (48) 3664-8629

ENDEREÇO: Rua Pascoal Simone, n 358, bairro Coqueiros, Florianópolis (SC)

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UEDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901

Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 –

E-mail: cepesh.reitoria@udesc.br / cepesh.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SEPN 510, Norte, Bloco A, 3ºandar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF- CEP:
70750-521

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado(a) sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado(a) que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso : _____

Assinatura _____

Local: _____

Data: ____/____/____ .

APÊNDICE D

CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES

Permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação da minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada: “A linguagem do brincar nas rodas de rua tradicionais de capoeira em Florianópolis”. Bem como, concordo com a utilização de material audiovisual próprio, fotos e vídeos do meu acervo pessoal, quando houver e se entregues de livre e espontânea vontade. Igualmente, esses serão utilizados exclusivamente para realização da referida pesquisa.

Concordo que esses materiais e informações obtidas, relacionadas à minha pessoa, possam ser utilizados em eventos científicos ou publicações científicas.

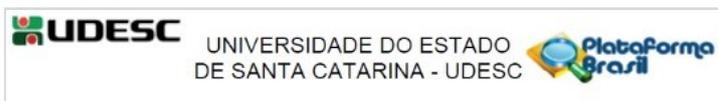
As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do grupo de pesquisadoras pertinentes ao estudo e, sob a guarda delas.

Florianópolis, _____ de _____ de 2021

Nome do(a) participante

Assinatura do(a) participante

ANEXO A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O brincar de crianças e adolescentes na grande Florianópolis (SC): investigação sobre jogos, brinquedos e brincadeiras em diferentes contextos

Pesquisador: Alcyane Marinho

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 32856220.7.0000.0118

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC UDESC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.124.859

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1565456.pdf	01/06/2020 22:08:37		Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	01/06/2020 22:05:20	MARIA EDUARDA TOMAZ LUIZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Escarecido_menores_ou_dependentes_.pdf	29/05/2020 12:29:46	MARIA EDUARDA TOMAZ LUIZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_esclarecido_maiores_de_18anos.pdf	29/05/2020 12:29:29	MARIA EDUARDA TOMAZ LUIZ	Aceito
Outros	Consentimento_Para_Fotografias_Videos_e_Graves_menores.pdf	29/05/2020 12:27:56	MARIA EDUARDA TOMAZ LUIZ	Aceito
Outros	Consentimento_Para_Fotografias_Videos_e_Graves_maiores_18_anos.pdf	29/05/2020 12:27:29	MARIA EDUARDA TOMAZ LUIZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento_Informado.pdf	29/05/2020 12:24:47	MARIA EDUARDA TOMAZ LUIZ	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_de_Ciencia_e_Concordancia_Projeto_Brincar.pdf	29/05/2020 12:22:55	MARIA EDUARDA TOMAZ LUIZ	Aceito
Outros	Formulario_de_palavraS_chave.pdf	29/05/2020 12:19:06	MARIA EDUARDA TOMAZ LUIZ	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista_semiestruturada_crianças.pdf	29/05/2020 12:18:28	MARIA EDUARDA TOMAZ LUIZ	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista_semiestruturada_adultos.pdf	29/05/2020 12:17:59	MARIA EDUARDA TOMAZ LUIZ	Aceito
Cronograma	Cronograma_Projeto_Brincar.pdf	29/05/2020 12:16:51	MARIA EDUARDA TOMAZ LUIZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Brincar_.pdf	29/05/2020 12:16:08	MARIA EDUARDA TOMAZ LUIZ	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANÓPOLIS, 30 de Junho de 2020

Assinado por:
Gesilani Júlia da Silva Honório
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Madre Benvenuta, 2007
Bairro: Itacorubi CEP: 88.035-001
UF: SC Município: FLORIANÓPOLIS
Telefone: (48)3664-8084 Fax: (48)3664-8084 E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br